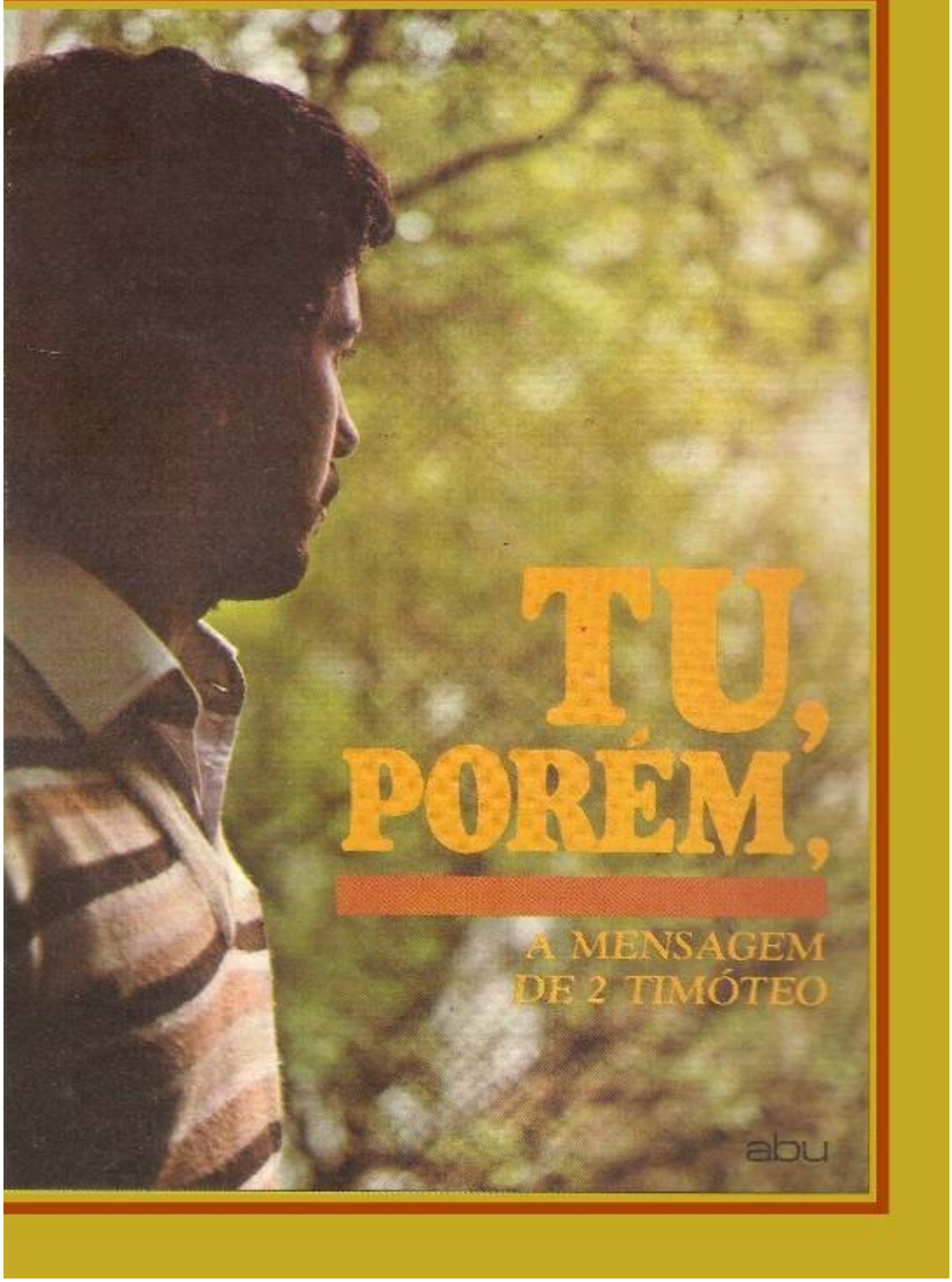
A BÍBLIA FALA HOJE

JOHN R. W. STOTT



TU, PORÉM,

A MENSAGEM DE 2 TIMÓTEO

abu

A Bíblia Fala Hoje
Editores da série: J. A. Motyer (AT)
John R. W. Stott (NT)

Tu, porém,
A mensagem de 2 Timóteo

TU PORÉM

A mensagem de 2 Timóteo

John R. W. Stott

Impresso nas oficinas da
Associação Religiosa
Imprensa da Fé
CP. 18918 São Paulo - Brasil
C.G.C. 62.202.528/0001-09

ABU Editora

Digitalização: valadaobatistoni
www.portaldetonando.com.br/forumnovo/



TU, PORÉM, ...

Traduzido do original em inglês GUARD THE GOSPEL
© Inter-Varsity Press, Leicester, Inglaterra

Direitos reservados pela
ABU Editora S/C
C. Postal 30505
01000 - São Paulo - SP - Brasil.

A ABU Editora é a publicadora da Aliança Bíblica Universitária do Brasil - A.B.U.B.

Tradução de João Alfredo dal Bello

Revisão de Milton A. Andrade

O texto bíblico utilizado neste livro é o da Edição Revista e Atualizada no Brasil, da Sociedade Bíblica do Brasil, exceto quando outra versão é indicada.

1a Edição – 1982
ABU EDITORAS/C
Rua Embaú, 235 04039 –
São Paulo-SP
C.G.C. 46.394,69/0001-74

Prefácio Geral

A Bíblia Fala Hoje constitui uma série de exposições, tanto do Velho como do Novo Testamento, caracterizadas por um triplo objetivo: exposição acurada do texto bíblico, relacionar o texto com a vida contemporânea, e leitura agradável.

Esses livros não são, pois, "comentários", já que um comentário busca mais elucidar o texto do que aplicá-lo, e tende a ser uma obra mais de referência do que literária. Por outro lado, esta série também não apresenta aquele tipo de "sermões" que, pretendendo ser contemporâneos e de leitura acessível, deixam de abordar a Escritura com suficiente seriedade.

As pessoas que contribuíram nesta série unem-se na convicção de que Deus ainda fala através do que ele já falou, e que nada é mais necessário para a vida, para o crescimento e para a saúde das igrejas ou dos cristãos do que ouvir e atentar ao que o Espírito lhes diz através da sua velha (e contudo sempre atual) Palavra.

J. A. MOTYER J. R. W. STOTT
Editores da série

SUMÁRIO

Prefácio Geral....3
Prefácio....4
Principais Abreviações e Bibliografia....5
Introdução....6
CAPÍTULO 1 Primeira Exortação: Guarda o Evangelho!....10
CAPÍTULO 2 Segunda Exortação: Sofre Pelo Evangelho!....21
CAPITULO 3 Terceira Exortação: Permanece no Evangelho!....36
CAPÍTULO 4 Quarta Exortação: Prega o Evangelho!....47

Prefácio

Nos últimos cinco anos tenho me sentido como que vivendo esta segunda carta de Paulo a Timóteo. Em pensamento tenho me colocado ao lado de Timóteo, esforçando-me em ouvir atentamente esta exortação final do idoso apóstolo. Tenho também tentado comunicar essa mensagem a muitas pessoas: à congregação da Igreja de All Souls, Londres, no outono de 1967; a cerca de 9000 estudantes no grande congresso missionário de Urbana em dezembro de 1967; aos participantes da Convenção de Keswick em 1969; a vários grupos de pastores na América, no País de Gales, na Irlanda, na Nova Zelândia, na Austrália e em Singapura; e a alguns bispos Anglicanos antes da Conferência de Lambeth em 1968. Em cada oportunidade em que apresentei essa mensagem renovava em mim o sentimento de contemporaneidade do que o apóstolo escreveu, especialmente para com jovens líderes cristãos. Pois que também o nosso tempo é um tempo de confusão teológica e moral, e até mesmo de apostasia. E o apóstolo nos exorta, tal como o fez a Timóteo, a ser forte, corajoso e perseverante.

As palavras que para mim sintetizam esta epístola de 2 Timóteo são as duas palavrinhas monossilábicas *su de* ("TU, POREM,..."), que aparecem quatro vezes. Timóteo é chamado a ser diferente. Ele não deve se submeter as pressões da opinião pública, ou conformar-se ao espírito de sua época, mas antes deve permanecer firme na verdade e na justiça de Deus. Creio que nada é mais necessário aos cristãos de hoje do que esta mesma coragem.

Expresso meu profundo agradecimento a minha secretária, Francês Whitehead, por sua eficiência e incansável trabalho nos últimos dezessete anos, na datilografia de inumeráveis manuscritos. O deste livro, por sinal, creio que ela nunca se esquecerá, pois que foi a causa indireta de um acidente que lhe causou a dor de um dedo deslocado! .. .

John R. W. Stott

Principais Abreviações e Bibliografia

AG	*A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature* de William F. Arndt e F. Wilbur Gingrich (University of Chicago Press e Cambridge University Press, 1957).
Alford	*The Greek Testament,* a Criticai and Exegetical Commentary, por Henry Alford. Vol. III (Rivington, 4ª Edição, 1865).
Barrett	*The Pastoral Epistles* por C. K. Barrett (The New Clarendon Bible, Oxford University Press, 1963).
BLH	*A Bíblia na Linguagem de Hoje* (Sociedade Bíblica do Brasil).
BJ	*A Bíblia de Jerusalém* (Edições Paulinas).
BV	*A Bíblia Viva* (Mundo Cristão).
Calvino	*The Epistles of Paul to Timothy and Titus* por João Calvino, 1548 (Oliver and Boyd, 1964).
CIN	*Cartas às Igrejas Novas* (J. B. Phillips)
Ellicott	*The Pastoral Epistles of St. Paul* por C. J. Ellicott, 1861 (Longmans, 4ª edição, 1869).
ERAB	*Edição Revista e Atualizada no Brasil* (Sociedade Bíblica do Brasil)
ERC	*Edição Revista e Corrigida* (Imprensa Bíblica Brasileira)
Eusébio	*The Ecclesiastical History* por Eusébio, bispo de Cesaréia, 4º século d.C. Traduzido por H. J. Lawlor e J. E. L. Oulton (S. P. C. K., 1927).
Fairbairn	*Commentary on the Pastoral Epistles* por Patrick Fairbairn, 1874 (Oliphants e Zondervan, 1956).
Guthrie	*The Pastoral Epistles* por Donald Guthrie (Tyndale New Testament Commentaries, Tyndale Press e Eerdmans, 1957).
Hanson	*The Pastoral Letters* por A. T. Hanson (The Cambridge Bible Commentary on the New English Bible, Cambridge University Press, 1966).
Hendriksen	*The Epistles to Timothy and Titus* por William Hendriksen (Baker Book House, 1957 e Banner of Truth Trust,1959).
LS	*Greek - English Lexicon* compilado por H. G. Liddell e R. Scott. Nova edição por H. S. Jones (Oxford University Press, 1925-40).
Lock	*The Pastoral Epistles,* a Critical and Exegetical Commentary, por Walter Lock (The International Criticai Commentary, T. e T. Clark, 1924).
MM	*The Vocabulary of the Greek Testament* por J. H. Moulton e G. Milligan, 1930 (Hodder e Stoughton, 1949).
Moule	*The Second Epistle to Timothy* por Handley C. G. Moule (da série The Devotional Commentary, Religious Tract Society, 1905).
PAPF	*Bíblia Sagrada,* tradução do Pe. Antônio P. de Figueiredo (Barsa).
Plummer	*The Pastoral Epistles* por Alfred Plummer (The Expositor's Bible, Hodder e Stoughton, 1888).
Simpson	*The Pastoral Epistles* por E. K. Simpson (Tyndale Press, 1954).
White	*The Pastoral Epistles* por Newport J. D. White (The Expositor's Greek Testament, Hodder e Stoughton, 1910).

Introdução

O Rev. Handley Moule confessou ter-lhe sido muito difícil ler a segunda carta de Paulo a Timóteo sem sentir as lágrimas brotarem nos olhos.[1] Isso é compreensível, já que se trata de um documento humano bastante comovedor.

Imaginemos o apóstolo Paulo, já idoso, definhando numa masmorra escura e úmida em Roma, de onde não deverá sair, a não ser para a morte. O seu trabalho apostólico está concluído, tanto que ele pode dizer: "completei a carreira". Agora, no entanto, compete-lhe tomar providências para que, depois da sua partida, a fé seja transmitida sem se contaminar, genuína, às gerações futuras. Assim ele dá a Timóteo esta soleníssima missão. Cabe-lhe preservar, a qualquer preço, o que recebeu, e transmiti-lo a homens fiéis, que por sua vez sejam também idôneos para ensinar a outros (2:2).

Para bem captar a mensagem da carta e sentir todo o seu impacto, é necessário entender a situação no contexto em que foi escrita. Há quatro pontos a considerar.

1. **Trata-se de uma genuína carta de Paulo a Timóteo**

A genuinidade das três epístolas pastorais foi quase que universalmente aceita na igreja primitiva. Alusões a elas possivelmente ocorrem na carta de Clemente de Roma aos coríntios, já no ano 95 d.C; provavelmente também nas cartas de Inácio e Policarpo, nas primeiras décadas do segundo século; e certamente ocorrem nas obras de Irineu, nos fins do século. O Cânon Muratório, que data de cerca do ano 200 d.C, atribui as três epístolas ao apóstolo Paulo. A única *exceção* a este testemunho é a do herege Marcion, que foi excomungado em 144 d.C, em Roma. Mas Marcion tinha razões de ordem teológica para rejeitar esta (e outras) epístolas do Novo Testamento. Tertuliano mostrou-se surpreso por Marcion ter omitido as epístolas pastorais de seu cânon. Eusébio incluiu-as, no século quarto, entre "as quatorze epístolas de Paulo", que "são conhecidas e claras (no tocante à sua autenticidade)", sendo a décima-quarta a epístola aos Hebreus, que alguns não aceitam ser paulina.[2]

Este testemunho quanto à autenticidade das epístolas pastorais permaneceu como uma tradição intacta até quando, em 1807, F. Schleiermacher repudiou 1 Timóteo e, em 1835, F. C. Baur rejeitou tanto 2 Timóteo como Tito. A partir de então, teólogos agruparam-se em cada lado desse debate, e assim as pastorais passaram a ter fortes críticos e ardorosos defensores. Para uma crítica esmerada, o leitor queira reportar-se à obra de P. N. Harrison, "The Problem of the Pastorals" (1921) e, para uma defesa da tradicional autoria paulina, reporte-se aos comentários de William Hendriksen (pp. 4-33) e Donald Guthrie (pp. 12-52 e 212-228). Aqui estes assuntos podem ser só delineados.

A melhor maneira de começar é reconhecer que, no primeiro versículo de cada uma das três cartas, o autor faz uma clara e solene reivindicação de ser o apóstolo Paulo. Ele faz alusão também ao seu zelo perseguidor anterior (1 Tm 1: 12-17), à sua conversão e missão de apóstolo (1 Tm 1: 11; 2: 7; 2 Tm 1: 11) e aos seus sofrimentos por Cristo (p. ex.: 2 Tm 1: 12; 2:9-10; 3: 10-11). E ainda mais, a personalidade do apóstolo parece permear estas cartas. O Rev. Moule escreveu a respeito de 2 Timóteo: "O coração humano está nela presente, de começo a fim. E os falsários daquela época não lograriam imitá-lo com tanta perfeição, pois é certo que não entendiam bem do coração humano".[3] Por esta razão, até mesmo os que negam a autoria paulina destas cartas tendem a crer que o escritor incorporou em sua obra genuínos fragmentos paulinos.

A primeira área em que a autoria paulina das pastorais é questionada *é* a *histórica.*

---

[1] Moule, p. 16.

[2] Eusébio.III. 3.5.

[3] Moule, p. 21.

Argumenta-se que, uma vez que as cartas mencionam visitas de Paulo a Éfeso e à Macedônia (1 Tm 1: 3), a Creta e a Nicópolis (Tt 1: 5; 3: 12), a Trôade, a Mileto e a Roma (1 Tm 1: 17; 4: 13, 20), as quais não se coadunam com o registro de Lucas em Atos, com respeito às jornadas do apóstolo, elas devem ser, então, uma invenção do autor ou, quem sabe, visitas autênticas colocadas engenhosamente fora de lugar. Mas se o apóstolo foi liberto de sua prisão em Roma e, então, prosseguiu suas viagens (como ele mesmo esperava e como diz a tradição), até ser preso de novo, é perfeitamente possível reconstruir a ordem dos acontecimentos (como veremos mais adiante), sem nenhuma necessidade de acusar o autor de criar ficção ou romance.

O segundo argumento é de ordem *literária.* Críticos rejeitam a autoria paulina das Pastorais baseando-se em que uma boa parte do vocabulário nelas empregado não se encontra nas outras dez cartas atribuídas a Paulo (algumas palavras nem mesmo aparecem em todo o resto do Novo Testamento), e ainda em que numerosas expressões paulinas daquelas dez cartas estão ausentes nas Pastorais. Há uma abundância de paulinismos nas Pastorais, contudo, tanto em estilo como em linguagem, e as mudanças de tempo, de situação e de tema são suficientes para responder pelas peculiaridades nelas existentes.[4]

O terceiro argumento, de cunho *teológico,* assume várias formas. Muitos sustentam que o Deus das primeiras cartas paulinas (Pai, Filho e Espírito Santo) e a síndrome graça-fé-salvação-obras passaram a ser sutilmente deixados de lado, não mais soando como verdade. Não pode haver dúvida, contudo, de que as Pastorais mostram a iniciativa de eleição e de redenção de "Deus nosso Salvador". Este deu o seu Filho para morrer, em nosso resgate, o qual ressuscitou e agora nos justifica por sua graça e nos regenera por seu Espírito, de modo que podemos viver uma nova vida de boas obras. Muitos pretendem que a heresia que as Pastorais deixam perceber como então existente (a negação da ressurreição, o amor ao asceticismo, "mitos" e "genealogias"), é a heresia do gnosticismo, desenvolvida no segundo século, talvez pelo próprio Marcion.

Tal conjectura ignora, porém, os aspectos judaicos da heresia (p. ex. Tt 1: 10, 14; 3: 9; 1 Tm 1:3-11) e suas evidentes semelhanças com a heresia dos colossenses, a quem o apóstolo já havia escrito pessoalmente, um ou dois anos antes.

O quarto argumento é de caráter *eclesiástico,* isto é, que as estruturas da Igreja consideradas nas Pastorais são as do segundo século, incluindo o episcopado monárquico, a que o bispo Inácio de Antioquia se referiu em suas cartas. Muitos críticos vão mais além e acham que a atmosfera geral das Pastorais é demasiadamente "igrejeira" para ser de Paulo. Ernst Käsemann[5] cita Martin Dibelius como tendo dito certa vez que as Epístolas Pastorais marcam o início da perspectiva burguesa na Igreja. Acrescenta que, pessoalmente, não pode aceitar como sendo paulinas essas cartas, nas quais a Igreja se tornou "o tema central da teologia", e em que "o evangelho é domesticado", e ainda em que a imagem de Paulo é "grotescamente manchada pela religiosidade".[6] Pode-se tão-somente contestar que este é um julgamento extremamente subjetivo. Cartas anteriores de Paulo já destacam uma elevada doutrina da igreja e do ministério, e Lucas nos informa que no seu programa de ação, desde a sua primeira jornada missionária, Paulo incluía a ordenação de anciãos em cada igreja (Atos 14: 23). É perfeitamente compreensível, então, que ele tenha, mais tarde, desenvolvido este tema, dando instruções de como escolher e nomear ministros, sobre a ordem do culto e quanto à guarda da doutrina. A igreja e o ministério que ele descreve, contudo, ainda são reconhecivelmente os mesmos, e não há qualquer episcopado monárquico ou triplo ministério, já que "bispos" e "anciãos" ainda significavam a mesma coisa.

Conseqüentemente, a conclusão a que chegam muitos teólogos é ainda a de que os argumentos históricos, literários, teológicos e eclesiásticos, que têm sido usados para negar a autoridade paulina das Epístolas Pastorais, não são suficientes para derrubar a evidência, tanto interna como externa, que as autentica como genuínas cartas do apóstolo Paulo, endereçadas a Timóteo e a Tito.

2. Paulo, o escritor da carta, estava preso em Roma

[4] Simpson, p. 15.

[5] *Jesus Means Freedom* (SCM, 1969), p. 88.

[6] *Jesus Means Freedom* (SCM, 1969), pp. 89,

Paulo se intitula "encarcerado do Senhor" (1: 8) e esta era a segunda vez que se achava preso em Roma. Agora ele já não estava desfrutando da relativa liberdade e do conforto da casa que alugara, situação em que se encontrava no final do relato de Lucas em Atos, após o que tudo indica ter sido posto em liberdade, como ele mesmo esperava. Agora, porém, estava encarcerado em algum "escuro calabouço subterrâneo, com um buraco no teto para a passagem de luz e de ar".[7] Talvez fosse, como o quer a tradição, a Prisão Mamertina; de qualquer modo, onde quer que estivesse, Onesíforo o encontrou só depois de uma diligente busca (1: 17). Certamente Paulo estava acorrentado (1: 16), "sofrendo até algemas, como malfeitor" (2: 9). Também a *solidão, o enfado* e o frio da vida em prisão faziam-no sofrer (4: 9-13). A audiência preliminar de seu caso já se realizara (4: 16, 17); agora só lhe restava aguardar o julgamento, mas Paulo não contava com a absolvição. A morte lhe parecia inevitável (4:6-8). Como se deu isso?

Parece que, depois de ter sido solto de sua primeira prisão (a domiciliar, em Roma, descrita no final de Atos), Paulo "novamente se põe a caminho, no ministério de pregação".[8] Foi a Creta, onde deixou Tito (Tt 1: 5) e depois a Éfeso, onde deixou Timóteo (1 Tm 1: 3, 4). Talvez ele tenha prosseguido viagem até Colossos para encontrar-se com Filemom, conforme planejara (Fm 22), e certamente chegou em Macedônia (1 Tm 1; 3). Das cidades da Macedônia visitadas por ele, uma deve ter sido Filipos (Fp 2: 24). Da Macedônia enviou a sua primeira carta a Timóteo, que se achava em Éfeso, e a sua carta a Tito, que se encontrava em Creta. Paulo contou a Tito sua intenção de passar o inverno em Nicópolis (Tt 3: 12), uma cidade no Épiro, na costa ocidental da Grécia, no Adriático. Presumivelmente essa viagem foi feita, e Tito provavelmente veio juntar-se a ele, como pedira. Se o apóstolo ainda estava em condições de realizar a sua grande ambição de evangelizar a Espanha (Rm 15; 24, 28), isso deve ter ocorrido na primavera seguinte. Clemente de Roma, em sua famosa carta aos Coríntios (cap. 5), disse que Paulo "chegara ao limite extremo do ocidente". Talvez estivesse se referindo somente à Itália, mas uma alusão à Gália ou à Espanha, ou até mesmo à Grã-Bretanha (como alguns sugerem), parece ser mais plausível.

Pode-se admitir, com toda a segurança, que ele manteve a sua promessa de tornar a visitar Timóteo em Éfeso (1 Tm 3: 14, 15). Daí o seu itinerário parece tê-lo levado ao próximo porto de Mileto, onde teve de deixar Trófimo, por se achar enfermo (2 Tm 4: 20); depois foi a Trôade (o porto onde antes tomara o navio para a Europa), onde esteve com Carpo, deixando lá sua capa e alguns livros (2 Tm 4: 13); em seguida foi a Corinto, onde Erasto deixou o grupo (2 Tm 4: 20; cf. Rm 16: 23); e, finalmente, seguiu até Roma. Em algum lugar, nessa jornada, Paulo deve ter sido preso de novo. Teria sido em Trôade, explicando-se assim por que não tivera oportunidade de pegar os seus pertences, tendo de deixá-los na casa de Carpo? Ou aconteceu somente quando chegou a Roma? Não conhecemos as circunstâncias, mas sabemos que foi recapturado e novamente aprisionado e que, desta vez, teve de suportar grande sofrimento, do qual não houve escape. É que a perseguição ordenada por Nero estava então em seu ápice (64 d.C). É possivelmente correta a tradição que nos dá conta de que Paulo foi condenado à morte e então decapitado (assim teria de ser, como cidadão romano), na Via Óstia, cerca de quatro quilômetros distante da cidade. Eusébio, citando Dionísio de Corinto, relata que Paulo e Pedro "foram martirizados na mesma ocasião", acrescentando todavia que a execução de Paulo foi por decapitação e a de Pedro (em atendimento a sua própria solicitação) por crucificação de cabeça para baixo.[9]

Foi pouco antes de morrer, durante a sua última e mais severa prisão, que Paulo enviou a sua segunda mensagem a Timóteo. Paulo escrevia à sombra de sua execução, que lhe parecia iminente. Além de ser uma comunicação muito pessoal ao seu jovem amigo Timóteo, esta carta foi também o registro de sua última vontade, o seu testamento à Igreja.

3. Timóteo, a quem a carta foi endereçada, estava sendo colocado numa posição de responsabilidade, pela liderança cristã, muito além da sua capacidade natural

[7] Hendriksen, p. 234.

[8] Eusébio, II. 22.

[9] Eusébio, II. 25.5, 8 e III. 1

Por mais de 15 anos, desde que fora recrutado em sua cidade natal (Listra), Timóteo tinha sido o fiel companheiro missionário de Paulo. Viajara com ele durante a maior parte da segunda e da terceira viagem, tendo sido, durante as mesmas, enviado como fiel delegado apostólico a diversas missões especiais, como por exemplo a Tessalônica e a Corinto (1 Ts 3: 1ss; 1 Co 4: 17). Acompanhou Paulo, então, a Jerusalém (Atos 20: 1-5) e possivelmente tenha ido com ele na perigosa viagem a Roma. De qualquer forma, Timóteo certamente se encontrava em Roma durante a primeira prisão de Paulo, já que o apóstolo incluiu o seu nome, junto ao seu próprio, ao escrever da prisão as cartas a Filemom, aos Filipenses e aos Colossenses (Fm 1; Fp 1:1; 2:19-24; Cl 1:1).

Paulo não só devotava uma forte afeição a Timóteo, por ter sido o amigo que ele evidentemente levara a Cristo, podendo assim chamá-lo de "filho amado e fiel no Senhor" (1 Co 4:17), mas também aprendera a confiar em Timóteo como o seu "cooperador" (Rm 16: 21) e como "irmão e ministro de Deus no evangelho de Cristo" (1 Ts 3: 2). De fato, em virtude do genuíno interesse de Timóteo pelo bem-estar das igrejas, e por causa da lealdade com que serviu ao evangelho junto com Paulo, "como filho ao pai", Paulo pôde chegar ao ponto de dizer: "a ninguém tenho de igual sentimento" (Fp 2: 20-22). Dentre todos os companheiros de Paulo, Timóteo se destacava.

Não é surpreendente, portanto, que ao se libertar depois de sua primeira prisão, Paulo tenha deixado Timóteo em Éfeso, como um autorizado líder da igreja, um "bispo em embrião". Grandes responsabilidades lhe foram conferidas: combater os heréticos, que conturbavam a igreja local; impor ordem no culto; escolher e ordenar os anciãos da igreja; regularizar a assistência e o ministério às viúvas; e comandar e ensinar a fé apostólica, junto com as obrigações morais dela decorrentes. [10] E agora fardos mais pesados estavam por cair sobre os ombros de Timóteo. É que Paulo estava prestes a ser martirizado e, então, a responsabilidade de preservar intacto o ensino dos apóstolos seria sua em escala bem maior. E, humanamente falando, Timóteo era totalmente inapto para assumir as pesadas responsabilidades de liderança na igreja.

Primeiramente lembremo-nos de que Timóteo ainda era relativamente jovem. Em sua primeira carta, Paulo insistira com ele: "ninguém despreze a tua *mocidade*" (1 Tm 4: 12); e em sua segunda carta, um ano ou dois depois, exortou-o a fugir "das paixões da mocidade" (2 Tm 2: 22). Não sabemos precisamente qual era a sua idade. Supondo que tivesse cerca de 20 anos quando Paulo o recrutara como missionário cooperador, Timóteo estaria agora com a idade de trinta e poucos anos. Esta fase da vida era considerada como pertencente à juventude, porque para o grego ou o romano havia só dois níveis de idade reconhecidos: o *neos* e o *geron* ou o *juvenis* e o *senex,* respectivamente, sendo bastante amplo o espaço coberto pela juventude. Abrangia os adultos em pleno vigor da vida e, no caso de soldados militantes, até cerca de quarenta anos.[11] Certamente trinta anos era uma idade bem jovem para essa liderança na igreja, que fora confiada a Timóteo. Em segundo lugar, Timóteo era propenso à doença. Na primeira carta de Paulo a Timóteo, o apóstolo referiu-se às freqüentes enfermidades que Timóteo tinha, sem, contudo, especificar quais eram. Por causa do estômago, Paulo o aconselhou a deixar de beber somente água, mas a tomar também um pouco de vinho (1 Tm5:23).

Em terceiro lugar, Timóteo era de temperamento tímido. Parece ter sido de natureza arredia. Se tivesse vivido em nossa geração, creio que o teríamos descrito como sendo um "introvertido". Há evidências de que ele relutava diante de tarefas difíceis, tanto que Paulo teve de abrir-lhe caminho para a sua missão, escrevendo aos coríntios: "E, se Timóteo for, vede que esteja sem receio entre vós"; e mais adiante: "ninguém, pois, o despreze" (1 Co 16: 10-11). Várias vezes, nesta segunda carta a Timóteo, o apóstolo exorta-o a tomar a sua parte no sofrimento e a não ter medo ou vergonha, já que Deus não nos deu um espírito de covardia (p.ex.: 2 Tm 1:7-8; 2: 1, 3; 3:12; 4: 5). Essas admoestações eram, evidentemente, necessárias. Paulo conhecia a fraqueza de Timóteo; não podia se esquecer de suas lágrimas, quando se separaram (2 Tm 1: 4). Nas palavras de Fairbairn, Timóteo era mais

[10] Veja o teor da primeira carta de Paulo a Timóteo com suas instruções para um líder de igreja.

[11] Simpson, p. 8.

inclinado a ser comandado do que a comandar.[12]

Assim, pois, era Timóteo: jovem, de estrutura física fraca, de disposição tímida; e, não obstante, chamado a sérias responsabilidades na igreja de Deus.

Uma grande obra lhe estava sendo confiada e, como Moisés, Jeremias e muitos outros antes e depois dele, Timóteo se sentia muito relutante em aceitá-la. Será que algum leitor destas páginas encontra-se numa situação semelhante? Você é jovem, fraco e tímido, e ainda assim Deus o está chamando à liderança? Esta carta contém uma mensagem especial para todos os tímidos Timóteos.

4. Escrevendo a Timóteo, a preocupação de Paulo era com o evangelho, o depósito da verdade que lhe havia sido revelada e confiada por Deus

A carreira de Paulo como obreiro do evangelho estava virtualmente encerrada. Pelo espaço de cerca de 30 anos, ele havia fielmente pregado as boas novas, fundado igrejas, defendido a fé e consolidado a obra. Na verdade, havia "combatido o bom combate, completado a carreira e guardado a fé" (2 Tm 4: 7). Agora aguardava tão-somente a coroa de vitória junto à linha de chegada. Agora era um prisioneiro, logo depois seria um mártir.

Mas o que aconteceria ao evangelho depois da sua morte? O imperador Nero, determinado a reprimir todas as sociedades secretas, e desconhecendo a natureza da igreja cristã, mostrava-se disposto a destruí-la. O número de herejes parecia aumentar. Há bem pouco tempo acontecera uma quase total apostasia dos ensinos de Paulo (2 Tm 1: 15) na província da Ásia. O Rev. Moule chega ao ponto de escrever que "o Cristianismo estremecia, *humanamente falando,* à beira da aniquilação".[13] Quem, pois, combateria pela verdade, depois de Paulo deixar esta vida? Esta era a pergunta que dominava e inquietava a sua mente, enquanto jazia em cadeias, e à qual se reportou nesta epístola. Já em sua primeira carta ele rogara a Timóteo que conservasse bem o depósito: "Ó Timóteo, guarda o que te foi confiado" (1 Tm 6: 20). Mas desde então a situação piorou, de modo a tornar o apelo do apóstolo mais insistente. Timóteo é lembrado de que agora o precioso evangelho lhe foi confiado, que agora era a sua hora de assumir responsabilidade por ele, de pregá-lo e ensiná-lo, de defendê-lo contra os ataques e contra a falsificação, e de assegurar a sua correta transmissão às gerações vindouras. Em cada capítulo Paulo retorna ao mesmo assunto básico, ou a algum aspecto dele. De fato, podemos resumir a mensagem da carta com as palavras de quatro exortações:

Capítulo 1 — Primeira Exortação: Guarda o Evangelho!
Guarda o bom depósito, mediante o Espirito Santo que habita em nós (1:14).

Capítulo 2 — Segunda Exortação: Sofre pelo Evangelho!
Participa de meus sofrimentos, como bom soldado de Jesus Cristo. Lembra-te de Jesus Cristo . . . segundo o meu evangelho, pelo qual estou sofrendo até algemas, como um malfeitor (2:3, 8, 9).
A igreja de nossos dias precisa urgentemente atentar para a mensagem desta segunda carta de Paulo a Timóteo, já que à nossa volta vemos cristãos e igrejas abrindo mão do evangelho, manuseando-o desajeitadamente, incorrendo no perigo de finalmente vê-lo escorrer por entre os dedos. Precisa-se de uma nova geração de jovens Timóteos, que queiram guardar o sagrado depósito do evangelho, que estejam determinados a proclamá-lo e preparados para sofrer por ele; e que o compartilharão puro e incorrupto à geração que, cm seu devido tempo, se levantará em seguida.

Capítulo 3 — Terceira Exortação: Persevera no Evangelho!
Mas os homens perversos e impostores irão de mal a pior, enganando e sendo enganados. Tu, porém permanece naquilo que aprendeste e de que foste inteirado . .. (3:13, 14).

Capítulo 4 — Quarta Exortação: Proclama o Evangelho!

[12] Fairbairn, p. 314.
[13] Moule, p. 18.

Conjuro-te, perante Deus e Cristo Jesus.. ..prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina (4:1, 2).

CAPÍTULO 1
Primeira Exortação: Guarda o Evangelho!

Antes de abordar o tema principal deste capítulo, que é a exortação a Timóteo para não se envergonhar do evangelho e, sim, guardá-lo com toda a segurança (vs. 8-14), o apóstolo começa esta sua carta com a costumeira saudação pessoal (vs. 1, 2). Segue-se uma oração de agradecimento (vs. 3, 5) e uma admoestação (vs. 6, 8). No parágrafo inicial deparamo-nos, de um modo muito vivido, com Paulo e Timóteo, o autor da carta e o destinatário, respectivamente. Inteiramo-nos, particularmente, de como cada um deles chegou a ser o que era. Estes versículos enfocam a providência divina, mostrando como Deus molda os homens, tornando-os conforme ele quer que sejam.

1. Paulo, apóstolo de Cristo Jesus (v. 1)

Paulo, apóstolo de Cristo Jesus, pela vontade de Deus, de conformidade com a promessa da vida que está em Cristo Jesus.

Intitulando-se "apóstolo de Cristo Jesus", Paulo faz uma considerável reivindicação para si mesmo. Ele se coloca entre os doze que Jesus escolheu pessoalmente, separando-os do vasto círculo de seus discípulos. A estes Jesus deu o título especial de "apóstolos" (Lc 6: 13), indicando com isso que pretendia enviá-los com a missão de representá-lo e ensinar em seu nome. A fim de prepará-lo para esta tarefa, providenciou que ficassem "com ele" (Mc 3: 14). Assim, tendo a oportunidade sem par de ouvir as suas palavras e ver os seus feitos, estariam, então, aptos para testemunhar dele e de tudo o que vissem e ouvissem dele (Jo 15: 27). Jesus também lhes prometeu que o Espírito Santo lhes daria uma inspiração de forma extraordinária, lembrando-os acerca do que ele lhes havia dito e guiando-os em toda a verdade que não pudera ensinar-lhes (Jo 14:25-26; 16:12-13).

A este grupo selecionado Paulo reivindica ter sido então acrescentado. Ele vira o Senhor ressurreto, no caminho de Damasco, o que lhe deu a qualificação para ser apóstolo: ser testemunha da ressurreição (Atos 1: 21 -26; 1 Co 9:1; 15:8-9). De fato, sua experiência no caminho de Damasco foi mais do que a sua conversão; foi também o seu comissionamento ao apostolado. Cristo lhe disse: "Por isto te apareci para te constituir ministro e testemunha, tanto das coisas em que me viste como daquelas pelas quais te aparecerei ainda; livrando-te do povo e dos gentios, para os quais eu te envio, para lhes abrir os olhos. . ." (Atos 26: 16-18). As palavras do Senhor "eu te envio" foram "*egö apostellö se*", ou seja, "eu te torno apóstolo", isto é, "eu te ponho por apóstolo dos gentios" (cf.Rm 11:13; Gl 1:15,16; 2:9).

Paulo jamais poderia esquecer este comissionamento. Ele defendeu sua missão e mensagem apostólica contra todos os detratores, insistindo que o seu apostolado vinha de Cristo e não de homens (p.ex.:Gl 1: 1, 11, 12). Mesmo agora, ao escrever esta carta, humilhado pelos homens, e esperando pela manifestação do imperador, este prisioneiro comum é um privilegiado apóstolo de Cristo Jesus, o Rei dos reis.

O apóstolo prossegue, descrevendo dois aspectos do seu apostolado, e lembra a Timóteo a origem e o objeto do mesmo. A origem do seu apostolado foi "a vontade de Deus". Termos idênticos *(dia thelëmatos theou)* são empregados no início das duas cartas aos Coríntios e das duas cartas, escritas na prisão, aos Efésios e aos Colossenses. Realmente, em nove das suas treze cartas, inclusive na primeira (aos Gaiatas) e na última (esta, 2 Timóteo), Paulo se refere à "vontade", ou ao "chamado" ou ao "comando" de Deus, pelo qual se fez apóstolo. Paulo sustentou, desde o começo até o final da sua carreira apostólica, a convicção de que a sua indicação como apóstolo não procedia nem da igreja, nem de qualquer homem ou grupo de homens.

Nem tampouco se havia indicado a si mesmo. Pelo contrário, o seu apostolado originara-se no desejo divino e no chamado histórico do Deus todo-poderoso, através de Jesus Cristo.

O alvo do seu apostolado diz respeito à "promessa da vida que está em Cristo Jesus". Isso eqüivale a dizer que ele foi comissionado como apóstolo, primeiramente para formular, e depois para comunicar, o evangelho. E o evangelho é a boa nova para os pecadores agonizantes, é a notícia de que Deus lhes promete vida em Jesus Cristo. É muito interessante que, quando a morte lhe parece mais evidente, o apóstolo define aqui o evangelho como sendo uma "promessa de vida". E é realmente isso. O evangelho oferece vida aos homens, vida verdadeira, vida eterna, tanto aqui como depois. Ele declara que a vida está em Cristo Jesus, o qual não somente afirmou ser ele mesmo a vida (João 14: 6) mas, como Paulo logo adiante revela, "destruiu a morte e trouxe a luz da vida e a imortalidade mediante o evangelho" (v. 10).

O evangelho vai além de somente *oferecer* vida; ele *promete* vida a todos os que estão em Cristo. Ele afirma dogmaticamente: "quem tem o Filho, tem a vida" (1 Jo 5:12). De fato, poder-se-ia dizer que a Bíblia inteira pode ser descrita como sendo uma promessa divina de vida, e isto a partir da primeira menção da "árvore da vida", em Gênesis 3, até o último capítulo do Apocalipse, no qual o povo remido de Deus, de graça, come da árvore da vida e bebe da água viva. A vida eterna é um presente que Deus, que não pode mentir, prometeu antes dos tempos eternos; agora o tem revelado mediante a pregação do evangelho (cf. vs. 9, 10; Tt 1: 2-3; Rm 1:1-2).

É assim, então, que Paulo se apresenta. Ele é um apóstolo de Cristo Jesus. O seu apostolado originou-se na vontade de Deus e consolidou-se na proclamação do evangelho de Deus, isto é, na "promessa da vida que está em Cristo Jesus".

2. Timóteo, o filho amado de Paulo (vs. 2-8)

Ao amado filho Timóteo: Graça, misericórdia e paz da parte de Deus Pai e de Cristo Jesus nosso Senhor. [3]*Dou graças a Deus, a quem, desde os meus antepassados, sirvo com consciência pura, porque sem cessar me lembro de ti nas minhas orações, noite e dia.* [4]*Lembrado das tuas lagrimas, estou ansioso por ver-te, para que eu transborde de alegria,* [5]*pela recordação que guardo de tua fé sem fingimento, a mesma que primeiramente habitou em tua avó Lóide, e em tua mãe Eunice, e estou certo de que também em ti.* [6]*Por esta razão, pois, te admoesto que reavives o dom de Deus, que há em ti pela imposição de minhas mãos.* [7]*Porque Deus não nos tem dado espirito de covardia, mas de poder, de amor e de moderação.* [8]*Não te envergonhes, portanto, do testemunho de nosso Senhor, nem do seu encarcerado que sou eu; pelo contrário, participa comigo dos sofrimentos, a favor do evangelho, segundo o poder de Deus.*

Aqui Paulo chama Timóteo de "amado filho", e em outra parte "filho amado e fiel no Senhor" (1 Co 4: 17), presumivelmente porque foi o instrumento humano usado para a conversão de Timóteo. Certamente a razão por que podia referir-se aos coríntios como "filhos meus amados", era que "eu pelo evangelho vos gerei em Cristo Jesus" (1 Co 4: 14, 15). Presumimos, pois, que quando Paulo e seu companheiro visitaram Listra, em sua primeira viagem missionária, "onde anunciavam o evangelho" (Atos 14: 6-7), Timóteo ouviu e aceitou as boas novas, de forma que, quando Paulo tornou a visitar Listra, alguns anos mais tarde em sua segunda viagem missionária, "havia ali um discípulo chamado Timóteo", o qual já fizera tal progresso na vida cristã que "dele davam bom testemunho os irmãos em Listra e Icônio" (At 16:1-2).

A seu "amado filho" Paulo envia agora a costumeira saudação de "graça e paz", acrescentando, nas duas cartas a Timóteo, "misericórdia". Podemos estar certos de que esta saudação em três palavras não é mera convenção epistolar, pois estas são palavras de profunda importância teológica. Elas nos comunicam muito acerca da triste condição do homem em pecado e, apesar disso, do imutável amor de Deus pelo pecador. Porque assim como a graça é a bondade de Deus para com os indignos, a misericórdia é mostrada aos fracos e desamparados, incapazes de ajudarem-se a si

mesmos. Nas parábolas de Jesus, foi misericórdia que o bom samaritano demonstrou à vítima dos assaltantes; foi misericórdia que o rei conferiu a seu servo que estava tão endividado a ponto de não poder pagar a sua dívida (Lc 10: 37; Mt 18: 33). Foi também misericórdia que converteu Saulo de Tarso, ferrenho blasfemador e perseguidor. "Mas obtive misericórdia", escrevera Paulo em sua primeira carta a Timóteo (1 Tm 1: 13; 16). "Paz", por outro lado, é reconciliação, restauração da harmonia em vidas arruinadas pela discórdia. Podemos talvez sintetizar estas três bênçãos do amor de Deus como sendo graça ao indigno, misericórdia ao desamparado e paz ao aflito, permanecendo Deus Pai e Cristo Jesus, nosso Senhor, a fonte única de onde flui essa tripla torrente.

Segue então um parágrafo de cunho bem pessoal, no qual o apóstolo afirma não ter se esquecido de Timóteo. "Sem cessar me lembro de ti em minhas orações, noite e dia" (v.3), "lembrado das tuas lágrimas" (v.4) e "pela recordação que guardo de tua fé sem fingimento" (v.5). E sempre que me lembro de ti, Timóteo, "dou graças a Deus" (v.3).

Este último ponto é significativo. Mostra que Paulo reconhecia ter sido Deus quem fizera de Timóteo o que ele de fato era. Timóteo não era um apóstolo como Paulo. Isso eles deixaram bem claro, ao escreverem em conjunto cartas às igrejas, como por exemplo na carta aos Colossenses: "Paulo, apóstolo de Cristo Jesus, por vontade de Deus e ó irmão Timóteo. . .". Timóteo era um irmão em Cristo. Era também um ministro cristão, um missionário e representante do apóstolo. E Deus vinha operando na vida de Timóteo para fazer dele uma pessoa com tais atributos. Direta ou indiretamente, Paulo menciona, neste parágrafo, as quatro maiores influências que teriam contribuído para a formação de Timóteo.

a. A formação familiar

Paulo refere-se, neste parágrafo, a seus antepassados (v.3), dele e de Timóteo, e também à mãe e à avó de Timóteo (v.5). E isto faz sentido porque toda pessoa é, em alto grau, afetada por razões de ordem genética. A maior influência na formação de cada um de nós deve-se ou à ascendência ou ao lar. Por esta mesma razão, boas biografias nunca começam abordando as pessoas de que tratam, mas os seus pais e possivelmente também os seus avós. É bem verdade que ninguém pode herdar a fé de seus pais, do mesmo modo como herda traços de personalidade, mas uma criança pode ser conduzida à fé pelo ensino, pelo exemplo e pelas orações de seus pais.

Timóteo provinha de um lar temente a Deus. Lucas nos conta que ele era filho de um casamento misto, em que o pai era grego e a mãe judia (Atos 16: 1). Pode-se presumir que o seu pai fosse descrente, mas a mãe Eunice era uma judia crente, que se tornou cristã. E, antes da mãe, sua avó Lóide era também convertida, visto que Paulo escreve sobre a "fé sem fingimento" das três gerações (v.5). Talvez os três, avó, mãe e filho, devessem sua conversão a Paulo, quando levou o evangelho a Listra. Mesmo antes da conversão a Cristo, essas mulheres tementes a Deus haviam instruído Timóteo no Antigo Testamento, assim que, "desde a meninice" fora inteirado das "sagradas letras" (3: 15). Calvino comenta, com muita propriedade, que Timóteo "foi criado de tal modo que pôde sugar a piedade junto com o leite materno".[14]

Paulo poderia dizer praticamente o mesmo de si próprio. Estivera servindo a Deus "com uma consciência pura", assim como os seus antepassados o fizeram antes dele. É claro que a sua fé se enriqueceu, tornou-se mais completa e mais profunda quando Deus lhe revelou Cristo. Contudo, ainda era substancialmente a mesma fé dos crentes do Antigo Testamento, como Abraão e Davi, pois era o mesmo Deus no qual todos eles sempre creram. É como se lê em Romanos 4. Não é de se estranhar, então, que Paulo tenha afirmado ao procurador Félix: "Sirvo ao Deus de nossos pais" (Atos 24: 14; cf. 26: 6). Devemos sempre lembrar disso ao testemunharmos aos judeus contemporâneos. A conversão de um judeu a Cristo não é de forma alguma um ato de

[14] Calvino, p. 292. Cf. p. 242 de um comentário similar sobre 1 Tm 4: 6.

infidelidade a seus antepassados; é, isto sim, o cumprimento da fé e da esperança de seus antepassados.

Voltando a Timóteo, a primeira influência em sua vida foi a sua educação no lar e, em particular, a sua mãe e a sua avó, crentes sinceras, que lhe falaram das Escrituras desde a infância. De igual forma, é uma bênção de valor incalculável, da parte de Deus, hoje nascer e ser criado num lar cristão.

b. A amizade espiritual

Depois de nossos pais, os nossos amigos são os que mais nos influenciam, especialmente se são, de algum modo, nossos professores. E Paulo era para Timóteo um mestre e amigo excepcional. Já vimos que Paulo era o "pai espiritual" de Timóteo. Paulo o conduzira a Cristo, por isso não se esqueceu dele, nem o abandonou. Paulo lembrava-se constantemente dele, como diz repetidamente nesta passagem. Também o tomara consigo em suas viagens e o treinara como um aprendiz. Na última vez em que se separaram, Timóteo foi incapaz de conter as lágrimas. E agora, recordando-se daquelas lágrimas, Paulo almejava "noite e dia" tornar a vê-lo, "para que eu transborde de alegria" (v.4). O Rev. Handley Moule interpreta *apipothön* como "ardente saudade".[15] Entrementes, Paulo orava sem cessar por Timóteo (v.3) e, de tempos em tempos, escrevia-lhe cartas de aconselhamento e encorajamento, tais como esta.

Tal amizade crista, incluindo o companheirismo, as cartas e as orações que a expressavam, certamente teve um poderoso efeito na formação do jovem Timóteo, fortalecendo-o e sustentando-o em sua vida e no serviço cristãos.

Eu agradeço a Deus pelo homem que me levou a Cristo e pela extraordinária devoção com que me acompanhou nos primeiros anos da minha vida cristã. Ele me escrevia semanalmente, creio que por sete anos. Também orava por mim todos os dias e creio que ainda o faça. Nem posso avaliar o quanto sou devedor a Deus por esse fiel amigo e pastor.

c. O dom espiritual

Paulo deixa agora os meios indiretos usados por Deus para moldar o caráter cristão de Timóteo (seus pais e amigos) para enfocar um dom diretamente dado por Deus a ele. "Por esta razão, pois, te admoesto que reavives o dom de Deus, que há em ti pela imposição das minhas mãos" (v.6). Que dom *(carisma)* da graça de Deus foi este, não sabemos nem de leve, pelo simples fato de não nos ter sido revelado. Não temos a liberdade de ir além da Escritura. Contudo, podemos arriscar uma conjectura, desde que ressalvemos que se trata de apenas uma suposição. O que está claro, tanto neste versículo como numa referência similar em 1 Timóteo 4: 14, é que o dom lhe fora conferido quando Paulo e certos "anciãos" (provavelmente da igreja em Listra) lhe impuseram as mãos. Os dois versículos mencionam a imposição de mãos e parecem referir-se ao que podemos chamar de sua "ordenação" ou "comissionamento". Sendo assim, então o dom em questão seria um dom que Deus lhe dera relacionado com o seu ministério. É possível também que Paulo esteja se referindo ao ministério em si, para o qual Timóteo fora separado, pela imposição de mãos. De fato, as funções de pastor e de mestre, tal como as de apóstolo e de profeta, são apontadas como dons da graça de Deus (Ef 4: 7-11). Desse modo, talvez Dean Alford tenha razão, ao dizer que "o dom espiritual é o de ensinar e o de presidir a igreja".[16] Ou então a referência pode ter sido ao dom de evangelização. Logo adiante Paulo insiste com Timóteo para que este faça o trabalho de evangelista, cumprindo assim o seu ministério (4: 5). Ou ainda, uma vez que o apóstolo prossegue imediatamente referindo-se à espécie de espírito que Deus nos deu (v.7), é possível que ele estivesse se referindo a uma dádiva ou unção especial do Espírito, que Timóteo recebera por ocasião de sua ordenação, e que o capacitaria à obra para a

[15] Moule, pp. 40 e 45.

[16] Alford, p. 342, um comentário sobre 1 Tm 4:14.

qual fora chamado. Minha opinião pessoal é que é mais seguro descrever o *carisma* de Timóteo com as palavras de Alfred Plummer: "a autoridade e o poder para ser um ministro de Cristo".[17] Isto inclui tanto a função como o equipamento espiritual necessário para desempenhá-la.

Aprendemos, pois, que o homem não é somente o que ele recebe de seus pais, amigos e mestres, mas também o que Deus mesmo faz dele, quando o chama para um ministério especial, dotando-o com recursos espirituais apropriados.

d. A disciplina pessoal

De fato, os dons de Deus, tanto os naturais como os espirituais, precisam ser desenvolvidos e usados. As parábolas dos talentos e das minas, que nosso Senhor ensinou, ilustram claramente a responsabilidade pelo serviço, a recompensa pela fidelidade e o perigo da preguiça. Assim, na sua primeira carta, Paulo pede que Timóteo não se faça negligente com o seu dom (4: 14) e na segunda carta o admoesta a *reavivá-lo* (v.6), ou reacendê-lo. O dom é comparado ao fogo. Do verbo grego *anazöpureö,* que não aparece em nenhuma outra passagem do Novo Testamento, não se pode deduzir que Timóteo tenha deixado o fogo extinguir-se e que tenha agora de soprar as brasas quase apagadas, até que o fogo ressurja. O prefixo *ana* pode indicar tanto aumentar o fogo como tornar a acendê-lo. Parece, pois, que a exortação de Paulo é para continuar soprando, para "atiçar aquele fogo interior", para conservá-lo vivo, até inflamar-se, e isso presumivelmente pelo exercício fiel do seu dom e pela súplica a Deus por constante renovação desse dom.

Lançando este apelo, Paulo imediatamente justifica: "porque Deus não nos tem dado espírito de covardia, mas de poder, de amor e de moderação" (v.7). Já consideramos anteriormente os problemas da mocidade, da saúde debilitada e do temperamento tímido contra os quais Timóteo teria que lutar. Ele parece ter sido uma criatura muito arredia e sensível, a quem a responsabilidade se configurava como uma carga pesada. Talvez temesse excessos e extravagâncias espirituais. Assim, Paulo é compelido a não somente insistir com ele para conservar ativo o seu dom, mas também a certificá-lo de que ele não devia ser acanhado no exercício do mesmo.

Por que não? Bem, porque "covardia não tem nada a ver com o Cristianismo",[18] ou, como Paulo o diz, por causa do Espírito que Deus nos deu. Note-se que, ainda que um certo dom espiritual específico tenha sido dado a Timóteo ("que há em *ti*"*),* o dom do Espírito em si foi dado a todos nós ("Deus... *nos* tem dado") a todos os que estamos em Cristo. E este Espírito, que Deus deu a todos nós, não é um Espírito de "covardia", mas de "poder, de amor e de moderação". Sendo ele o Espírito de poder, podemos estar confiantes de que ele nos capacita no exercício do nosso ministério. Sendo ele o Espírito de amor, devemos usar a autoridade e o poder de Deus a serviço do próximo, não em auto-afirmação ou vanglória. E sendo ele o Espírito de domínio próprio, este uso deve ser com visível reverência e reserva.

Até aqui estudamos o que os primeiros sete versículos da carta nos transmitem a respeito desses dois homens, Paulo e Timóteo, e de suas qualidades essenciais. Paulo sustenta ser apóstolo de Jesus Cristo "pela vontade de Deus", como dissera antes ser o que ele era "pela graça de Deus" (1 Co 15: 10). E uma série de fatores levou Timóteo a ser o que era: foi criado no temor de Deus, a amizade e o treinamento de Paulo, o dom de Deus, e a sua autodisciplina em desenvolvê-lo.

Em princípio, acontece o mesmo com todo o povo de Deus. Talvez a coisa mais impressionante seja a combinação, tanto em Paulo como em Timóteo, da soberania divina com a responsabilidade humana. São duas realidades, de revelação e de experiência, que consideramos difícil subsistirem ao mesmo tempo, e impossível serem sistematizadas numa acurada doutrina.

Paulo podia escrever sobre a vontade de Deus e assegurar que a graça divina

[17] Plummer, p. 314.
[18] Bairett, p. 94

fizera dele o que ele era. Mas Paulo imediatamente acrescentou: "e a sua graça, que me foi concedida, não se tornou vã, antes trabalhei muito mais do que todos eles; todavia não eu, mas a graça de Deus comigo" (1 Co 15: 10). Ou seja, ele acrescentou o seu esforço à graça de Deus; contudo, na verdade, foi a graça de Deus que inspirou o seu esforço.

Com Timóteo acontecia o mesmo. Sua mãe e sua avó puderam ensinar-lhe as Escrituras e levá-lo à conversão. Foi Paulo que o levou a Cristo, tornou-se seu amigo, orou por ele, escreveu-lhe, treinou-o e exortou-o. Timóteo recebeu de Deus um dom especial, em sua ordenação. Mas o próprio Timóteo teve que desenvolver sozinho o dom divino, sem Paulo. Ele teve de acrescentar a sua própria autodisciplina aos dons de Deus.

Conosco não se dá de forma diferente. O muito ou o pouco que tenhamos recebido de Deus, seja diretamente numa doação natural e espiritual, seja indiretamente através de pais, amigos ou professores, de qualquer modo devemos aplicar-nos numa ativa autodisciplina para cooperar com a graça de Deus e para conservar bem aceso o fogo interior. De outra forma, jamais seremos os homens e as mulheres que Deus quer que sejamos; jamais cumpriremos o ministério que ele nos deu para exercermos.

Paulo deixa, agora, os vários fatores que contribuíram para a formação de Timóteo e volta-se para a autenticidade do evangelho e para a responsabilidade de Timóteo em relação ao mesmo. Antes de definir o evangelho, ele roga o Timóteo que não se envergonhe do mesmo (v.8). O ministério de Timóteo deveria ser caracterizado pelo sofrimento e não pela vergonha. Ele poderia ser jovem, débil, tímido e fraco; também poderia recuar diante das tarefas para as quais estava sendo chamado. Mas Deus o moldou e o dotou para seu ministério, de modo que Timóteo não deveria envergonhar-se desse ministério, nem temer exercê-lo.

Isto significa, antes de tudo, que Timóteo não deveria envergonhar-se de Cristo, "do testemunho de nosso Senhor". Cada cristão é uma testemunha de Cristo, e o testemunho cristão é essencialmente um testemunho tanto para Cristo, como de Cristo (cf. Jo 15: 26-27; At 1: 8). Assim, cada cristão deve estar pronto e desejoso, se necessário, a fazer-se "um louco, por causa de Cristo" (1 Co 4: 10); por ninguém mais se diz que alguém deva se dispor a passar por um louco!

Não tendo Timóteo que se envergonhar do Senhor, também não tinha que se envergonhar de Paulo. Porque é possível orgulhar-se de Cristo, mas envergonhar-se do seu povo e sentir-se perturbado por se associar a ele. Parece que quando Paulo foi preso novamente e posto em cadeias, quase: todos os seus antigos auxiliares o abandonaram (v.15). Agora ele implora a Timóteo não lhes seguir o exemplo. Aos olhos dos homens, ele talvez seja prisioneiro do imperador; na realidade, porém, é prisioneiro do Senhor, um prisioneiro voluntário, mantido pelos homens em prisão somente com a permissão de Cristo e pela causa de Cristo.[19]

Timóteo não deve, portanto, envergonhar-se do evangelho, mas tomar parte no sofrimento por ele. Sendo fraco em si mesmo, poderia ser fortalecido pelo poder de Deus, para assim suportar os sofrimentos. E isso era necessário, pois o evangelho de Cristo crucificado, loucura para alguns e pedra de tropeço para outros (1 Co 1: 23), sempre despertou oposição. E opondo-se à mensagem, as pessoas se colocam obviamente contra os mensageiros que, deste modo, "sofrem com o evangelho do sofrimento".[20]

Estes continuam ainda sendo os três modos mais importantes pelos quais os cristãos, como Timóteo, são tentados a envergonhar-se: ora do *nome* de Cristo, do qual somos chamados a dar testemunho; ora do *povo* de Cristo, ao qual também pertencemos, se é que pertencemos a Ele; ora do *evangelho* de Cristo, cuja propagação nos foi confiada.

---

[19] Na sua prisão domiciliar anterior, em Roma, Paulo cognominara-se um (ou o) prisioneiro de Cristo Jesus em Ef 3: 1 e Fm 1: 9. Aqui ele é "o seu encarcerado," enquanto que em Ef 4: 1 a expressão usada foi "o prisioneiro no Senhor" *(en kuriö),* dando a entender, talvez, que fora preso por causa de sua união com Cristo.

[20] Moule,pp. 45, 72.

A tentação é forte e insidiosa. Se Timóteo não a sentisse, Paulo não o exortaria nestes termos. Se o próprio Paulo nunca tivesse se sentido exposto a ela, não teria tido que se expressar, alguns anos antes, com tanta veemência: "Não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê" (Rm 1: 16). Com efeito, se esta não fosse uma tentação corriqueira, o Senhor Jesus não teria necessidade de advertir solenemente: "Porque qualquer que, nesta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de mim. e das minhas palavras, também o Filho do homem se envergonhará dele, quando vier na glória de seu Pai com os santos anjos" (Mc 8: 38). Todos nós somos muito mais sensíveis à opinião pública do que pensamos, e tendemos a dobrar-nos facilmente às pressões dela, tal como palmeiras agitadas pelo vento.

Paulo agora fala mais detalhadamente sobre o evangelho do qual Timóteo não deve se envergonhar, e pelo qual deve se dispor também a sofrer. Ele começa citando as características mais importantes (vs. 9, 10) e depois resume a nossa responsabilidade em relação ao evangelho (vs. 11, 18). Este é então o duplo tema do restante do capítulo: o evangelho de Deus e o nosso dever para com ele.

3. O Evangelho de Deus (vs. 9,10)

. . . que nos salvou e nos chamou com santa vocação; não segundo as nossas obras, mas conforme a sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus antes dos tempos eternos, [10]e *manifestada agora pelo aparecimento de nosso Salvador Cristo Jesus, o qual não só destruiu a morte, como trouxe à luz a vida e a imortalidade, mediante o evangelho...*

É notável ver Paulo passar, de repente, da referência ao "evangelho" à afirmação central: "Deus . . . nos salvou". É mesmo impossível falar do evangelho sem falar, ao mesmo tempo, da salvação. O evangelho é precisamente isto: boas novas de salvação, ou boas notícias de "nosso Salvador Cristo Jesus" (v.10). Desde o dia do Natal, quando a boa nova de alegria foi anunciada pela primeira vez, proclamando o nascimento do "Salvador que é Cristo o Senhor" (Lc 2: 10-11), os seguidores de Jesus têm reconhecido o seu conteúdo essencial. Paulo mesmo nunca vacilou a esse respeito. Em Antioquia da Pisídia, na primeira viagem missionária, ele refere-se ao seu evangelho como a "mensagem desta salvação". Em Filipos, na segunda jornada missionária, ele e seus companheiros foram identificados como "servos do Deus Altíssimo, que nos anunciam o caminho da salvação". E ao escrever em Roma aos Efésios, ele intitula a palavra da verdade de "o evangelho da vossa salvação" (At 13:26; 16:17; Ef 1:13).

Assim, aqui, ao escrever a respeito do evangelho, Paulo usa a terminologia costumeira, isto é, que somos salvos em Cristo Jesus por determinação, graça e chamado de Deus, não por nossas próprias obras. É que ele está expondo, nesta sua última carta, o mesmo evangelho que já expusera na sua primeira carta (Gaiatas). Com o passar dos anos, o seu evangelho não sofreu mudanças; há somente um evangelho de salvação. E conquanto devamos traduzir os termos "evangelho" e "salvação" por expressões mais compreensíveis ao homem moderno, não podemos alterar a substância da nossa mensagem. Examinando com mais cuidado a forma concisa com que Paulo apresenta o evangelho de Deus nestes versículos, constatamos que ele indica a sua essência (o que é o evangelho), a sua origem (de onde provém) e o seu fundamento (onde se baseia).

a. A essência da salvação

Precisamos juntar as três cláusulas que afirmam que Deus "nos salvou", "nos chamou com santa vocação" e "trouxe à luz a vida e a imortalidade". Isto explica que a salvação vai muito além do perdão. O Deus que nos "salvou" é também o que, ao mesmo tempo, "nos chamou com santa vocação", ou seja, que nos "chamou para sermos santos". O chamamento cristão é uma vocação santa. Quando Deus chama alguém para si, também o chama à santidade. A isto Paulo dera muita ênfase em suas cartas anteriores. "Deus não nos chamou para a impureza, e, sim, em santificação",

porque todos fomos "chamados para ser santos", chamados para viver como povo santo de Deus e separado para ele (1 Ts 4:7; 1 Co 1: 2). Sendo a santidade uma parte integrante no plano de Deus para a salvação, também o é a "imortalidade", da qual escreve no versículo seguinte (v.10). De fato, "perdão", "santidade" e "imortalidade" são três aspectos da grande "salvação" de Deus.

O termo "salvação" precisa ser urgentemente libertado do conceito medíocre e pobre com o qual tendemos a degradá-lo. "Salvação" é um termo majestoso, que evidencia todo o amplo propósito de Deus, pelo qual ele justifica, santifica e glorifica o seu povo: primeiramente, perdoando as nossas ofensas e aceitando-nos como justos ao nos olhar através de Cristo; depois transformando-nos progressivamente, pelo seu Espírito, para sermos conforme a imagem do seu Filho, até que finalmente nos tornemos iguais a Cristo no céu, com novos corpos, num mundo novo. Não devemos minimizar a grandeza de "tão grande salvação" (Hb 2:3).

b. A origem da salvação

De onde provém tão grande salvação? A resposta de Paulo é: "Não segundo as nossas obras, mas conforme a sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus antes dos tempos eternos" (v.9). Se quiséssemos acompanhar o manancial da salvação até a sua origem, deveríamos então voltar para trás, através do tempo, em direção à eternidade do passado. As palavras do apóstolo são mesmo: "antes dos tempos eternos"[21] e são traduzidas de diversas formas: "antes do princípio do mundo" (BV), "antes do tempo existir" (CIN), ou "antes de todos os séculos" (PAPF).

Para não pairar qualquer dúvida sobre a verdade de que a predestinação e eleição por Deus pertence à eternidade e não ao tempo, Paulo faz uso de um particípio aorístico para indicar que Deus de fato nos deu algo *(dotheisan)* desde toda a eternidade, em Cristo. O que Deus nos deu foi "a sua própria determinação e graça", ou "a sua determinação, ou propósito, de nos dar graça". A sua determinação de dar a salvação não era arbitrária, mas sim fundada em sua graça.[22] Fica claro, por conseguinte, que a fonte de nossa salvação não são as nossas próprias obras, visto que Deus nos deu a sua própria determinação da graça em Cristo antes que praticássemos quaisquer boas obras, antes de termos nascido e de termos podido fazer quaisquer obras meritórias; antes mesmo da História, antes do tempo, na eternidade.

Temos que confessar que a doutrina da eleição é matéria difícil para mentes finitas mas é, incontestavelmente, uma doutrina bíblica. Ela enfatiza que a salvação é devida exclusivamente à graça de Deus, e não aos méritos humanos; não às nossas obras realizadas no tempo, mas à determinação que Deus concebeu na eternidade; "aquela determinação", como se expressa o Rev. Ellicott, "que não surgiu de algo fora dele, mas que brotou unicamente das maiores profundezas da divina *eudokia*".[23] Ou, nas palavras de E. K. Srmpson: "As escolhas do Senhor têm as suas razões imperscrutáveis, mas não se baseiam na elegibilidade dos escolhidos".[24] Assim sendo, a divina determinação, ou propósito, da eleição é um mistério para a mente humana, já que não se pode aspirar compreender os pensamentos secretos e as decisões da mente de Deus. Contudo, a doutrina da eleição nunca é introduzida na Escritura para despertar ou para diminuir a nossa curiosidade carnal, mas sempre tendo um propósito bem prático. De um lado ela desperta uma profunda humildade e gratidão, por excluir todo o orgulho próprio. De outro lado, traz paz e segurança, porque nada pode acalmar os nossos temores pela nossa própria estabilidade como o conhecimento de que a nossa segurança depende, em última análise, não de nós

---

[21] *pro chronön aiöniön,* A mesma expressão ocorre em Tt 1: 2, com referência à promessa de vida feita por Deus, cf. Rm 16:25.

[22] Veja Rm 8:28;9:11 e Ef 1:11 para outros exemplos da predestinação divina, "determinação" *(prothesis)* de salvação.

[23] Ellicott, p. 115; *eudokia* significa "grande prazer"

[24] Simpson,p. 125.

mesmos, mas da própria determinação e graça de Deus.

c. O fundamento da salvação

A nossa salvação tem um firme fundamento na obra histórica efetuada por Jesus Cristo no seu primeiro aparecimento. Porque, conquanto a graça de Deus nos tenha sido "dada em Cristo Jesus antes dos tempos eternos", ela foi "manifestada agora", no tempo, "pelo aparecimento de nosso Salvador Cristo Jesus", ou seja, pelo aparecimento do mesmo Jesus Cristo. Os dois estágios divinos foram *em* e *através de* Jesus Cristo; a dádiva foi eterna e secreta, mas a manifestação foi histórica e pública.

O que então Cristo realizou, ao aparecer e manifestar a eterna determinação e graça de Deus? A isto Paulo dá uma dupla resposta no versículo 10. Primeiramente, Cristo "destruiu a morte". Em segundo lugar, "trouxe à luz a vida e a imortalidade, mediante o evangelho".

Em primeiro lugar, Cristo destruiu a morte.

"Morte" é, de fato, a palavra que bem sintetiza a nossa condição humana resultante do pecado. Porque a morte é o "salário" do pecado, é a sua horrível punição (Rm 6: 23). E é assim para cada uma das formas que a morte assume. A Escritura fala da morte em três sentidos: a morte física, a alma separada do corpo; a morte espiritual, a alma separada de Deus; e a morte eterna, a alma e o corpo separados de Deus para sempre. Todas as três mortes são devidas ao pecado; são a sua terrível, porém justa, recompensa. Mas Jesus "destruiu" a morte. O sentido não pode ser o de que ele já a tenha eliminado, conforme sabemos por nossa própria experiência diária. Os pecadores ainda estão "mortos em delitos e pecados", nos quais andam (Ef 2: 1-2), até que Deus lhes dê a vida em Cristo. Todos os seres humanos morrem fisicamente e continuarão a morrer, com exceção da geração que estiver viva quando Cristo retornar em glória. E muitos experimentarão a "segunda morte", que é uma das apavorantes expressões usadas no livro do Apocalipse para designar o inferno (p. ex.: Ap. 20: 14; 21:8). Com efeito, anteriormente Paulo escrevera que a destruição final da morte ainda se encontra no futuro, quando ela, o último inimigo de Deus, será destruída (1 Co 15: 26). Só depois da volta de Cristo e da ressurreição dos mortos é que haveremos de proclamar com júbilo: "tragada foi a morte pela vitória" (1 Co 15:54;cf.Ap21:4).

O que Paulo afirma, triunfantemente, neste versículo, é que, em seu primeiro aparecimento, Cristo decisivamente derrotou a morte. O verbo grego *katargeö* não permite, por si mesmo, concluirmos qual seja o seu significado, pois pode ser empregado com muitos sentidos, e assim só o contexto pode determinar qual o seu correto significado. Contudo, o seu primeiro e mais notável sentido é o de "tornar ineficiente, sem poder, inútil" ou "anular" (AG). Assim Paulo compara a morte a um escorpião, do qual se arrancou o ferrão; e também a um comandante, cujas tropas foram vencidas. O apóstolo pode, portanto, levantar a sua voz em desafio: "Onde está, ó morte, a tua vitória? onde está, ó morte, o teu aguilhão?" (1 Co 15: 55). Porque Cristo destruiu o poder da morte (AG).

É muito significativo que este mesmo verbo *katargeö* é usado no Novo Testamento com referência ao diabo e à nossa natureza decaída, assim como o é também com referência à morte (Hb 2: 14; Rm 6: 6). Nem o diabo, nem a nossa natureza decaída e tampouco a morte foram aniquilados; mas pelo poder de Cristo, a tirania de cada um deles foi destruída, de forma que os que estão em Cristo estão em liberdade.

Consideremos particularmente como foi que Cristo "destruiu" ou "anulou" a morte. X A morte física já não é mais o terrível monstro que nos parecia antes, e que continua ainda sendo para muitos, a quem Cristo ainda não libertou. Pelo pavor da morte eles ainda estão "sujeitos à escravidão por toda a vida" (Hb 2: 15). Já para os crentes em Cristo a morte significa simplesmente "dormir" em Cristo; e isto é, na verdade, um "lucro", por ser o caminho para estar "com Cristo, o que é incomparavelmente melhor". É um dos bens que se tornam nossos, quando somos de Cristo (1 Ts 4:14-15; Fp 1:21-23; 1 Co 3: 22-23). A morte tornou-se tão inofensiva,

que Jesus chegou a afirmar que o crente, ainda que morra, "não morrerá, eternamente" (Jo 11: 25-26). O que é absolutamente certo é que a morte jamais conseguirá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo (Rm 8:38-39).

A morte espiritual, para os cristãos, deu lugar à vida eterna, que é a comunhão com Deus, iniciada aqui na terra e que será perfeita no céu. Além disso, os que estão em Cristo "de nenhum modo sofrerão os danos da segunda morte", porque já passaram da morte para a vida (Ap 2:11; Jo 5:24; e 1 Jo3:14).

Em segundo lugar, Cristo "trouxe à luz a vida e a imortalidade mediante o evangelho". Esta é a contrapartida positiva. Foi por meio de sua morte e ressurreição que Cristo destruiu a morte. É através do evangelho que ele agora revela o que fez, e oferece aos homens a vida e a imortalidade que para eles conquistou. Não está claro se devemos fazer distinção entre as palavras "vida" e "imortalidade", pois podem ser sinônimas, a segunda definindo a primeira. Ou seja, a espécie de vida que Cristo nos garantiu, e que agora nos revela e nos oferece através do evangelho, é a vida eterna, uma vida que é imortal e incorruptível. Somente Deus possui a imortalidade em si mesmo, mas Cristo a dá aos homens. Até mesmo os nossos corpos participarão dessa imortalidade, após a ressurreição (1 Co 15: 42, 52-54). Assim será a herança que receberemos (1 Pe 1:4). De outro lado, como C. K. Barrett escreve: "possivelmente 'vida' refira-se à nova vida, possível de ser obtida neste mundo; e 'imortalidade' ao seu prolongamento depois da morte".[25] Qualquer que seja a nossa conceituação dessas palavras, ambas são "reveladas" ou "trazidas à luz" através do evangelho. Há muitas alusões no Velho Testamento a uma vida após a morte, e alguns lampejos dessa fé, mas de maneira geral a revelação do Antigo Testamento é o que o Rev. Moule chamou de "um lusco-fusco",[26] em comparação com o Novo Testamento. O evangelho, contudo, trouxe torrentes de luz sobre a dádiva da vida e da imortalidade, através da vitória de Cristo sobre a morte.

A fim de apreciarmos a plena força desta afirmativa cristã, precisamos relembrar quem é este que a está proferindo. Quem é este que escreve com tanta segurança sobre a vida e a morte, sobre a destruição da morte e a revelação da vida? É alguém que encara a iminente expectativa da sua própria morte. A qualquer hora ele espera receber a sua sentença de morte. Já soa em seus ouvidos a sua ultimação final. Em sua imaginação já pode ver o lampejar da espada do carrasco. E, não obstante, na dura presença da morte, ele brada alto: "Cristo destruiu a morte". Isto é fé cristã triunfante!

Como suspiramos e anelamos que a igreja de nossos dias recupere a sua esperança na vitória de Jesus Cristo, que proclame estas boas novas a este mundo, para o qual morte continua sendo uma palavra proibida. A revista "The Observer" dedicou uma edição inteira ao tema "morte", em outubro de 1968, e comentou: "Longe de estar preparada para a morte, a sociedade moderna conferiu a esta palavra o caráter de coisa não mencionável. . . aplicamos todos os nossos talentos para nos esquivar da expectativa de morrer e, quando a hora chega, reagimos de qualquer forma, ou com excessiva trivialidade, ou até com total desespero".

Um dos testes mais reveladores que se pode aplicar a qualquer religião diz respeito à atitude da mesma em relação à morte. Avaliada por este teste, muito "cristianismo" por aí é achado em falta, com suas roupagens pretas, e com seus cânticos plangentes e suas missas de réquiem. É claro que morrer pode ser muito desagradável e a perda de um ente amado pode trazer amarga tristeza. Mas a própria morte foi derrotada, e "bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor" (Ap 14: 13). O epitáfio adequado para um crente em Cristo não é a lúgubre e incerta petição, *requiescat in pace* (descanse em paz), mas a firme e jubilosa afirmação: "Cristo venceu a morte", ou para quem prefira línguas clássicas, o equivalente a isso em grego ou latim!

Tal é, pois, a salvação que nos é oferecida pelo evangelho, da qual nos

[25] Barrett, p. 95

[26] Moule, p. 50

apropriamos em Cristo. Caracteriza-se pela recriação e transformação do homem na santidade de Cristo, aqui e além. A origem desta salvação é o eterno propósito da graça de Deus. O seu fundamento é o aparecimento histórico de Cristo e a destruição da morte por ele.

Juntando estas grandes verdades, podemos encontrar cinco etapas que caracterizam o propósito salvífico de Deus. A primeira é o dom eterno da sua graça, que nos é oferecido em Cristo. A segunda é o aparecimento histórico de Cristo para destruir a morte através da sua morte e ressurreição. A terceira etapa é o convite pessoal que Deus faz ao pecador, por meio da pregação do evangelho. A quarta é a santificação moral dos crentes pelo Espírito Santo. E a quinta etapa é a perfeição celestial final, na qual o santo chamamento é consumado.

A extensão do propósito da graça de Deus é realmente sublime, tal como Paulo o delineia, partindo da eternidade passada, passando pela sua realização histórica em Jesus Cristo, e culminando no cristão, que tem o seu destino final com Cristo e à semelhança de Cristo, numa futura imortalidade. Não é realmente maravilhoso que, mesmo estando o corpo de Paulo confinado ao espaço apertado de uma cela subterrânea, o seu coração e a sua mente possam elevar-se até a eternidade?

4. Nossa responsabilidade perante o evangelho divino (vs. 11-18)

Para o qual eu fui designado pregador, apóstolo e mestre, [12] *e por isso estou sofrendo estas coisas, todavia não me envergonho; porque sei em quem tenho crido, e estou certo de que ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele dia.* [13]*Mantém o padrão das sãs palavras que de mim ouviste com fé e com o amor que está em Cristo Jesus.* [14]*Guarda o bom depósito, mediante o Espirito Santo que habita em nós.* [15]*Estás ciente de que todos os da Ásia me abandonaram; dentre eles cito Figelo e Hermógenes.* [16]*Conceda o Senhor misericórdia à casa de Onesíforo, porque muitas vezes me deu ânimo e nunca se envergonhou das minhas algemas.* [17]*Antes, tendo ele chegado a Roma, me procurou solicitamente até me encontrar.* [18]O *Senhor lhe conceda, naquele dia, achar misericórdia da parte do Senhor. E tu sabes, melhor do que eu, quantos serviços me prestou ele em Éfeso.*

Se perguntássemos a Paulo qual é a primeira responsabilidade de alguém em relação ao evangelho, ele responderia, sem dúvida, que é receber a boa nova e vivê-la. Mas o seu interesse aqui não se refere à responsabilidade do incrédulo, mas à do cristão perante o evangelho, depois de o ter abraçado. Paulo dá três respostas a esta pergunta:

a. Nossa responsabilidade de comunicar o evangelho (v. 11)

Se "a vida e a imortalidade" que Cristo conquistou são trazidas à luz "mediante o evangelho", então, naturalmente, é imperativo que proclamemos o evangelho. Assim Paulo continua: "para o qual (evangelho) eu fui designado pregador, apóstolo e mestre". A mesma combinação de palavras ocorre em 1 Timóteo 2: 7, e nas duas passagens Paulo usa o *ego* enfático, sem dúvida para expressar a sua "sensação de surpresa consigo mesmo"[27] por lhe ter sido conferido tamanho privilégio.

Talvez possamos nos referir às três funções de "apóstolo", "pregador" e "mestre", dizendo que os apóstolos formularam o evangelho, os pregadores o proclamam como arautos, e os mestres são os que instruem de forma sistemática acerca de suas doutrinas e das implicações éticas decorrentes.

Hoje não há mais apóstolos de Cristo. Já vimos anteriormente o quanto é restrito, no Novo Testamento, o uso deste termo. O evangelho foi formulado pelos apóstolos e por eles legado à Igreja. Acha-se em sua forma definitiva registrado no Novo Testamento. Esta fé apostólica neotestamentária é normativa para a Igreja de todos os tempos e lugares. A Igreja está edificada "sobre o fundamento dos apóstolos e profetas" (Ef 2: 20). Não há outro evangelho. Não pode haver nenhum outro evangelho.

Embora não haja apóstolos de Cristo em nossos dias, certamente há pregadores

[27] Guthrie, p. 73

e mestres, homens e mulheres chamados por Deus para se consagrarem à obra da pregação e do ensino. Notemos que eles são chamados para pregar e para ensinar o evangelho. É muito ao gosto de círculos teológicos fazer uma clara distinção entre o *këry*gma (a pregação) e o *didache* (o ensino). Ao *kerygma* corresponde essencialmente a boa nova de Cristo crucificado e ressurreto, com o apelo ao arrependimento e à f*é; no didache* corresponde principalmente a instrução ética aos convertidos. Esta distinção pode ser útil, mas é perigosa. Ela é benéfica somente se nos lembrarmos de que os dois de entrelaçam. Havia muito de *didache* no *këry*gma e muito de *kerygma* no *didachê.* Além do mais, ambos concernem ao evangelho, sendo que o *kèrygma* era a proclamação de sua essência, enquanto que o *didache* incluía as grandes doutrinas que o sustentam, assim como a conduta moral dele decorrente.

A referência a "testemunho", no versículo 8, que já consideramos anteriormente, acrescenta um quarto termo a esta lista. Ele nos lembra que, embora não haja apóstolos hoje, e apesar de somente alguns serem chamados ao ministério da pregação e do ensino, cada crente em Cristo deve testemunhar de Jesus Cristo a partir de sua experiência pessoal.

b. Nossa responsabilidade de sofrer pelo evangelho (v. 12a)

Paulo havia ordenado a Timóteo que não se envergonhasse, mas que assumisse a sua parte de sofrimento pelo evangelho (v.8), tema este a que se dedicou no segundo capítulo desta carta. Mas agora ele enfatiza que não está exigindo de Timóteo algo que ele mesmo, Paulo, não estava preparado para suportar: ". . . por cuja causa padeço. . .., mas não me envergonho...". Qual a razão para este relacionamento entre o sofrimento é o evangelho? Que há com o evangelho, que os homens odeiam e a ele se opõem, e que por sua causa os que o pregam têm de sofrer?

Dá-se o seguinte: os pecadores suo salvos por Deus em virtude da própria determinação e graça divina, e não em virtude das boas obras deles (v.9). O que ofende as pessoas é a imerecida gratuidade do evangelho. O homem "natural" ou não regenerado odeia ter de admitir a gravidade do seu pecado e culpa, a necessidade da graça de Deus e a morte expiatória de Cristo para salvá-lo, e conseqüentemente a sua inegável dívida para com a cruz. É isto que Paulo entendeu por "pedra de tropeço da cruz". Muitos pregadores sucumbem à tentação do silêncio com respeito a esse aspecto. Pregam o mérito dos homens em vez de Cristo e sua cruz, e substituem um pelo outro, "somente para não serem perseguidos por causa da cruz de Cristo" (Gl 6: 12; cf. 5:11). Ninguém consegue pregar com fidelidade o Cristo crucificado sem sofrer oposição, ou até mesmo perseguição.

c. Nossa responsabilidade de zelar pelo evangelho (vs. 12b-18)

Deixando de lado, por enquanto, a segunda parte do versículo 12, chegamos à dupla exortação de Paulo a Timóteo, nos dois versículos seguintes: "Mantém o padrão das sãs palavras que de mim ouviste" (v.13); "guarda o bom depósito, mediante o Espírito Santo que habita em nós" (v. 14). Aqui Paulo se refere ao evangelho, à fé apostólica, usando duas expressões. O evangelho é tanto um padrão de sãs palavras (v.13), como um depósito precioso (v.14).

"Sãs" palavras são palavras "saudáveis". A expressão grega é empregada nos evangelhos nos casos de pessoas curadas por Jesus. Anteriormente eram deformes ou doentes; agora estavam bem ou "sãs". Assim, a fé cristã é a "sã doutrina" (4: 3), que consiste de "palavras sãs", por não ser mutilada ou enferma, mas "sadia", ou "completa". É o que Paulo mencionara, anteriormente, como sendo "todo o desígnio de Deus" (At 20:27).

Além disso, essas "sãs palavras" foram dadas por Paulo a Timóteo num "padrão". A palavra grega aqui é *hypotyposis*. A BLH traduz por "exemplo". E o Dr. Guthrie diz que ela significa um "esboço rápido, como o faria um arquiteto, antes de lançar no

papel os planos detalhados de uma construção."[28] Neste último cano Paulo estaria sugerindo a Timóteo que ampliasse, expusesse e tiplicasse o ensino apostólico. Parece-me que essa interpretação não se harmoniza com o contexto, principalmente num confronto com o versículo seguinte. A única outra ocorrência de *hypotyposis* no Novo Testamento encontra-se na primeira carta de Paulo a Timóteo, onde ele descreve a si mesmo como um objeto da maravilhosa misericórdia e da perfeita paciência de Cristo, como um "*exemplo* dos que haviam de crer nele" (1: 16). Arndt e Gingrich, que optaram por "modelo" ou "exemplo" como sendo a tradução usual, sugerem que essa palavra é empregada mais com o sentido de "*protótipo*" em 1 Timóteo 1: 16 e com o sentido de "*padrão*" em 2 Timóteo 1: 13. Neste caso Paulo estaria ordenando a Timóteo que se conservasse como um padrão de sãs palavras, isto é, "como um modelo de ensino sadio", aquilo que ouvira do apóstolo. Isto certamente corresponde ao ensino geral da carta e reflete fielmente a ênfase da sentença na primeira palavra, "modelo" ou "padrão".

Assim, o ensino de Paulo deve ser uma regra ou diretriz para Timóteo, da qual este não deve se afastar. Pelo contrário, deve obedecer a essa regra, ou melhor, deve apegar-se a ela com firmeza (*eche).* E assim deve proceder "na fé e no amor que há em Cristo Jesus". Isto é, Paulo não está tão preocupado com *o que* Timóteo deve fazer, mas sim com o *modo* como ele o fará. As convicções doutrinárias pessoais de Timóteo e a instrução recebida de outros, assim como as que reteve firmemente dos ensinos de Paulo, devem ser manifestadas com fé e amor. Timóteo deve procurar estas qualidades em Cristo: uma crença sincera e um amor pleno.

A fé apostólica não é somente um "padrão de sãs palavras"; é também o "bom depósito" *(hë kalë parathtëkë).* Ou como ex-pressa a BLH: "as boas coisas que foram entregues a você". Sim, o evangelho é um tesouro, depositado em custódia na igreja. Cristo o confiou a Paulo; e Paulo, por sua vez, o confiou a Timóteo.

Timóteo deveria "guardá-lo". É precisamente o mesmo apelo que Paulo lançou no final da sua primeira carta (6: 20), com a única diferença de que agora ele o chama de "bom", literalmente "*belo*" depósito. O verbo *(phylassõj* tem o sentido de guardar algo "para que não se perca ou se danifique" (AG). É empregado com a idéia de guardar um palácio contra saqueadores, e bens contra ladrões (Lc 11: 21; At 22: 20). Fora há hereges prontos a corromper o evangelho e desta forma roubar da igreja o inestimável tesouro que lhe foi confiado. Cabe a Timóteo colocar-se em guarda.

Deveria ele guardar o evangelho com toda a firmeza possível em vista do que acontecera em Éfeso (a capital da província romana da Ásia) e seus arredores, onde Timóteo se encontrava (v.15). O tempo aoristo do verbo "me abandonaram" parece referir-se a um acontecimento especial. É mais provável que tenha sido o momento da segunda detenção de Paulo. As igrejas da Ásia, onde trabalhara por vários anos, tornaram-se muito dependentes dele, e talvez a prisão do apóstolo lhes tenha incutido a idéia de que a fé cristã agora estava perdida. A reação deles talvez tenha sido repudiar Paulo ou recusar-se a reconhecê-lo. De Figelo e Hermógenes nada sabemos de concreto, mas a menção de seus nomes nos indica que possivelmente eles tenham sido os cabeças da oposição. De qualquer modo, Paulo via nesse afastamento das igrejas da Ásia mais do que uma simples deserção pessoal dele; era, sim, uma rejeição à autoridade apostólica. Deve ter-lhe sido algo bastante sério, principalmente porque alguns anos antes, durante a sua permanência em Éfeso por dois anos e meio, Lucas registra que "todos os habitantes da Ásia ouviram a palavra do Senhor, e muitos creram" (At 19: 10). Agora "os que estão na Ásia" haviam voltado as costas a Paulo. A um grande despertamento seguiu-se uma grande deserção. "A todos os olhos, menos aos da fé, deve ter parecido que o evangelho estava às vésperas da extinção".[29]

Uma grande exceção parece ter sido um homem chamado Onesíforo, o qual repetidas vezes acolhera Paulo em sua casa (literalmente "reanimou-o", v.16) e que,

[28] Guthrie, p. 132
[29] Moule, p. 16

em Éfeso, prestara-lhe muitos serviços (v.18). Onesíforo permanecera, deste modo, fiel ao significado do seu nome: "portador de préstimos". Além disso, não se envorgonhara das algemas de Paulo (v.16), o que dá a entender que não repudiou a Paulo quando preso, e que o seguiu, e mesmo o acompanhou a Roma, procurando-o até encontrá-lo no calabouço. Paulo tinha boas razões para ser grato por este amigo fiel e corajoso. Não é surpreendente, pois, que se expresse por duas vezes em oração (vs. 16, 18), primeiro por sua casa ("conceda o Senhor misericórdia à casa de Onesíforo") e depois, especificamente, por Onesíforo ("O Senhor lhe conceda, naquele dia, achar misericórdia da parte do Senhor").

Vários comentaristas, notadamente católicos romanos, partindo das referências à casa de Onesíforo (mencionada novamente em 4: 19) e à expressão "naquele dia", têm argumentado que Onesíforo àquela altura estava morto e que, por conseguinte, no versículo 18 temos uma oração em favor de um falecido. Isto, na verdade, não passa de uma simples e gratuita conjectura. O fato de Paulo mencionar primeiro Onesíforo e depois sua casa não dá a entender necessariamente que estejam eles separados em virtude de sua morte; é mais viável crer que fosse devido à distância: Onesíforo estava ainda em Roma, enquanto que sua família permanecia em casa, em Éfeso. "Considero que é uma oração em separado pelo homem e por sua família", escreve o Rev. Moule, "por estarem então separados um do outro, por terras e mares . . . Não há necessidade alguma de interpretar que Onesíforo tivesse morrido. A separação de sua família, por uma viagem, isso é o que se depreende da passagem". [30]

Em todo o caso, todos na Ásia, como Timóteo estava bem ciente, voltaram as costas ao apóstolo, com exceção do leal Onesíforo e de sua família. Era em tal situação de apostasia quase universal que Timóteo deveria "guardar o bom depósito" e "manter o padrão das sãs palavras", ou seja, deveria preservar o evangelho imaculado e genuíno. Já seria uma grande responsabilidade para qualquer um, quanto mais para alguém com o temperamento de Timóteo. Como poderia então permanecer firme?

O apóstolo dá a Timóteo a base segura de que ele necessita. Timóteo não pode pensar em guardar o tesouro do evangelho com força própria; somente poderá fazê-lo "mediante o Espírito Santo que habita em nós (v.14). A mesma verdade é ensinada na segunda parte do versículo 12, que até aqui ainda não consideramos. A maior parte dos cristãos está familiarizada com a tradução "porque sei em quem tenho crido, e estou certo de que ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele dia". Estas palavras são verdadeiras e muitas outras passagens bíblicas as confirmam; quanto à estrutura lingüística, foram traduzidas acuradamente. De fato, tanto o verbo "guardar" como o substantivo "depósito" são precisamente as mesmas palavras no versículo 12 e no versículo 14 e ainda em 1 Timóteo 6: 20. Presume-se, então, que "o meu depósito" não é o que eu lhe confiei (minha alma ou eu mesmo, como em 1 Pedro 4: 19), mas aquilo que ele confiou a mim (o evangelho).

O sentido, pois, é este:Paulo podia dizer que o depósito é "meu", porque Cristo lho confiou. Contudo, Paulo estava persuadido de que era Cristo que iria conservá-lo seguro "até aquele dia", quando ele teria de prestar contas da sua mordomia. Em que se baseava a sua confiança? Somente numa coisa: "eu o conheço". Paulo conhecia a Cristo, em quem confiava, e estava convencido da capacidade dele para manter o depósito em segurança: "porque sei em quem tenho crido, e estou bem certo de que ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele dia" (v.12). Cristo o confiou a Paulo, é verdade, mas o próprio Cristo cuidará do depósito. E agora Paulo o está confiando a Timóteo. E Timóteo pode ter esta mesma segurança.

Aqui há um estímulo muito grande. Em última análise, é Deus mesmo quem preserva o evangelho. Ele se responsabiliza por sua conservação. "Sobre qualquer outro fundamento a obra da pregação não se sustentaria nem por um momento".[31]

---

[30] Moule, pp. 67, 68.

[31] Barrett, p. 97

Podemos ver a fé evangélica encontrando oposição em toda parte, e a mensagem apostólica sendo ridicularizada. Talvez vejamos uma crescente apostasia crescer na igreja, muitos de nossa geração abandonando a fé de seus pais. Mas não temos nada a temer! Deus nunca permitirá que a luz do evangelho se apague. É verdade que ele o confiou a nós, frágeis e falíveis criaturas. Ele colocou o seu tesouro em frágeis vasos de barro, e nós devemos assumir a nossa parte na guarda e na defesa da verdade. Contudo, mesmo tendo entregue o depósito aos cuidados de nossas mãos, Deus não retirou as suas mãos desse depósito. Ele mesmo é, afinal, o seu melhor vigia; ele saberá preservar a verdade que confiou à Igreja. Isto nós sabemos, porque sabemos em quem depositamos a nossa confiança, e em quem continuamos a confiar.

Vimos que o evangelho é a boa nova da salvação, prometida desde a eternidade, concretizada na História por Cristo, e oferecida à fé.

A nossa primeira responsabilidade reside na *comunicação* do evangelho, fazendo uso de velhos métodos ou procurando novos caminhos para torná-lo conhecido por todo o mundo.

Se assim procedermos, certamente *sofreremos* por ele, já que o autêntico evangelho nunca foi popular. Ele humilha muito o pecador.

E ao sermos chamados a sofrer pelo evangelho, somos tentados a adaptá-lo, a eliminar aqueles elementos que ofendem e provocam oposição, a silenciar as notas que ferem os sensíveis ouvidos modernos.

Mas devemos resistir a esta tentação. Pois, antes de tudo, fomos chamados a guardar o evangelho, conservando-o puro, a qualquer preço, preservando-o de toda corrupção.

Guardá-lo fielmente. Difundi-lo ativamente. Sofrer corajosamente por ele. Esta é a nossa tríplice responsabilidade perante o evangelho de Deus, de acordo com este primeiro capítulo.

CAPÍTULO 2
Segunda Exortação: Sofre Pelo Evangelho!

1. Passando a verdade adiante (vs. 1 e 2)

Tu, pois, filho meu, fortifica-te na graça que está em Cristo Jesus. [2] *E o que da minha parte ouviste, através de muitas testemunhas, isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros.*

O primeiro capítulo termina com a pesarosa referência que Paulo fez à generalizada deserção dos cristãos na província romana da Ásia (1: 15). Onesíforo e sua casa talvez tenham sido a única exceção. Agora Paulo insta com Timóteo para que ele se mantenha firme, em meio à debandada geral. Esta é a primeira de uma série de exortações similares na carta, que começam com *su oun* ou *su de,* "tu, pois" ou "mas tu", ordenando que Timóteo resista a várias coisas predominantes naquela época. Timóteo fora chamado a exercer uma responsável liderança na Igreja, não somente a despeito de sua inata falta de confiança em si mesmo, mas ainda na mesma área onde a autoridade do apóstolo estava sendo repudiada. É como se Paulo lhe dissesse: "Não te importes com o que outras pessoas possam estar pensando, dizendo ou fazendo. Não te importes com a fraqueza e a timidez que talvez estejas sentindo. Quanto a ti, Timóteo, sê forte!"

É claro que esta exortação, se tivesse parado aí, teria sido inútil, até mesmo absurda. Dizer a alguém tão tímido como Timóteo para ser forte seria o mesmo que mandar um caracol ser ligeiro ou exigir que um cavalo voasse. Mas o apelo de Paulo à firmeza tem um caráter cristão, não estóico. Não é uma exigência de que Timóteo seja forte em si mesmo, demonstrando isso rosnando e batendo no peito, mas de que "seja fortalecido interiormente"[32] por meio da "graça" que está em Cristo Jesus". Isto

[32] A melhor tradução seria "sê fortalecido na graça", com o verbo no passivo simples (Ellicot, p.121), conquanto possa estar no

significa que Timóteo deve procurar recursos para o seu ministério não em sua própria natureza, mas na de Cristo. Não dependemos da graça somente para a salvação (1:9), mas também para o serviço.

Paulo prossegue indicando o tipo de ministério para o qual Timóteo terá de fortalecer-se pela graça de Cristo. Até aqui Timóteo foi exortado a conservar a fé e a guardar o depósito (1: 13, 14). Contudo, deve fazer mais do que preservar a verdade, deve passá-la adiante. Assim como a deslealdade da Igreja na Ásia tornava imperativo que Timóteo guardasse a verdade com lealdade, assim também a iminente morte do apóstolo tornava imperativo que Timóteo tomasse providências para legar a verdade intacta à geração seguinte. Nesta transmissão da verdade, de mão em mão, Paulo divisa quatro estágios.

Primeiramente, a fé fora confiada a Paulo por Cristo. Por isso é que ele a chamou de "meu depósito" (1: 12). Ela lhe pertence por depósito, não por invenção. Sendo apóstolo de Jesus Cristo, Paulo insiste em que o seu evangelho não é um "evangelho de homens", mesmo que ele o tenha formulado, e outros também. É que não tem base simplesmente na tradição humana. Pelo contrário, assim pôde escrever ". . . não o recebi, nem aprendi de homem algum, mas mediante revelação de Jesus Cristo" (Gl 1:11,12).

Em segundo lugar, o que por Cristo fora confiado a Paulo, este por sua vez o confiou a Timóteo. Assim "o meu depósito" (1:12) passa a ser virtualmente "o bom depósito" (v.14); ou seja, o que fora confiado a Paulo é agora a verdade que é confiada a Timóteo. Este depósito consiste em certas "sãs palavras", que Timóteo ouvira dos lábios do próprio Paulo. A exata expressão "que de mim ouviste" (1: 13, *par' emou êkousas)* repete-se em 2: 2, tendo agora a referência de que Timóteo a ouvira "através de muitas testemunhas". O tempo aorístico parece referir-se não a uma única ocasião em que Timóteo tivesse ouvido o ensino do apóstolo, como por exemplo no dia do seu batismo ou de sua ordenação ao ministério, mas sim à totalidade de suas instruções através dos anos. E a referência às "muitas testemunhas" mostra que a fé apostólica não era uma tradição secreta, transmitida particularmente a Timóteo (tal era o ensino dos gnósticos), ficando a sua autenticidade sem provas, mas era uma pública instrução, cuja verdade era garantida pelas muitas testemunhas que, tendo-a ouvido, podiam então conferir o ensino de Timóteo com o do apóstolo.

Esta declaração de Paulo tornou-se importante no século seguinte, quando o gnosticismo cresceu e se espalhou. Por exemplo, no capítulo 25 de sua obra *Prescrições contra os Heréticos* (200 d.C), Tertuliano de Cartago escreveu especialmente contra os gnósticos, que diziam terem recebido, só eles, revelações particulares, e também possuírem tradições secretas herdadas dos apóstolos. Ele não aceita que os apóstolos tivessem "confiado algumas coisas abertamente a todos e algumas coisas a uns poucos, secretamente". Porque (assim discorre), em apelando a Timóteo para que "guarde o depósito" não há alusão a uma doutrina secreta, mas a uma ordem para não admitir qualquer outra doutrina, a não ser a que ouvira do próprio apóstolo publicamente ("entre muitas testemunhas"), como ele diz.[33]

Em terceiro lugar, o que Timóteo ouviu de Paulo, deve agora "confiá-lo a homens fiéis", os quais seriam certamente encontrados num remanescente dentre os muitos desertores da Ásia. Os homens que Paulo tinha em mente deveriam ser primeiramente ministros da palavra, cuja função principal é ensinar; e anciãos cristãos, com a responsabilidade de, à semelhança dos anciãos judeus na sinagoga, preservar a tradição. Tais anciãos cristãos são "dispenseiros de Deus", como Paulo há pouco escrevera a Tito (1: 7), porque tanto a família de Deus como a verdade de Deus lhes foram confiadas. E o requisito fundamental para os dispenseiros é a fidelidade (1 Co 4: 1, 2). Devem ser "homens fiéis".

Em quarto lugar, tais homens devem pertencer àquela classe de homens (como o relativo *hoitines* deveria ser traduzido) que sejam "também idôneos para instruir a

---

imperativo reflexivo: "fortifica-te (interiormente)" como está na ERAB. O mesmo verbo ocorre na voz passiva em Ef 6:10 e na ativa em Fp 4:13 e 2 Tm 4:17.

[33] Greenslade, S. L. - *Early Latin Theobgy (vol.* V. da SCM Library of Christian Classics, 1956) - p. 47.

outros". A habilidade ou competência que Timóteo deve procurar em tais homens será traduzida, em parte, pela integridade ou lealdade de caráter, já referidas, e em parte pela capacidade de ensinar. Eles devem ser *didaktikoi,* "aptos para ensinar", palavra usada por Paulo em relação aos candidatos ao ministério em 1 Tm 3: 2, e empregada de novo mais adiante, neste mesmo capítulo (2:24).

Aqui estão, pois, os quatro estágios na transmissão da verdade, destacados por Paulo: de Cristo a Paulo, de Paulo a Timóteo, de Timóteo a "homens fiéis", e. de "homens fiéis" a "outros". Esta é a verdadeira "sucessão apostólica". Tal sucessão dependeria de homens, de uma série de "homens fiéis", mas essa sucessão dos apóstolos refere-se mais à mensagem em si do que aos homens que a ensinem. Deve ser antes uma sucessão da tradição apostólica do que de autoridade, de seqüência ou de ministério apostólicos. Deve ser uma transmissão da doutrinados apóstolos, deles recebida sem distorções pelas gerações posteriores, passada de mão em mão como a tocha olímpica. Esta tradição apostólica, "o bom depósito", é hoje encontrada no Novo Testamento. Falando de maneira ideal, os termos "Escritura" e "tradição" deveriam ser sinônimos, pois o que a Igreja transmite de geração em geração deveria ser a fé bíblica, nada mais e nada menos. E a fé bíblica é a fé apostólica.

No restante deste segundo capítulo de sua carta, Paulo prossegue abordando o ministério do ensino, ao qual Timóteo foi chamado, Como ilustração, Paulo faz uso de seis vividas metáforas. As três primeiras são suas imagens favoritas: o soldado, o atleta, e o lavrador. Em cartas anteriores ele já fizera uso delas, em várias ocasiões, para salientar muitas verdades. Aqui todas elas enfatizam que a obra de Timóteo exigirá vigor, envolvendo tanto labuta quanto sofrimento.

2. Metáfora 1: o soldado dedicado (vs. 3,4)

Participa dos meus sofrimentos, como um bom soldado de Cristo Jesus. [4]*Nenhum soldado em serviço se envolve em negócios desta vida, porque o seu objetivo é satisfazer àquele que o arregimentou.*

As experiências como prisioneiro deram a Paulo ampla oportunidade de observar os soldados romanos e de meditar no paralelo existente entre o soldado e o cristão. Em cartas anteriores, Paulo referiu-se à guerra com principados e potestades, na qual o cristão está envolvido; referiu-se à armadura que deve vestir e as armas que deve usar (Ef 6: 10ss; 1 Tm 1: 18; 6: 12; 2 Co 6: 7; 10: 3-5; cf. Rm 6: 13-14). Mas aqui o bom soldado de Jesus Cristo é assim chamado por ser um homem dedicado, que mostra sua dedicação por se achar sempre disposto a sofrer e estando permanentemente em guarda. Os soldados em serviço não contam com segurança e facilidade. Pelo contrário, dureza, riscos e sofrimento são aceitos sem contestação. É como Tertuliano expressou em seu livro *Address to Martyrs* (Palavra aos Mártires): "Nenhum soldado vai à guerra cercado de luxúrias, nem vai à batalha deixando um quarto confortável, mas sim uma tenda estreita e provisória, em que há muita dureza, severidade e desconforto".[34] De igual modo, o cristão não deve esperar dias fáceis. Se for fiel ao evangelho, certamente experimentará oposição e escárnio. Ele deverá sofrer em conjunto com seus companheiros de armas.

O soldado deve sempre se achar disposto a se concentrar no exército, e também a sofrer. Quando em serviço ativo, "não se embaraça em negócios". Ao contrário, liberta-se dos afazeres de natureza civil, a fim de dedicar-se às armas, satisfazendo assim aos seus oficiais superiores, ou "estando inteiramente à disposição de seu oficial comandante". Na expressão de E. K. Simpson, "o espetáculo da disciplina militar fornece uma grande lição de comprometimento".[35] Assim, na Segunda Guerra Mundial, com freqüência se dizia, com um sorriso bem significativo: "estamos em guerra". Era uma palavra de alerta, suficiente para justificar toda austeridade, auto-renúncia ou abstenção de atividades irrelevantes, em vista da situação de emergência do momento.

---

[34] *Address to Martyrs,* cap. *2,*parágrafo 3. Tradução de Alfred Plummer p. 346

[35] Simpson, p. 131.

O cristão, que deve viver neste mundo e não se alienar dele, não pode, certamente, esquivar-se das comuns obrigações de seu lar, de seu local de trabalho e de sua comunidade. É verdade que, como cristão, ele deve estar sobremodo consciente do seu dever de bem cumpri-las e não evadir-se delas. Nem deve esquecer-se também do que Paulo relembrou a Timóteo em sua primeira carta, ao dizer que "tudo o que Deus criou é bom e, recebido com ações de graça, nada é recusável. . ." e que "Deus tudo nos proporciona unicamente para nosso aprazimento" (1 Tm 4: 4; 6: 17). Assim, o que se proíbe ao bom soldado de Cristo não são as atividades "seculares", nem "os envolvimentos em negócios desta vida" que, mesmo sendo perfeitamente inocentes, o impeçam de lutar as batalhas de Cristo. Este conselho aplica-se especialmente ao pastor ou ministro cristão. Ele é chamado a dedicar-se ao ensino e ao cuidado do rebanho de Cristo; e há outras passagens, além desta, que o advertem a, se possível, não tomar a carga adicional de prover o seu sustento com algum emprego "secular".

É fato que o próprio apóstolo proveu amiúde o seu próprio sustento, confeccionando tendas; não obstante, ele deixa claro que em seu caso a razão era pessoal e excepcional, ou seja, para que pudesse propor "de graça o evangelho", e assim não criar "qualquer obstáculo ao evangelho de Cristo" (1 Co 9: 12, 18). Ele ainda vindicou o princípio, para si mesmo e para todo ministro, por ordem do Senhor, de que os que pregam o evangelho devem viver do evangelho (1 Co 9: 14). De fato, a sua óbvia expectativa era esta a regra geral, e isto precisa ser lembrado em dias como os nossos, quando ministérios "auxiliares", "suplementares" e de tempo parcial" têm aumentado em número, ficando o pastor com seus negócios ou com sua profissão, exercendo o seu ministério com o tempo que sobra. Não se pode dizer que tais ministérios estejam em oposição às Escrituras; contudo é difícil conciliá-los com a determinação apostólica de evitar os envolvimentos em negócios desta vida. A liturgia para a ordenação de presbíteros da Igreja Anglicana exorta os candidatos com as seguintes palavras: "Atentai para o zelo que deveis ter na leitura e no ensino das Escrituras. . . e por esta mesma causa deveis renunciar e deixar de lado (tanto quanto possível) todos os cuidados e zelos mundanos, . . . entregai-vos inteiramente a este ofício, . . . aplicai-vos inteiramente a esta causa e dirigi todos os vossos esforços neste sentido".

A aplicação de tal versículo não é somente restrita a pastores. Cada cristão é, num certo grau, um soldado de Cristo, ainda que seja tímido como Timóteo. Não importando qual seja o nosso temperamento, não podemos evitar o conflito cristão. Se queremos ser bons soldados de Cristo, devemos dedicar-nos à batalha, comprometendo-nos com uma vida de disciplina e de sofrimento, e evitando tudo o que possa nos "envolver" e assim nos desviar do seu propósito.

3. Metáfora 2: o atleta sujeito às regras (v.5)

Igualmente o atleta não é coroado, se não lutar segundo as normas.

Agora Paulo desvia os seus olhos da imagem do soldado romano para a do competidor nos jogos gregos. Em nenhuma competição atlética do mundo antigo (assim como hoje também) o competidor dava uma demonstração de força ou de habilidade ao acaso. Cada esporte tinha as suas regras para a competição, e às vezes também para o treino preparatório.

Cada prova também tinha o seu prêmio, e os prêmios conferidos aos jogos gregos não eram medalhas de ouro ou troféus de prata, e sim coroas de ouro. Contudo, nenhum atleta era "coroado" se não tivesse competido "de acordo com as regras", mesmo que o seu desempenho tivesse sido brilhante. "Fora do regulamento não há prêmio", essa era a palavra de ordem!

A vida cristã é geralmente comparada, no Novo Testamento, a uma corrida, não no sentido de estarmos competindo uns com os outros (conquanto tenhamos que "preferir em honra uns aos outros" — Rm 12: 10), mas no sentido da severa autodisciplina do treinamento (1 Co 9: 24-27), no sentido de que devemos nos desembaraçar de todo peso morto (Hb 12: 1-2) e, especialmente nesta passagem, no

sentido de que devemos observar as regras.

Devemos correr a corrida cristã *nominös,* "segundo as leis". A despeito do estranho ensino da assim chamada "nova moral", que insiste em que a lei foi abolida por Cristo, o cristão acha-se sob a obrigação de viver "segundo a lei", de guardar as regras, de obedecer as leis morais de Deus. De fato, ele não está "debaixo da lei", como meio de salvação, que o aprova ou o recomenda perante Deus, antes ela lhe serve como guia de conduta. Ao invés de abolir a lei, Deus enviou o seu Filho para morrer por nós a fim de que o preceito da lei se cumprisse em nós", e agora envia o seu Espírito para morar em nós e escrever a sua lei em nossos corações! (Rm 8: 3-4, Jr 31: 33). Além disso não pode haver de outro modo, não porque nossa obediência à lei poderia nos justificar, mas sem a lei damos evidência de nunca termos sido justificados.

O contexto mostra que competir "de acordo com as regras" tem uma aplicação mais vasta do que à que se refere à nossa conduta moral. Paulo está descrevendo o serviço cristão, não somente a vida cristã. Parece estar dizendo que os prêmios pelo serviço dependem da fidelidade. O mestre cristão deve ensinar a verdade, construindo com materiais sólidos sobre o fundamento que é Cristo, se quer que a sua obra permaneça e não seja consumida pelo fogo (cf, 1 Co 3: 10-15). Assim, Timóteo deve confiar o depósito a homens fiéis. Somente se ele, como Paulo, perseverar até a fim, combatendo também o bom combate, completando a carreira e guardando a fé, somente assim poderá ele esperar receber, no último dia, a mais desejável de todas as coroas: "a coroa da justiça" (2Tm4:7-8).

4. Metáfora 3: o lavrador diligente (v.6)

O lavrador que trabalha deve ser o primeiro a participar dos frutos.

Tendo o atleta de competir com honestidade, o lavrador, por sua vez, tem de trabalhar arduamente. O sucesso na lavoura só é conseguido com muito trabalho. Isso é verdade particularmente em países em desenvolvimento, antes de se ter as técnicas da mecanização moderna. Em tais circunstâncias, o sucesso da exploração agrícola depende tanto do suor como da habilidade. Mesmo sendo o solo pobre, o tempo inclemente, ou estando o lavrador indisposto, este deve permanecer em seu trabalho. Uma vez posta a mão no arado, não há que olhar para trás. O Rev. Moule escreve sobre a "extenuante e prosaica labuta" do agricultor. Ao contrário do soldado e do atleta, a vida do agricultor é "totalmente desprovida de emoção, distante de toda fascinação decorrente do perigo e do aplauso".[36]

Contudo, a primeira parte da colheita pertence ao lavrador que trabalha. É seu direito. A boa produção deve-se mais a seu esforço e perseverança do que a qualquer outro fator. É por isso mesmo que o preguiçoso jamais será um bom agricultor, como ressalta o livro de Provérbios. Ele sempre porá a perder sua colheita, talvez por dormir quando deveria esta colhendo, talvez por ter sido pouco ativo no lavrar a terra no outono anterior, ou talvez por permitir que os seus campos se cubram de urtigas e espinhos (Pv 10: 5; 20:4; 24: 30-31).

A que espécie de colheita se refere o apóstolo? Duas interpretações apresentam maiores evidências bíblicas.

Primeira, a santidade como colheita. Verdadeiramente, a santidade é "fruto (ou colheita) do Espírito", sendo que o próprio Espírito é o principal agricultor, que produz uma boa safra de qualidades cristãs na vida do cristão. No entanto, nós também temos que fazer a nossa parte. Temos de "andar no Espírito" e "semear no Espírito" (Gl 5: 6; 6: 8), seguindo os seus impulsos e disciplinando-nos, para fazermos a colheita da santidade. Muitos cristãos surpreendem-se por não verificarem, em suas vidas, crescimento na santidade. Será que estamos negligenciando o cultivo desse campo que é o nosso caráter? "Pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará" (Gl 6: 7). Como o Rev. Ryle enfatiza repetidas vezes em seu notável livro *Santidade:* "não há prêmio sem esforço". Por exemplo:

[36] Moule, p.77

"*Jamais abandonarei a minha convicção de que não há progresso espiritual sem esforços. Não creio no sucesso de um agricultor que se contenta em apenas semear os seus campos, abandonando-os em seguida até a colheita, assim como não creio ser possível que um crente alcance muita santidade sem ser diligente em sua leitura bíblica, em suas orações e no bom uso dos seus domingos. Nosso Deus é um Deus que se importa com os meios, e nunca abençoará a alma de quem se julga ser tão elevado e espiritual a ponto de achar que pode progredir sem eles*".[37]

Na expressão de Paulo, "o lavrador que trabalha deve ser o primeiro a participar dos frutos". E a santidade é uma colheita.

A segunda interpretação é que a conquista de conversões é também uma colheita. "A seara na verdade é grande", disse Jesus referindo-se aos muitos que esperam por ouvir e receber o evangelho (Mt 9: 37; cf. Jo 4: 35; Rm 1:13). Nesta seara é claro que "é Deus quem dá o crescimento" (1 Co 3: 6-7), mas ainda assim não temos a liberdade de ficar à toa. Não só isso, mas tanto a semeadura da boa semente da Palavra de Deus como a colheita são trabalhos duros, especialmente quando há poucos trabalhadores. Com muito custo almas são ganhas para Cristo, não com a engenhosa e automática aplicação de uma fórmula, mas com lágrimas, suor e dores, e especialmente com oração e sacrifícios. Novamente, o "lavrador que trabalha" é que pode esperar obter bons resultados.

Este ponto de que o serviço cristão é um trabalho árduo é hoje tão impopular em certos círculos de cristãos festivos que sinto ser necessário sublinhá-lo com vigor. Já mencionei que o verbo significa "labutar, mourejar". Arndt e Gingrich apontam que, antes de tudo, o sentido é o de "cansar-se, fatigar-se", ou seja, "trabalhar arduamente, exaurindo todas as forças com o trabalho pesado; empenhar-se, esforçar-se". Tanto o substantivo *Kopos* como o verbo *kopiaö* foram termos favoritos de Paulo, e talvez nos seja salutar saber que ele cria ser necessário ao serviço cristão tão grande empenho.

Depreende-se que esse verbo pode ser empregado com referência ao trabalho manual, e Paulo aplicou-o ao seu serviço de confeccionar tendas. "E nos afadigamos", ele escreveu, "trabalhando com as nossas próprias mãos" (1 Co 4: 12; cf. Ef 4: 28; 1 Ts 4: 11). Mas, em seu modo de ver, o trabalho espiritual envolvia também muito esforço. Ele reconhecia de imediato a dedicação das pessoas, tendo enviado saudações especiais no final de sua carta aos Romanos, "a Maria que muito trabalhou por vós" e "à estimada Pérside, que também muito trabalhou no Senhor" (Rm 16:6, 12b). Não que dos outros Paulo esperasse mais do que ele próprio podia dar de si mesmo. Suas labutas pelo evangelho eram fenomenais. Ele podia escrever sobre "trabalhos, vigílias, jejuns" porque, assim como fora o seu Mestre antes dele, não poucas vezes as suas atividades sobrepujavam a sua necessidade de comer e dormir. Por isso mesmo é que pôde reivindicar em relação aos outros apóstolos: "trabalhei muito mais do que todos eles" (2 Co 6: 5; 1 Co 15: 10; cf.Gl 4: 11; Fp 2: 16). Se instássemos com ele sobre a natureza de sua lida, creio que ele nos responderia em termos de duas prioridades apostólicas: "oração e. . . ministério da palavra" (At 6: 4), já que aludiu em sua primeira carta a Timóteo aos seus anciãos "que se afadigam na palavra e no ensino" (1 Tm 5: 17), e aos colossenses descreveu a sua labuta com as palavras "esforçando-me o mais possível, segundo a sua eficácia que opera eficientemente em mim" (Cl 1: 29 - 2: 1; 1 Tm 4: 10), num contexto que parece referir-se à luta em oração a que se entregara em favor dos colossenses.

A bênção de Deus foi abundante no ministério do apóstolo Paulo. Não há dúvida que a este respeito muitas explicações poderiam ser dadas. Mas até que ponto consideramos essa bênção decorrente do zelo e do interesse, da quase obsessiva devoção com que Paulo se entregava ao trabalho? Ele se dava ao trabalho sem pensar no que isso lhe custava; lutava sem dar atenção às feridas; trabalhava sem procurar descansar; servia sem procurar pela recompensa, a não ser o gozo de fazer a vontade do seu Senhor. E Deus fazia prosperar os seus esforços. Mais uma vez, "o lavrador

[37] *Holiness*.J. C. Ryle (James Clarke 1952), p. 21.

que trabalha deve ser o primeiro a participar dos frutos".

*****

Até aqui, então, temos visto três metáforas com as quais Paulo ilustra as responsabilidades do obreiro cristão. Nelas ele isolou três aspectos da sinceridade que deveria ser encontrada em Timóteo e em todos aqueles que, como Timóteo, procurem compartilhar "o bom depósito", já recebido anteriormente. Elas são: a dedicação de um bom soldado, a obediência de um bom atleta as regras da competição, e a diligente labuta de um bom agricultor. Sem isso não podemos esperar resultados. Não haverá vitória para o soldado se ele não se entregar aos seus deveres militares; não haverá coroa para o atleta, se ele não observar o regulamento; e não haverá colheita para o lavrador, se ele não trabalhar na exploração da terra.

5. O modo de entender (v.7)
Pondera o que acabo de dizer, porque o Senhor te dará compreensão em todas as cousas.

Este versículo conclui o primeiro parágrafo do capítulo. Há aqui um importante equilíbrio bíblico. Para que Timóteo conheça e compreenda a verdade das metáforas há pouco empregadas por Paulo, dois processos far-se-ão necessários, um humano e outro divino. Timóteo deverá "ponderar" ou "meditar" sobre o ensino do apóstolo, ouvindo-o atentamente e concentrando nele a sua mente. Assim o Senhor lhe dará compreensão em todas as cousas. De acordo com a melhor tradução, o que Paulo aqui expressa é mais do que um mero desejo, é uma promessa.

Há pelo menos duas importantes implicações nesta combinação de meditação (humana) e iluminação (divina) para quem queira apossar-se da dádiva da compreensão, prometida pelo Senhor.

Em primeiro lugar, para recebermos a compreensão que vem do Senhor, temos de considerar o que *o apóstolo* está dizendo. Este é um bom exemplo da consciência que Paulo tem da sua autoridade apostólica. Ele ordena que Timóteo medite sobre o seu ensino e promete-lhe que o Senhor lhe dará "compreensão em todas as cousas", se assim proceder. Ele nada vê de anormal em sustentar que o seu ensino, como apóstolo, merece um estudo cuidadoso, ou que possa ser interpretado somente pelo Senhor, ou que este seja o caminho para que Timóteo cresça na compreensão. Há uma clara evidência de que Paulo cria ser o seu ensino não somente seu, mas também ensino do Senhor. De fato, nos versículos seguintes, quase que imperceptivelmente, ele equipara "o meu evangelho" (v.8) com "a palavra de Deus" (v.9).

Em segundo lugar, para recebermos a compreensão que vem do Senhor, temos de *considerar* o que o apóstolo está dizendo. Alguns cristãos nunca se aprofundam num estudo bíblico sério. A razão disso talvez seja puramente "carnal", isto é, são muito preguiçosos. Mas por outro lado o motivo pode ser "espiritual" (ou, mais apropriadamente, "pseudo-espiritual"), quer dizer, eles crêem que a compreensão lhes virá do Espírito Santo e não de sua própria meditação (o que é uma antítese totalmente falsa). Assim, o máximo que fazer é passar os olhos sobre alguns versículos bíblicos ao acaso, esperando (e até orando) que o Espírito Santo lhes mostre todo sentido. Eles não estão obedecendo à ordem do apóstolo "pondera o que acabo de dizer".

Outros são bons estudiosos da Bíblia. São "laboriosos agricultores", por assim dizer. Usam suas mentes e esquadrinham o texto da Escritura; comparam versões, consultam concordâncias e lêem comentários com a maior atenção, mas se esquecem de que é somente o Senhor que concede a compreensão, e que ele a concede como uma dádiva.

Assim, não devemos desunir o que Deus uniu, pois para a compreensão da Escritura é essencial uma combinação equilibrada de meditação e de oração. A nós compete "ponderar"; e o Senhor providenciará para nós a compreensão.

6. O sofrimento, uma condição para a bênção (vs. 8-13)

Lembra-te de Jesus Cristo, ressuscitado de entre os mortos, descendente de Davi, segundo o meu evangelho; [9] *pelo qual estou sofrendo até algemas, como malfeitor; contudo, a palavra de Deus não está algemada.* [10]*Por esta razão, tudo suporto por causa dos eleitos, para que também eles obtenham a salvação que está em Cristo Jesus com eterna glória. Fiel é a palavra: se já morremos com ele, também viveremos com ele;* [12]*se perseveramos, também com ele reinaremos; se o negamos, ele por sua vez nos negará;* [13]se *somos infiéis, ele permanece fiel, pois de maneira nenhuma pode negar-se a si mesmo.*

Adentramos agora um novo parágrafo, antes do apóstolo introduzir mais três metáforas que ilustram a posição do obreiro cristão. Poderíamos sintetizar o seu tema pelo epigrama: "tudo o que é fácil demais não tem valor", ou então, ao reverso: "o que tem valor não é fácil". Nenhum atleta, soldado ou agricultor espera bons resultados sem labutas ou sofrimentos. Aqui Paulo dá continuidade ao mesmo tema. Tendo ilustrado esse tema com uma metáfora, agora ele o reforça com experiências: primeiramente a experiência de Cristo (v.8); depois, a sua própria, como apóstolo (vs. 9 e 10), e por fim a experiência de todos os que crêem em Cristo (v. 13).

a. A experiência de Cristo (v.8)

A ordem para lembrar-se de Jesus Cristo, à primeira vista, parece estranha. Como poderia Timóteo esquecê-lo? Contudo, a memória humana é notoriamente fraca: é possível que alguém se esqueça de seu próprio nome! O epitáfio sobre o túmulo de Israel levava as palavras: "eles logo se esqueceram", e foi para impedir o nosso esquecimento do Cristo crucificado que ele, deliberadamente, instituiu a Ceia como uma festa de recordação. Mesmo assim, a Igreja esquece-se freqüentemente de Jesus Cristo, absorvendo-se ora em infrutíferos debates teológicos, ora em simples atividades humanitárias, ora em insignificantes programas restritos em seu círculo. Como e por que devemos nos lembrar de Cristo? Essencialmente porque ele é o Evangelho, o cerne do bom depósito. Realmente, Paulo o expressa, ele é o centro do "meu evangelho", "o evangelho não inventado por mim, mas confiado[38] como meu depósito" (1: 12). Assim, pois, já que Timóteo deve guardar o depósito e passá-lo adiante fielmente a outros, cabe-lhes "lembrar-se de Jesus Cristo... segundo o meu evangelho".

Cristo deve ser lembrado especialmente como o que "ressuscitou dos mortos" e que é "da descendência de Davi". Meditando nestas duas expressões, torna-se notável o retrato que elas dão do evangelho. Nelas estão implícitos o nascimento, a morte, a ressurreição e a ascensão de Jesus, e nos fazem lembrar tanto da natureza divino-humana como da sua obra salvadora.

Primeiramente, consideremos a pessoa de Jesus. As palavras "da descendência de Davi" retratam a sua humanidade, porque falam da sua descendência terrena, como descendente de Davi. As palavras "ressuscitou dos mortos" atestam a sua divindade, pois que foi declarado Filho de Deus poderoso, pela ressurreição dos mortos.[39]

Consideremos agora a sua obra. A frase "ressuscitou dos mortos" implica que ele morreu pelos nossos pecados e foi ressuscitado para provar a eficácia do seu sacrifício propiciatório.

As palavras "da descendência de Davi" indicam que ele estabeleceu o seu reino como o maior filho do grande Davi (cf. Lc 1: 32-33). Tomadas juntas, as duas frases parecem aludir à sua dupla atribuição de Salvador e Rei.

Há uma outra razão por que Timóteo deve lembrar-se de Jesus Cristo, descendente de Davi, ressuscitado de entre os mortos. Não é somente por esses fatos constituírem o evangelho que Timóteo deve pregar, mas porque eles também

[38] Lock, p. 95.

[39] Rm 1: 4. Note que em Rm 1: 3, Jesus é descrito também como "nascido da descendência de Davi" segundo a carne.

ilustram, partindo da própria experiência de Jesus Cristo, o princípio de que a morte é a entrada para a vida, e o sofrimento a vereda para a glória, pois o que morrera ressuscitou de entre" os mortos, e o que nascera em humildade, como semente de Davi, reina agora em glória, sobre o trono de Davi. As duas expressões demonstram, em forma embrionária, o contraste entre a humilhação e a exaltação.

E por isso mesmo Timóteo, podia dizer o apóstolo, quando você estiver tentado a evitar sacrifícios, humilhação, sofrimento ou morte em seu ministério, lembre-se de Jesus Cristo, e reconsidere tudo de novo!

b. A experiência do apóstolo Paulo (vs. 9 e 10)

Paulo está sofrendo pelo evangelho. Ele tem de suportai a penosa indignidade de estar na cadeia, como um malfeitor, como um criminoso comum (a única outra ocorrência do termo, no Novo Testamento, refere-se aos criminosos crucificados com Jesus, em Lc 23: 32-33), apesar de ser um cidadão romano e um homem inocente. Mas, ainda que Paulo esteja acorrentado, a palavra de Deus não está. Em sua primeira defesa até mesmo lhe tinha sido dada a oportunidade de proclamar detalhadamente a palavra de Deus à corte de justiça, como mais tarde ele explica a Timóteo, com maiores detalhes (4: 16-17). Além do mais, a palavra de Deus podia (e estava) sendo espalhada por muitos outros, e particularmente Timóteo deveria ter uma parte cada vez maior nesta obra.

A relação entre o sofrimento de Paulo e a eficácia do evangelho não é, contudo, apenas uma questão de contraste: "sofro prisões, mas a palavra de Deus não está presa". É, na realidade, uma relação de causa e efeito: "por esta razão, tudo suporto por causa dos eleitos, para que também eles obtenham a salvação". Observamos, de passagem, que a doutrina da eleição não dispensa a necessidade da pregação; pelo contrário, ela a torna essencial. Por causa mesmo da eleição é que Paulo prega e sofre, "*para que* também eles obtenham a salvação que está em Cristo Jesus com eterna glória". O eleito obtém a salvação em Cristo não à parte da pregação de Cristo, mas por meio dela.

E mais, não somente a pregação, mas também o sofrimento resultante dela são os caminhos usados por Deus para a salvação dos eleitos. A afirmação de Paulo de que, em certo sentido, a salvação de outros é assegurada por seu sofrimento, pode causar-nos espanto, à primeira vista. Contudo, é assim mesmo. Não que os seus sofrimentos possam ter qualquer eficácia redentora, como os de Cristo, mas sim que os eleitos são salvos através do evangelho, não podendo ele pregá-lo sem sofrer por ele. E um outro caso de "glória pelo sofrimento", "a glória eterna" dos eleitos através dos sofrimentos suportados pelo apóstolo.

c Nossa experiência cristã geral (vs. 11-13)

Agora Paulo cita uma expressão da época, ou o fragmento de um hino cristão primitivo, endossando essas palavras como sendo fiéis.[40] Tal expressão consiste em dois grupos de epigramas, que são axiomas básicos da vida e da experiência cristã. Eles se aplicam igualmente a todos os crentes. O primeiro axioma tem a ver com os que permanecem fiéis e perseveram; o segundo, com os que se tornam hipócritas e infiéis.

"Se morremos com ele, também com ele viveremos; se perseveramos, também com ele reinaremos" (11b e 12a).

A morte com Cristo aqui mencionada refere-se, de acordo com o contexto, não à nossa morte para o *pecado* através da união com Cristo em sua morte, mas sim à nossa morte para *nós mesmos* e para a nossa *segurança,* ao tomarmos a cruz e seguirmos a Cristo. A morte para o "eu" é descrita por Paulo em Romanos 6: 3 ("Ou porventura ignorais que todos os que fomos batizados em Cristo Jesus, fomos batizados na sua morte?"); a outra morte ele a expressa tanto em 1 Coríntios 15:31 ("cada dia morro") como em 2 Coríntios 4: 10 ("levando sempre em nosso corpo").

[40] Há quatro citações semelhantes nas Pastorais introduzidas pela fórmula "fiel é a palavra", ver 1 Tm 1:15; 3:1; 4: 9 e Tr 3: 8.

Parece que este é o sentido do hino, partindo do fato de que "morrer com Cristo" e "perseverar" são expressões paralelas.

Assim a vida cristã é representada como sendo uma vida de morte, uma vida de perseverança. Somente teremos parte na vida de Cristo no céu se, anteriormente, tivermos participado de sua morte na terra. Somente se compartilharmos do seu sofrimento compartilharemos do seu reino no porvir. Sim, a estrada para a vida é a morte, e a estrada para a glória é o sofrimento (cf. Rm 8: 17; 2 Co 4:17).

"Se o negamos, ele por sua vez nos negará; se somos infiéis, ele permanece fiel, pois de maneira nenhuma pode negar-se a si mesmo" (12b, 13).

Este último par de epigramas enfoca a terrível possibilidade de virmos a negar a Cristo, demonstrando infidelidade. A primeira frase "se o negamos, ele por sua vez nos negará", parece ser um eco da advertência do próprio Senhor: "mas aquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante do meu Pai, que está nos céus" (Mt 10: 33).

E quanto à segunda frase "se somos infiéis, ele permanece fiel", muitas vezes ela foi já tomada como tranqüilizante e garantia de que, mesmo que nos desviemos de Cristo, ele não se desviará de nós, visto que nunca será infiel como nós o somos. Certamente isso é verdade, Deus não ter nunca demonstrado a volubilidade ou a infidelidade própria do homem. Contudo a lógica desse hino cristão, com seus dois epigramas contrabalançantes, realmente exige uma interpretação diferente. "Se o negamos" e "se somos infiéis", são paralelos, implicando por conseguinte que "ele por sua vez nos negará" e "ele permanece fiel" também são paralelos. Neste caso, a sua "fidelidade", quando nós somos infiéis, será a fidelidade às suas advertências. No dizer de William Hendriksen: "A fidelidade, da parte de Cristo, significa que ele executa as suas ameaças . . . bem como as suas promessas".[41] Assim, ele nos negará, como o epigrama estabelece. Na verdade, se ele não nos negasse (em fidelidade às suas claras advertências), ele teria de negar-se a si mesmo. Contudo uma coisa a respeito de Deus é certa, fora de toda dúvida, que de maneira nenhuma Deus pode negar-se a si mesmo.

A idéia de que talvez haja algo que Deus "não possa" fazer é inteiramentente estranha para algumas pessoas. Deus não pode fazer qualquer e toda coisa que queira? Todas as coisas não lhe são possíveis? Ele então não é onipotente? Sim, mas a onipotência de Deus precisa ser compreendida. Deus não é um tirano totalitário, que exerce o seu poder arbitrariamente, a seu bel-prazer. A onipotência de Deus é referente à liberdade e ao poder que ele tem para fazer tudo o que decidir fazer. Mas o que Deus decide fazer é sempre o bem, agindo assim unicamente de acordo com a perfeição do seu caráter e da sua vontade. Deus pode fazer tudo que é compatível cora o seu próprio Ser. A única coisa que Deus não pode fazer, porque não quer, é negar-se a si mesmo ou agir em desacordo consigo mesmo. Por isso Deus permanece o mesmo eternamente, o mesmo Deus de misericórdia e justiça, cumpridor de suas promessas (sejam elas de bênção ou de julgamento), dando-nos a vida, se morremos com Cristo, e um reino, se perseveramos; mas também negando-nos, se o negamos, assim como já nos advertiu, pois não pode negar-se a si mesmo.

Voltando à primeira parte deste capítulo (vs. 1 a 13), vemos o apóstolo Paulo enfatizando a mesma lição. Partindo de uma analogia do cotidiano (soldados, atletas, lavradores) e da experiência espiritual (a de Cristo, a sua própria e a de cada cristão), ele insiste através desses trechos que as bênçãos fluem através do esforço; o fruto através da labuta; a vida através da morte; e a glória através do sofrimento. Trata-se de uma lei invariável na vida e no serviço cristãos.

Daí por que esperarmos que as coisas se tornem fáceis para nós, ou prometermos dias fáceis para os outros? Nem a sabedoria humana, nem a revelação divina nos dão tal esperança. Por que, então, nos iludimos a nós mesmos e aos outros? A verdade está no inverso, ou seja: "sem esforços não há recompensa", ou "sem cruz não há coroa".

---

[41] Hendriksen, William, p. 260.

Foi este princípio que levou Jesus Cristo, através de um nascimento humilde e de uma morte vergonhosa, à sua gloriosa ressurreição e ao seu reino eterno. Foi este princípio que trouxe a Paulo algemas e cadeias, a fim de que os eleitos obtivessem salvação e glória. É o mesmo princípio que torna o soldado disposto a suportar as durezas; o atleta, a disciplina; e o lavrador, a fadiga. Seria ridículo, então, esperar que a nossa vida e o nosso serviço para Cristo nada nos custassem.

Na segunda parte de 2 Timóteo 2 (vs. 14-26), Paulo continua com uma vivida descrição de Timóteo em seu trabalho de ensinar e transmitir a fé, sendo conseqüentemente a descrição de todo ministro, professor ou obreiro cristão. Agora ele faz uso de três outras metáforas: "o obreiro que não tem de que se envergonhar" (v.15), o "utensílio para honra" (v.ll) e "o servo do Senhor" (v.24). Cada uma delas delineia novos traços ao quadro que está a pintar.

7. Metáfora IV: o obreiro que não tem de que se envergonhar (vs. 14-19)

Recomenda estas cousas. Dá testemunho solene a todos perante Deus, para que evitem contendas de palavras que para nada aproveitam, exceto para a subversão dos ouvintes. [15]*Procura apresentar-te a Deus, aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade.* [16] *Evita igualmente os falatórios inúteis e profanos, pois os que deles usam passarão a impiedade ainda maior.* [17]*Além disso a linguagem deles corrói como câncer; entre os quais se incluem Himeneu e Fileto.* [18]*Estes se desviaram da verdade, asseverando que a ressurreição já se realizou, e estão pervertendo a fé a alguns.* [19]*Entretanto o firme fundamento de Deus permanece, tendo este selo: O Senhor conhece os que lhe pertencem. E mais: Aparte-se da injustiça todo aquele que professa o nome do Senhor.*

Deixemos de lado, por um momento, o versículo 14 e vamos nos dirigir logo ao versículo 15. Vários fatos se evidenciam, imediatamente, nesta exortação a Timóteo para que ele se torne um obreiro irrepreensível.

Em primeiro lugar, o tipo de obra executada pelo obreiro cristão é o ensino. Ele é chamado a manejar a "palavra da verdade".

Em segundo lugar, há dois tipos de obreiro. Por um lado há os que são "aprovados", "experimentados e fiéis", os que tendo sido testados como moedas ou metais, tenham passado pelo teste, sendo reconhecidos como "legítimos";[42] por outro lado há os que não são aprovados, pois são reprovados no teste. O primeiro grupo "não tem de que se envergonhar", enquanto que o segundo deve envergonhar-se profundamente.

Em terceiro lugar, a diferença entre estas duas categorias está no manejo, ou no tratamento, da "palavra da verdade", o bom depósito.

Assim, Paulo coloca estes dois tipos de ensinadores em contraste, e dá um exemplo de cada um. Timóteo (v.15) deve ser um bom obreiro, aprovado e irrepreensível. Himeneu e Fileto(v.l7), contudo, são maus obreiros, contraventores da palavra de Deus (não importa qual seja a aprovação ou o reconhecimento que tenham obtido dos homens) e têm todas as razões para se envergonharem. Adiante, a obra desses bons e maus obreiros é sintetizada por verbos cheios de significado. O bom obreiro "maneja bem" (v.15) a palavra da verdade; o mau obreiro "desvia-se" (v.18) da verdade, ou vira-se contra ela. Devemos dar a estes pontos uma atenção especial.

a. O bom obreiro

O verbo empregado no versículo 15 (*horthotomeö),* traduzido na Edição Revista e Atualizada por "manejar bem", significa, literalmente, "endireitar" ou "cortar em linha reta". Trata-se de um termo muito incomum e ocorre apenas três vezes no grego bíblico; uma vez no Novo Testamento (neste versículo), e duas vezes no livro de Provérbios, onde em 3: 6 se lê: "ele endireitará (tornará direitas) as tuas veredas"; e em 11:5: "a justiça do íntegro endireita o seu caminho".

Como, pois, a "palavra da verdade" é ilustrada, de modo que Timóteo recebe a

[42] Simpson, p. 136.

ordem de "endireitá-la" ou "cortá-la direito"? Não como uma vítima sacrificada que era cortada em pedaços, como pensavam certos comentaristas antigos; nem como um pão, dando a idéia de que Paulo estivesse determinando aos mestres a responsabilidade de cortar ou dividir a Palavra, como um pai divide um pão em pedaços menores para alimentar as crianças";[43] nem como uma fita para ser cortada em tiras, ou uma gleba a ser dividida em lotes, como certos dispensacionalistas ensinam; nem ainda, creio eu, como uma pedra, que martelos quebram para ser encaixada numa construção, como C. K. Barrett sugere;[44] mas, sim, como uma estrada ou um caminho ou, para ser mais moderno, como uma rodovia que precisa ser cortada em linha reta pelos campos. Deste modo, Arndt e Gingrich definem o verbo com o significado de "cortar um caminho em linha reta" ou "cortar uma estrada através de uma região (que apresenta florestas ou outras dificuldades de transposição) em linha reta, de forma tal que o viajante possa ir diretamente a seu destino". A metáfora pode ser ainda tomada sob o ponto de vista de lavrar a terra, tanto que se pode também aceitar a tradução: "conduzindo o sulco em linha reta na tua proclamação da verdade".

"A palavra da verdade" é a fé apostólica, recebida por Timóteo de Paulo, a qual deve ser comunicada a outros. Para nós seria, muito simplesmente, a Escritura. "Cortá-la direito" ou "fazer dela um caminho em linha reta" seria, de um lado, sermos corretos e, de outro, sermos claros em nossa exposição. Sófocles parece ter usado o termo com o sentido de "expor integralmente". Assim, o bom obreiro é conhecido por sua fidelidade à Escritura. Ele não a falsifica.[45] Tampouco procura confundir as pessoas, como Elimas, o encantador, culpado de "perverter os retos caminhos do Senhor" (Atos 13: 10). Ao contrário, ele trata a palavra com um cuidado tão escrupuloso que ele mesmo permanece no caminho, conservando-se na estrada principal, evitando os atalhos, e também ajudando outros a segui-lo.

b. O mau obreiro

A metáfora empregada por Paulo para definir o mau obreiro não é tomada da engenharia civil, nem tampouco da agricultura, mas da arte de manobrar o arco e flecha. Agora a verdade é comparada não a uma estrada construída, nem a um sulco produzido por um arado, mas a um alvo sendo atingido. O verbo (v.18) é *asthocheö,* que provém de *stochos,* "alvo", e significa "errar o alvo" e, assim, "desviar-se" de algo. Este verbo aparece três vezes nas epístolas pastorais:

"Desviando-se algumas pessoas destas cousas (do amor genuíno, de uma consciência boa e de uma fé sem hipocrisia), perderam-se em loquacidade frívola" (1 Tm 1: 6). "Pois alguns, professando-o ("o conhecimento falso"), se desviaram da fé" (1 Tm 6:21).

"Estes se desviaram da verdade..." (2 Tm 2:18).

Agora estamos aptos para compreender a alternativa que Paulo coloca diante de cada cristão, a quem a palavra da verdade é confiada para ser ensinada. Essa alternativa é que determinará se ele será um bom ou um mau obreiro.

A palavra da verdade é um alvo. Ao atirar contra este alvo, de duas, uma: ou ele o atingirá ou errará.

A palavra da verdade é uma estrada. Ao rasgar esta estrada através da floresta, ele a construirá reta ou sinuosa.

Como resultado do que ele faz, isto é, do modo como ensina, outros com certeza serão influenciados, para melhor ou para pior. Se ele construir a estrada em linha reta, as pessoas conseguirão segui-la e assim manter-se-ão no caminho. Se, por outro lado, ele errar o alvo, a atenção dos expectadores será distraída do alvo e os seus olhos seguirão a flecha, tão longe quanto ela for.

Aqui Paulo adverte a Timóteo sobre este grave perigo. Havia na Ásia quem

[43] Calvino, p. 313

[44] Barrett, p. 105

[45] Cf. 2 Co 2: 17. É significativo que o substantivo *orthotomia* tenha sido usado tanto por Gemente da Alexandria como por Eusébio, no sentido de "ortodoxia".

ensinasse graves erros. Ao invés de pregar o evangelho de Paulo, que incluía Jesus Cristo, "ressuscitado de entre os mortos" (v.8), modelo e penhor da ressurreição do seu povo, estavam ensinando "que a ressurreição já se realizou" (v.18). De fato, em certo sentido, ela já passou, no de que Cristo já ressuscitou e o seu povo juntamente com ele. Contudo, a ressurreição do corpo ainda está reservada para o futuro. Os falsos mestres, entretanto, estavam negando qualquer ressurreição do corpo no porvir (cf. At 17: 32; 1 Co 15: 12). Eles eram, talvez, primitivos gnósticos, para os quais o corpo representava um embaraço difícil, e o conceito de uma ressurreição corporal, por conseguinte, era-lhes tão inconcebível quanto indesejável. Assim, eles a "espiritualizavam", como sendo uma libertação da carne através de *gnösis* (conhecimento), ou também asseverando que a promessa da ressurreição fora cumprida totalmente, quando por fé e batismo fomos ressuscitados com Cristo. De igual modo, hoje, alguns "mistificam" a ressurreição e falam somente da fé ascendendo no coração cristão.

Tais hereges estavam substituindo a "palavra da verdade" pelo que Paulo chama de "contenda de palavras" (v.14). O verbo por ele aqui empregado *(logomacheö),* não ocorre em nenhuma outra passagem do Novo Testamento, contudo o substantivo *logomachia,* "contenda de palavras", é encontrado em 1 Tm 6: 4 e em alguns manuscritos de Tito 3:9. Parece se referir a algo "parecido com as excessivas minúcias dos teólogos medievais".[46] Em outra parte, ele chama isto de "falatórios inúteis" (16, *kenophönia,* ou " conversa mole").[47]

A instrução que Paulo deu a Timóteo, com respeito aos tais maus obreiros ou falsos mestres, era de evitá-los: "Dá testemunho solene a todos perante Deus, para que evitem contendas de palavras, que para nada aproveitam, exceto para a subversão dos ouvintes" (v.14). "Evita igualmente os falatórios inúteis e profanos, pois os que deles usam passarão a impiedade ainda maior. Além disso a linguagem deles corrói como câncer" (vs. 16-17a).

O dano causado por tal doutrina falsa é duplo. É "profano" e "canceroso". Isto quer dizer, em primeiro lugar, que ela desvia as pessoas de Deus. O que o versículo 16 diz é que aqueles que sustentam tal doutrina "avançam em crescente impiedade". Na verdade, isto dificilmente seria um "avanço". Conforme comenta Patrick Fairbairn,[48] trata-se de "um movimento para a frente, em direção errada". Em segundo lugar, ela espalha a sua infecção na comunidade. Para dar maior ênfase, Paulo reitera o alerta três vezes: "para nada aproveitam, exceto para a subversão dos ouvintes" (v.l4b). "Além disso a linguagem deles corrói como câncer" (v.17). ".. .estão pervertendo a fé de alguns" (v. 18b).

Estas duas tendências à heresia são altamente reveladoras. Agiríamos sabiamente se nos perguntássemos, em face de cada espécie de ensino doutrinário, qual a sua atitude para com Deus e qual o seu efeito sobre as pessoas. Quase sempre há algo de errado, que desonra a Deus e causa dano ao homem. A verdade, por outro lado, sempre honra a Deus, promovendo o caráter moldado por Deus, a piedade (cf. Tito 1: 16), e sempre edifica os seus ouvintes. Ao invés de causar uma *katastrophë* (v. 14), arruinando-os ou conturbando-os, ela os edifica em fé, em amor e em santidade.

Apesar de a fé dos homens ser abalada (v.l8b), o fundamento de Deus permanece seguro. Esta é a verdadeira Igreja, que Deus está construindo. Ela tem duplo "selo" ou "inscrição". O primeiro é secreto e invisível, e é "o Senhor conhece os que lhe pertencem" e, portanto, os guardará a salvo para sempre. O segundo é público e visível, a saber: "aparte-se da injustiça todo aquele que professa o nome do Senhor", e, por sua santidade, prova que pertence ao Senhor. A referência é feita, provavelmente, à história da rebelião de Coré, Datã e Abirão, do Antigo Testamento, de cujo incidente procedem as duas citações (Nm 16: 5-26). Em última análise, Paulo está dizendo que é somente o Senhor que conhece e reconhece o seu povo e só ele

[46] Simpson, p. 136.
[47] A única outra ocorrência desta palavra encontra-se em 1 Tm 6:20
[48] Fairbairn, p. 345.

pode distinguir o verdadeiro do falso, já que somente ele prova o coração. Mas nós, mesmo não podendo ver o coração, vemos a vida, que é a evidência fidedigna da condição do coração, e é manifesta a todos. Os dois selos, contudo, são essenciais; o divino e o humano, o visível e o invisível. Juntos, eles dão testemunho do "firme fundamento de Deus", sua verdadeira Igreja.

E, sem dúvida, essa referência a apartar-se do mal leva Paulo à próxima metáfora.

8. Metáfora V: o utensílio de honra (vs. 20-22)

Ora, numa grande casa não há somente utensílios de ouro e de prata; há também de madeira e de barro. Alguns, para honra; outros, porém, para desonra. [21]*Assim, pois, se alguém a si mesmo se purificar destes erros, será utensílio para honra, santificado e útil ao seu possuidor, estando preparado para toda boa obra.* [22]*Foge, outrossim, das paixões da mocidade. Segue a justiça, a fé, o amor e a paz com os que, de coração puro, invocam o Senhor.*

A figura que Paulo evoca é clara. Toda casa é normalmente equipada com vasilhas de diferentes tipos, como potes, panelas, tigelas e coisas semelhantes. Numa "grande casa", numa mansão imponente, tais coisas são em grande número e variedade, e podem ser divididas em aproximadamente dois grupos: "há os utensílios de ouro e de prata", "para uso de honra", possivelmente para ocasiões especiais, e particularmente para o serviço pessoal do Senhor da casa. Mas há também "os de madeira e de barro", os quais, à parte de serem de qualidade mais barata, são reservados para o uso *ignóbil* ou comum, na cozinha e na copa.

A que o apóstolo alude com esta metáfora? Quase não há dúvida de que "a grande casa" é a casa de Deus, a Igreja visível ou professa. Mas os utensílios, o que são? Quando o termo é usado em outras passagens do Novo Testamento, não sugere simplesmente os membros da Igreja, mas os mestres da Igreja. Por exemplo, falando a Ananias sobre o recém-convertido Saulo de Tarso, Jesus disse: "este é para mim um instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios, e reis, bem como perante os filhos de Israel" (At 9: 15). Anos mais tarde, Paulo descreveu a si mesmo e a seus cooperadores com imagem similar, ao escrever: "temos porém este tesouro em vaso de barro" (2 Co 4: 7). Nestes versículos, "instrumento" e "vaso" traduzem o mesmo termo grego *(skeuos)* que Paulo agora emprega em sua carta a Timóteo.

Um *skeous* era uma espécie de utensílio. É verdade que, quando a si mesmo se denominava um *vaso de barro,* ele aplicava a metáfora de uma outra maneira, pois que aí enfatizava a sua enfermidade física, não querendo dizer com isso que era apto somente para o uso comum. Não obstante, o tema *serviço* é proeminente nesses versículos. A função de Paulo, como instrumento, era de levar o nome de Cristo aos incrédulos e, nesse vaso de barro, ele carregava o tesouro do Evangelho, assim como uma frágil lamparina de cerâmica leva a luz.

Dessa forma, creio que a conclusão correta a que podemos chegar é a de que os dois grupos de utensílios na grande casa (ouro e prata para uso nobre, madeira e cerâmica para uso ignóbil) não representam membros genuínos e falsos da Igreja, mas sim mestres verdadeiros e falsos na Igreja. Paulo está, de fato, ainda se referindo aos dois grupos de mestres por ele postos em contraste no parágrafo anterior; os autênticos, como Timóteo; e os falsos, como Himeneu e Alexandre. A única diferença é que ele transforma a metáfora de bom e mau obreiro em vasos nobres e indignos.

É grande o privilégio que aqui o apóstolo coloca diante de Timóteo, no versículo 21. Na verdade, ele o estende a todo ministro ou obreiro cristão que preencha a condição mencionada, uma vez que sua declaração é feita em termos bem gerais: "se alguém se purificar". O privilégio é descrito por expressões simples, porém belas. "Será um vaso para uso nobre". Isso é complementado então com três outras expressões: "santificado" (permanentemente separado), "útil" (ou serviçal) ao seu possuidor (e dono da casa) e "preparado para toda boa obra". Não se pode imaginar honra mais alta do que a de ser um instrumento na mão de Jesus Cristo, estando à

disposição dele para o cumprimento dos seus propósitos, achando-se pronto para o seu serviço sempre que solicitado.

O Senhor da casa estabelece apenas uma condição: que os vasos que ele usa estejam limpos. A sua promessa depende disso. Logo se evidencia que a autopurificação é condição indispensável para ser útil a Cristo; mas o que vem ela a ser, na verdade? Nesta tradução, as palavras "destes erros" interpretam *apo toutön* ("destes"), podendo então se referir aos "utensílios para a desonra" do versículo anterior. Em que sentido, pois, devemos nos purificar? Não é que devemos nos isolar de todos os membros nominais da Igreja que suspeitamos serem espúrios, retirando-nos da igreja visível, pois Jesus indicou em sua parábola que as ervas daninhas foram semeadas junto com o trigo e não poderiam ser retiradas com êxito, até a hora da colheita. Além disso, já vimos que as duas espécies de vasos referem-se mais propriamente aos mestres do que aos membros. Este fato e o contexto sugerem, pois, que devemos manter-nos afastados dos falsos mestres que, como Himeneu e Fileto, negam aspectos fundamentais do evangelho e que (de acordo com 1 Tm 1: 19-20) tenham também violado as suas consciências, caindo em iniqüidades. Mas a condição estabelecida por Paulo é ainda mais radical. O que devemos evitar não é tanto o contato com tais homens, mas com os seus erros e maldades. Purificar-nos "destas coisas" quer dizer, essencialmente, expurgar a falsidade deles de nossas mentes, e a perversidade deles de nossos corações e vidas. A pureza, então, a pureza de doutrina e a pureza de vida, é a condição essencial para ser útil a Cristo.

Corrobora ainda para aceitarmos que esta é a interpretação correta o fato de que a metáfora da grande casa e seus utensílios (vs. 20 e 21) vem encaixada entre duas claras alusões à santificação pessoal. "Aparte-se da injustiça todo aquele que professa o nome do Senhor" (v.19) e "Foge, outrossim, das paixões da mocidade. Segue a justiça. . ." (v.22). É bem verdade que Deus, em sua soberana providência, às vezes tem escolhido vasos impuros como instrumentos tanto de juízo como de salvação. Nos dias do Antigo Testamento, Deus descreveu a Assíria como "a vara da minha ira", com a qual castigou o recalcitrante Israel, descartando-a depois (Is 10: 5). O rei da Babilônia, Nabucodonosor, ele o chamou de "meu servo", usando-o para julgar o povo de Deus; e Ciro, rei da Pérsia, foi chamado de "pastor" e "ungido" e usado para resgatar esse povo (Jr 25: 9; 27: 6; 43: 10; e Is 44: 28; 45:1). Contudo esses casos foram a exceção, e eram mais de caráter nacional do que pessoal. A grande ênfase da Escritura é que Deus escolhe vasos limpos, "instrumentos de justiça" (Rm 6: 13), para seu uso e para o cumprimento de seus propósitos. Não há dúvida de que na exortação de Paulo a Timóteo ele ordena que este se purifique, se é que deseja ser apto para o uso do Mestre.

A seguir o apóstolo procura esclarecer melhor o que quer dizer fazendo um franco apelo, com duas partes: uma negativa e outra positiva. A parte negativa refere-se a que Timóteo fuja das "paixões da mocidade". Isto não deve ser entendido como referência à concuspiscência sexual tão-somente, mas à "auto-afirmação, bem como à auto-indulgência",[49] à ambição egoísta, à obstinada teimosia, à arrogância e, enfim, a todos os "caprichosos impulsos da juventude". A parte positiva é que Timóteo deve "seguir" as quatro características essenciais de um cristão: "a justiça, a fé, o amor, e a paz", e deve segui-las em boa companhia (talvez para compensar a companhia que terá de evitar, ao purificar-se do que é ignóbil), a companhia daqueles que, "com um coração puro, invocam o Senhor", isto é, daqueles que compartilham com Timóteo da mesma fome de justiça e que, com autêntica sinceridade, clamam a Deus que lhes satisfaça.

Quando ouvimos a exortação moral de Paulo, é importante ver o acentuado contraste que há entre o seu aspecto negativo e o seu aspecto positivo, notadamente entre os dois verbos "fugir" e "seguir", ambos fortemente sugestivos. *Pheugö* ("fugir, evitar") significa literalmente "buscar segurança na fuga" ou "escapar". É usado

[49] Lock, p. 101

literalmente com o sentido de fuga do perigo físico, como, por exemplo, quando Moisés fugiu da ira do Faraó, ou quando José e Maria, com o menino, fugiram da fúria de Herodes (At 7: 29; Mt 2: 13). Assim, também, o mercenário foge do lobo; ainda, quando, no ano 70, Jerusalém foi cercada pelas legiões de Roma, os cristãos judeus tiveram de fugir para as montanhas (Jo 10: 12-13; Lc 21: 21). No mesmo sentido, quando o verbo é usado figurativamente, ele denota fuga de perigo espiritual. Todos os pecadores recebem a insistente recomendação de "fugir da ira vindoura" (Mt 3:7). Todos os cristãos recebem a ordem de fugir da idolatria, da imoralidade, do espírito materialista e do amor ao dinheiro e, aqui, das paixões da mocidade (1 Co 10: 14; 6: 18; 1 Tm 6: 11). É verdade também que temos instruções para resistir ao demônio, a fim de que ele fuja de nós (Tiago 4: 7), mas devemos reconhecer o pecado como algo perigoso para a alma. Não devemos entrar em compromissos ou negociações com ele. Não devemos nos demorar em sua presença, como Ló em Sodoma (Gn 19: 15, 16); ao contrário, devemos nos distanciar dele tanto quanto possível, com a maior rapidez. Assim como José, ao ser tentado pela mulher de Potifar, também nós devemos correr e fugir (Gn 39:12).

O verbo *diökö* ("segue") é exatamente o oposto, pois se *pheugõ* significa escapar de algo, *diökö* significa correr após algo, perseguir, ir no encalço de, como na guerra ou numa caçada. O sentido patente deste verbo no Novo Testamento (cerca de 30 passagens) é o de perseguição. Paulo mesmo o usa para descrever as atividades que exercia antes de sua conversão, como perseguia violentamente a igreja de Deus (Gl 1: 13) e em sua violenta fúria contra os cristãos os afugentava de sua própria terra para cidades estrangeiras (At 26: 11). Como metáfora, este verbo é usado para descrever a busca cristã da vontade de Deus. Sob a figura de uma corrida de carros, Paulo diz, de si mesmo, estar se esforçando para avançar e acrescenta: "prossigo, prossigo para o alvo" (Fp 3: 12-14). O cristão é impelido[50] a alcançar a retidão moral com a mesma dedicação com que os judeus buscavam a justiça da lei (Rm 9:31). Em outras passagens, esta idéia de retidão ou "santificação" (Hb 12: 14) é analisada em suas partes constituintes e complementada com outras virtudes. De fato, devemos perseguir, com diligência, "a justiça, a fé, o amor e a paz" (aqui); ou "a justiça, a piedade, a fé, o amor, a constância, a mansidão" (1 Tm 6: 11); ou simplesmente "o amor" (1 Co 14: 1), especialmente aquele amor para com os estranhos, chamado de "hospitalidade" (Rm 12: 13), e o "bem" dos outros, que o amor sempre procura (1 Ts 5: 15); ou simplesmente "a paz", a graça que tudo inclui, junto com as "coisas da paz e também as da edificação de uns para com os outros" (Hb 12: 14a; 1 Pe 3: 11; Sl 34: 15; Rm 14: 19). Em todos estes versículos é usado o mesmo verbo *diökö,* "perseguir".

Assim, pois, voltando a estas duas partes da exortação paulina, que estudamos em separado, e considerando-as agora conjuntamente, vemos que devemos escapar do perigo espiritual, e correr após o bem espiritual; devemos fugir de um, escapando de suas garras, e correr atrás do outro, até alcançá-lo. Esta dupla responsabilidade dos cristãos, a negativa e a positiva, é o consistente e reiterado ensino da Escritura. Assim, temos que negar a nós mesmos e seguir a Cristo. Temos que nos despir de tudo o que pertence à nossa velha vida e nos vestir do que pertence à nova vida. Temos que fazer morrer a nossa natureza terrena e colocar os nossos pensamentos nas coisas celestes. Temos que crucificar a carne e andar no Espírito. É essa implacável rejeição, por um lado, combinada com essa inflexível perseguição, pelo outro, que a Escritura nos impõe como sendo o segredo da santificação. Somente assim podemos aspirar alcançar condições para que o Mestre nos use. Para que a promessa seja recebida ("será utensílio para honra"), a condição tem que ser satisfeita ("se alguém a si mesmo se purificar destes erros").

9. Metáfora VI: o servo do Senhor (vs. 23-26)

E repele as questões insensatas e absurdas, pois sabes que só engendram contendas.
[24]Ora, é necessário que o servo do Senhor não viva a contender, e, sim, deve ser

[50] Aqui e em 1 Tm 6:11.

brando para com todos, apto para instruir, paciente; [25]disciplinando com mansidão os que se opõem, na expectativa de que Deus lhes conceda não só o arrependimento para conhecerem plenamente a verdade, [26]mas também o retorno à sensatez, livrando-se eles dos laços do diabo, tendo sido feitos cativos por ele, para cumprirem a sua vontade.

Novamente a metáfora é mudada. O vaso na casa é substituído por um escravo doméstico. O *skeous* é transformado em *doulos,* mas antes de delinear a espécie de comportamento ideal para o servo do Senhor, Paulo introduz o contexto em que tinha de viver e servir. Ele volta-se às "contendas de palavras" do versículo 14 e aos "falatórios profanos" do versículo 16.

A palavra traduzida por "questões insensatas" (v.23) *(zëtësis,* no singular), tem na realidade dois sentidos. Pode significar tanto "investigação", tal como no inquérito legal em que Paulo fora indiciado, do qual Festo participou ao rei Agripa estar incerto quanto ao modo de agir (At 25: 20); como também pode significar "discussão", tal como no debate sobre a circuncisão entre os apóstolos e os judaizantes (At 15: 2-7). Aqui, se a palavra estiver sendo empregada no primeiro sentido, referir-se-á a alguma espécie de investigação filosófica, e bem poderia ser traduzida por "especulação"; mas, se for no segundo sentido, a alusão será a uma "controvérsia".

Esta palavra ocorre três vezes nas Epístolas Pastorais, uma vez em cada carta (1 Tm 6: 4; 2 Tm 2: 23; Tt 3:9), ou então quatro vezes, se a palavra *ekzètèsis,* de sentido levemente mais forte, for acrescentada (1 Tm 1:4). Esta última parece certamente referir-se a uma "vã especulação". No contexto é o fruto de uma preocupação com "fábulas e genealogias". No final dessa carta, contudo, a palavra *zètéseis* (plural) vem ligada a *logomachiai* significando "guerra de palavras", das quais se diz provirem "inveja, provocação, difamação, suspeitas malignas" (1 Tm 6: 4). Assim, aí o sentido é de inflamadas controvérsias.

Talvez não haja necessidade de se optar por um dentre os dois significados. Eles certamente se apresentam combinados em Tito 3:9, onde é mandado que Tito evite quatro coisas: "as discussões insensatas" *(zètéseis),* as genealogias (novamente a idéia especulativa), as contendas (*ereis)* e os debates *(machos,* "batalhas") sobre a lei. Esta última palavra é bastante enfocada em 2 Tm 2, pois no versículo 23 Paulo adverte contra *zètéseis* "discussões insensatas" (novamente *machos); e* proíbe, no v.14, *logomachein* (contender com palavras; cf. 1 Tm 6: 4) ou, no versículo 24, *machesthai* (brigar ou contender). A expressão de Calvino "especulações controvertidas"[51] une com clareza as duas ênfases.

O que, pois, está sendo proibido a Timóteo e, através dele, a todos os servos e ministros do Senhor, hoje? Não podemos concluir que seja uma proibição contra todo tipo de controvérsia. Quando a verdade do Evangelho estava sendo cruelmente atacada, o próprio Paulo tornou-se um ardoroso controvertista, a ponto de resistir Pedro face a face em público (Gl 2: 11-14). Além disso, nas próprias cartas pastorais, ele insiste com Timóteo e Tito para que guardem o sagrado depósito da verdade e que lutem por ele. Todo cristão deve, em certo sentido, combater "o bom combate da fé" (1 Tm 6: 12; 2 Tm 4: 7), procurando defendê-la e preservá-la. O que nos é proibido são as controvérsias que, em si mesmas, são "insensatas e sem sentido"; com o efeito de "provocar contendas". Elas são "insensatas" ou "fúteis" por serem especulativas. Pela mesma razão, são também insensatas *(apaideutosj,* literalmente: "sem instrução" ou até "indisciplinadas", pois vão além da Escritura e não se submetem à disciplina intelectual que a Escritura deveria impor. Elas inevitavelmente também "produzem contendas", porque ao se abandonar a revelação para se dar asas à especulação, também se perde o referencial que representa uma autoridade aceita por todos, e se fica sem ninguém para apelar por justiça. Acaba-se caindo num puro subjetivismo e, assim, em argumentos sem proveito, onde a opinião de um só é tão boa (ou tão má) quanto a de outro. Se ao menos a Igreja tivesse prestado atenção a esta advertência! A combinação de especulações não

[51] Calvino, p. 312.

bíblicas com polêmicas despidas de amor tem causado grandes danos à causa de Cristo.

A característica fundamental do "servo do Senhor" é "ser manso" (24, 25a). Já vimos que ele foi chamado ao ministério do ensino. Ele, portanto, tem que ser "apto para instruir" *(didaktikos),* dotado de um dom ou aptidão para o ensino. O seu ministério deverá ter, às vezes, um enfoque negativo; outras vezes, positivo; quer dizer, ele é chamado não somente a ensinar a verdade às pessoas sob seu cuidado, mas também a corrigir erros. Não deverá deixar de disciplinar "os que se opõem", ou de "educar os opositores" (BJ). Mas em todo o seu ministério, instruindo e corrigindo igualmente, deverá mostrar a mesma qualidade distintiva: "que não viva a contender". Ao contrário, deverá ser "brando para com todos. . . paciente" e caracterizado por "mansidão". A primeira palavra *(èpios)* significa "brando" e é usada por Paulo para descrever a atitude de uma "ama que acaricia os próprios filhos" (1 Ts 2:7). A segunda palavra *(anexikakos)* significa literalmente "suportar o mal, sem ressentimentos" e assim suportar a dureza das pessoas, sendo paciente em face das tolices delas e tolerante quanto às suas fraquezas. A última das três palavras *(prãutes)* acrescenta à mansidão, já descrita pelas outras duas, as idéias de "humildade, cortesia, consideração e brandura". O seu oposto seria "imprudente, orgulhoso e rude".

Tudo isto é próprio da conduta do "servo do Senhor" e nos faz, sem dúvida, lembrar do "servo do Senhor" descrito por Isaías. Aquele servo era um mestre, pois que o Senhor Deus lhe dera uma "língua erudita", e ele a usou sabiamente. Ele sabia como "dizer a seu tempo uma boa palavra ao que está cansado". Tão brando era ele em seu ministério, que jamais levantaria a voz ou clamaria, e era tão sensível que lidaria amavelmente com os que estivessem de ânimo abatido e com a fé bruxoleante. Ele jamais quebraria a cana trilhada, jamais apagaria o pavio que fumegasse. E quando as pessoas a ele se levantaram em oposição, não opôs resistência, nem lhes pagou na mesma moeda. Ofereceu as suas costas aos que o feriam e a face aos que lhe arrancavam os cabelos e lhe cuspiam, e até deixou-se ser conduzido, sem resistência, como ovelha muda ao matadouro (Is 50: 4; 42: 2-3; 50: 6; 53: 7). Assim foi o Jesus de Nazaré, o servo do Senhor *por excelência,* que a si mesmo se chamou de "*manso e humilde de coração*" (Mt 11: 39). E esta mesma "mansidão e benignidade" de Cristo (2 Co 10: 1) deve caracterizar todos aqueles que se chamam, hoje, servos do Senhor.

Além disso, se o servo do Senhor adornar o seu ensino cristão com um caráter cristão, e se for brando em seu trato com os inconstantes, "disciplinando com mansidão os que se opõem", um bom resultado virá. Deus mesmo, através de um tal ministério, pode operar uma notável obra de salvação.

Devemos observar cuidadosamente, nos versículos 25b e 26, como são considerados tais oponentes à verdade apostólica. Evidentemente eles são pecadores, pois que precisam ter "o arrependimento", e também se acham em erro, pois que precisam conhecer "plenamente a verdade". Mas o que mais nos chama a atenção é que tanto o mal como o erro em que estão envolvidos são vistos como "laços do diabo", dos quais precisam ser livrados. Além disso, tão importante como a correção feita pelo manso servo do Senhor, Deus mesmo é quem lhes dá ou concede *(doë)* o arrependimento; Deus é quem lhes ilumina as mentes para o conhecimento da verdade; Deus é quem os liberta do poder de Satanás.

Conquanto não fosse incorreta uma versão do v.25 que tratasse os dois primeiros passos de forma separada ("arrependimento" e "conhecimento da verdade"), a expressão grega corresponde literalmente à forma da ERAB: "lhes conceda. . . o arrependimento *para (eis)* conhecerem plenamente a verdade"; ou seja, o conhecimento da verdade como conseqüência do arrependimento. Este é um bom exemplo do forte elo com que a Escritura sempre une o moral e o intelectual. Todo o mundo sabe que a fé condiciona o comportamento, mas poucos se apercebem de que o comportamento também condiciona a fé. Assim como a violação da consciência conduz ao naufrágio na fé (1 Tm 1: 19), assim também o arrependimento dos pecados

conduz a um conhecimento da verdade.

Há uma certa incerteza em relação à última frase do versículo 26: "tendo sido feitos cativos por ele, para cumprirem a sua vontade". Não está claro a quem o "ele" e o "sua" se referem, se a Deus ou se ao diabo. Alguns comentaristas pensam que ambos se referem a Deus e que assim descrevem o jugo divino, que assegura a libertação da escravidão de Satanás. Tais pessoas agora teriam sido feitas cativas por Deus e sujeitas à sua vontade. O verbo "fazer-se cativo" é *zõgreõ* e tem o sentido de "capturar com vida". O seu único outro uso, no Novo Testamento, é encontrado em Lucas 5: 10, quando Jesus diz ao pescador Pedro que doravante ele seria *pescador* de homens. Talvez seja por esta razão que alguns comentaristas atribuem a captura ao próprio servo do Senhor; p. ex. Lock: "será que eu não sou um pescador de homens, que os salve nesta vida, que os leve de volta a fazerem a vontade do seu verdadeiro Mestre?" [52]

Outros pensam que o cativeiro é do diabo, mas que a vontade é de Deus. Neste caso as pessoas "livram-se dos laços do diabo, tendo sido feitos cativos por ele, para cumprirem a sua (isto é, de Deus) vontade"

Mas a maior parte dos comentaristas considera os termos "ele" e "sua" relacionados com o diabo. Neste caso, a frase está simplesmente ampliando o que se entende por laços do diabo. É como na versão da Bíblia de Jerusalém, que diz com clareza: "libertando-os do laço do diabo, que os tinha cativos de sua vontade". Sendo assim, podemos ver por detrás dos bastidores, em cada ministério cristão evangelístico ou de ensino. Atrás dos cenários, invisíveis aos que estão no palco e na platéia, está sendo travada uma luta espiritual. A horrível atividade de Satanás está perfeitamente descrita. Ele é comparado a um caçador que captura a sua presa com vida, com "laços" engenhosos ou por meio de uma armadilha. Ele também a entorpece ou inibria, já que a palavra usada para descrever a sua libertação, "livrando-os" *(ananèphò),* significa literalmente "tornar sóbrio" ou "voltar novamente aos sentidos", após um período de intoxicação diabólica. Somente Deus pode libertar de um tal cativeiro, em que homens são tanto apanhados em armadilhas como drogados pelo diabo; e Deus o faz, dando-lhes arrependimento para o pleno conhecimento da verdade. Contudo, ele efetua o resgate através do ministério humano de um de seus servos, o qual evita as questões loucas e ensina com amabilidade, paciência e mansidão.

*****

Olhando retrospectivamente para este capítulo, podemos agora compor em nossas mentes o retrato completo do obreiro ou ministro cristão ideal, que Paulo vem pintando com toda essa variedade de palavras e imagens. Como bons soldados, como atletas fiéis ao regulamento, e como laboriosos agricultores, devemos nos dedicar completamente à obra. Como obreiros que não têm do que se envergonhar, devemos ser acurados e claros em nossa exposição. Como vasos para uso nobre, devemos ser corretos em nosso caráter e em nossa conduta, gentis e bondosos em nosso trato. Deste modo, cada metáfora se concentra em uma característica particular, contribuindo para o todo do retrato e, de fato, delineando a condição necessária para ser útil. Somente se nos entregarmos sem reservas às nossas labutas como soldados, corredores e agricultores, poderemos esperar resultados. Somente se cortarmos a verdade em linha reta e não nos desviarmos dela, seremos aprovados por Deus e não teremos do que nos envergonhar. Somente se nos purificarmos do que é ignóbil, de todo erro e pecado, seremos vasos para uso nobre, úteis ao Senhor da casa. Somente se formos bondosos e avessos às intrigas, como fiéis servos do Senhor, Deus concederá aos nossos adversários arrependimento, conhecimento da verdade e livramento do diabo.

Tal é a nossa responsabilidade de labutar e sofrer pelo evangelho. Assim, não é

[52] Lock, p. 98

de se estranhar que este capítulo 2 tenha começado com a exortação: "fortifíca-te na graça que está em Cristo Jesus".

CAPITULO 3
Terceira Exortação: Permanece no Evangelho!

Deitado em sua cela, prisioneiro do Senhor, Paulo ainda se preocupa com o futuro do Evangelho. Sua mente vagueia pensando ora na maldade dos tempos, ora na timidez de Timóteo. Timóteo é tão fraco, e a oposição tão forte! Parece estranho que um homem assim seja chamado, em tal situação, a combater pela verdade. Assim o apóstolo começa com um vivido esboço desse cenário e, em oposição a tal pano de fundo, conclama Timóteo, a despeito dessa situação caracterizada por um generalizado desvio de Deus, e a despeito da fraqueza de temperamento de Timóteo, a continuar fiel ao que aprendera.

1. Enfrentando tempos difíceis (vs. 1,2a)
Sabe, porém, isto: nos últimos dias sobrevirão tempos difíceis; [2]pois os homens serão egoístas,. ..

Por que será que Paulo inicia este capítulo dando uma ordem tão enfática a Timóteo: "sabe, porém, isto"? Afinal, a existência de uma ativa oposição ao evangelho era evidente. O próprio Paulo tinha sido detido, algemado e colocado na prisão, por causa da sua lealdade ao evangelho (1: 11-12; 2: 9). Na Ásia, todos o tinham repudiado, como Timóteo bem o sabia (1: 15). E anteriormente na carta o apóstolo insistiu com seu jovem amigo que não se envergonhasse do evangelho, mas que compartilhasse do sofrimento como um bom soldado de Cristo; lembrou-o de que precisava sofrer com Cristo, se é que esperava, um dia, reinar com ele; e advertiu-o de que, por trás de "contendas de palavras", "falatórios profanos" e "questões insensatas e absurdas", coisas essas difundidas por falsos mestres, está de tocaia a figura miserável do próprio diabo (1: 8; 2: 3: 11-12, 14, 16, 23, 26). Por que, pois, ordena o apóstolo que Timóteo saiba algo que já sabe? É que ele quer enfatizar que a oposição à verdade não é uma situação passageira, mas uma característica permanente da presente era. Talvez ele tema que Timóteo se torne super-otimista, na esperança de que, se ficar quieto por algum tempo, a tormenta passe. Paulo, contudo, não lhe dá esta expectativa. Nós também devemos "saber isto", ficando bem cônscios dos perigos e dificuldades que nos assediarão, se permanecermos firmes na verdade do evangelho.

Em seguida Paulo refere-se aos "últimos dias". Pode ser natural aplicar este termo a uma época futura, aos dias imediatamente precedentes ao fim, quando Cristo retornar. Contudo, a correta prática bíblica não nos permite uma tal explicação, por ser convicção dos autores do Novo Testamento que a nova era (prometida no Velho Testamento) chegou com Jesus Cristo, e que, com a sua vinda, a era antiga já havia passado, sendo o amanhecer dos últimos dias. Foi assim que Pedro, no dia de Pentecostes, se referiu à profecia de Joel, dizendo que "nos últimos dias" Deus derramaria o seu Espírito sobre toda a carne, e declarou que essa profecia então se cumpria. "Ocorre o que foi dito pelo profeta Joel", declarou Pedro. Em outras palavras, "os últimos dias", a que se referia a profecia, chegaram (At 2: 14-17). Assim também a carta aos Hebreus começa com uma afirmação de que Deus antigamente falara aos pais através dos profetas, e a nós falou "nestes últimos dias" pelo Filho (Hb 1: 1-2). Sendo assim, estamos vivendo nos "últimos dias". Eles se iniciaram com Jesus Cristo, o Filho de Deus.

O que se segue em 2 Timóteo 3 é, pois, uma descrição do presente, e não do futuro. Paulo retrata todo o período que vai desde a primeira até a segunda vinda de

Cristo. "Sob *os últimos dias* ele inclui a condição universal da Igreja Cristã".[53] Isto decorre não somente do modo como a expressão "os últimos dias" é usada no Novo Testamento. Isto é também evidente partindo do fato de que Paulo não faz predições a respeito de alguma época futura, que ele mesmo não alcance em vida, mas de que dá a Timóteo instruções relacionadas ao seu ministério presente, incluindo (por exemplo) a ordem de "fugir" de certas pessoas (v.5).[54] Timóteo já estava vivendo nos últimos dias a que Paulo se refere. Nós também estamos. Estes dias podem se tornar piores no futuro (v.13), mas já agora os tempos são maus e perigosos.

Nestes últimos dias, Paulo acrescenta, "sobrevirão tempos difíceis". O que Timóteo deve entender sobre os últimos dias não é que eles sejam uniforme e permanentemente maus, mas que neles há períodos perigosos. A história da Igreja confirma que tem sido assim. Quando o navio da igreja cristã foi posto ao mar, não lhe foi dito que esperasse uma travessia serena e calma; ele tem sido golpeado por tormentas e tempestades e até por furacões.

Paulo chama estes períodos de "tempos difíceis". O adjetivo grego *chalepos,* significa basicamente "duro" ou "difícil" podendo ser tanto no sentido de "difícil de suportar" (como por exemplo no caso da dor física), como também no sentido de "difícil de se lidar", trabalhoso (ERC), perigoso, ameaçador".[55] No grego clássico o termo foi usado com referência a perigosos animais selvagens como também ao mar violento. A sua única ocorrência no Novo Testamento é na história dos dois endemoninhados gadarenos, que eram tão brutos e bravios como bestas selvagens. Mateus registra serem eles "a tal ponto *furiosos (chalepos)* que ninguém podia passar por aquele caminho" (Mt 8: 28). Isto nos dá uma idéia de como são os tempos que a igreja deve esperar nos últimos dias. Estes serão dolorosos e perigosos, difíceis de suportar, difíceis de serem enfrentados.

Paulo imediatamente prossegue dizendo-nos a razão disso: *pois os homens serão. . .* É importante compreender que os *homens* é que são os responsáveis pelos tempos ameaçadores pelos quais a igreja deverá passar; homens decaídos, homens maus, homens de natureza pervertida, cujo comportamento é egoísta e independente de Deus, cujas mentes são hostis a Deus e à sua lei (cf. Rm 8:7), e que espalham maldade, heresia e religião morta no seio da Igreja. Antes de estudarmos minuciosamente como Paulo caracterizou estes homens, temos que compreender bem as suas palavras introdutórias. Em primeiro lugar, diz ele, estamos vivendo nos últimos dias; Cristo os trouxe consigo quando apareceu entre os homens. Em segundo lugar, estes dias incluirão tempos difíceis e perigosos. Em terceiro lugar, eles serão decorrentes das atividades de homens maus. Em quarto lugar, devemos entender isso, para ficarmos bem esclarecidos e assim estarmos preparados.

2. Os homens maus são descritos (vs. 2-9)

Pois os homens serão egoístas, avarentos, jactanciqsos, arrogantes, blasfemadores, desobedientes aos pais, ingratos, irreverentes, 3de*safeiçoados, implacáveis, caluniadores, sem domínio de si, cruéis, inimigos do bem,* 4*traidores, atrevidos, enfatuados, antes amigos dos prazeres que amigos de Deus,* 5 *tendo forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder. Foge também destes.* 6*Pois entre estes se encontram os que penetram sorrateiramente nas casas e conseguem cativar mulherinhas sobrecarregadas de pecados, conduzidas de várias paixões,* 7*que aprendem sempre e jamais podem chegar ao conhecimento da verdade.* 8*E, do modo por que Janes e Jambres resistiram a Moisés, também estes resistem à verdade. São homens de todo corrompidos na mente, réprobos quanto a fé;* 9*eles, todavia, não irão avante: porque a sua insensatez será a todos evidente, como também aconteceu com a daqueles.*

O restante deste primeiro parágrafo do capítulo 3 dedica-se a uma perfeita

[53] Calvino, p. 322.

[54] Similarmente, os apóstatas e escarnecedores dos "últimos dias" ou dos "últimos tempos", referidos em 1 Tm 4:1; 2 Pe 3:3 e Jd 18, já eram considerados ativos ao escreverem suas cartas Paulo, Pedro e Judas.

[55] Simpson, p. 143

descrição de tais homens. Paulo delineia particularmente a conduta moral (vs. 24), a observância religiosa (v.5) e o zelo proselitista (vs. 6-9) deles.

a. A conduta moral (vs. 2-4)

Nestes três versículos, o apóstolo emprega nada menos do que dezenove expressões, com as quais descreve os homens iníquos, responsáveis pelos "tempos difíceis". Talvez fique um pouco cansativo analisar minuciosamente essa descrição, definindo cada termo de per si, mas prestemos atenção à primeira e à última frase simultaneamente. A primeira diz que são "egoístas", ou "amigos de si próprios" *(philautoi);* e a última (v.4) diz que não são "amigos de Deus" *(philotheoi),* o que deveriam ser. De fato, em quatro das dezenove expressões entra o termo "amor" *(phil),* sugerindo que o que está fundamentalmente errado com essas pessoas é que o seu amor está mal dirigido. Ao invés de serem em primeiro lugar "amigos de Deus" são "egoístas" (amigos de si mesmos), "avarentos" (amigos do dinheiro), "amigos dos prazeres" (v.4).

Entre essas quatro expressões acham-se outras quinze, as quais primordialmente descrevem o colapso no relacionamento entre os homens.

As três primeiras ampliam o significado do amor egocêntrico. Os homens egoístas tornam-se "jactanciosos", "arrogantes", e "blasfemadores". A primeira palavra significa "fanfarrões" ou "gabo-las" *(alazones),* e a segunda "altivos" ou "soberbos" *(hyperèphanoi),* o que conduz, naturalmente, à terceira: "difamadores" *(blasphemoi),* porque os que têm uma opinião exagerada sobre si mesmos inevitavelmente menosprezam os outros e deles falam mal.

As cinco palavras seguintes podem ser convenientemente agrupadas, pois parecem referir-se à vida familiar e especialmente à atitude que alguns jovens adotam em relação a seus pais. Os termos gregos estão todos na forma negativa, já que têm o prefixo *a* que é um prefixo negativo, enfatizando assim a trágica ausência de qualidades que até mesmo naturalmente seriam de se esperar. As duas primeiras são: "desobedientes aos pais", a quem os filhos devem honrar, conforme o ensino da Escritura, a quem devem obedecer, pelo menos enquanto de menor idade; e "ingratos", destituídos de elementar estima. A seguir vem a palavra que é traduzida por "irreverentes" *(anosioi),* porque *hosios* normalmente significa "devoto" ou "piedoso" em relação a Deus. Mas assim como o adjetivo similar *eusebès* (reverente) às vezes era usado no grego clássico em alusão ao respeito filial, o contexto sugere que talvez este seja o sentido aqui. "Desafeiçoados" *(astorgoi)* é traduzido por Phillips (CIN) "sem afeição natural". Esta mesma palavra aparece em Rm 1: 31, tendo na ERAB esta última tradução; na BV, porém, a expressão é "sem coração", porque faz parte da ordem natural estabelecida que pais e filhos se amem reciprocamente. A última palavra deste grupo de cinco é "implacável" *(aspondoi),* traduzida também por "irreconciliáveis" (ERC). Descreve a situação de pessoas (talvez a referência ainda seja mais a jovens) em tal revolta que nem ao menos querem pensar na possibilidade do diálogo. Numa sociedade ideal a atitude dos filhos para com seus pais deveria ser de obediência, gratidão, respeito, afeição e bom senso. Nos "tempos difíceis" estas cinco coisas inexistem. As últimas sete palavras da lista ultrapassam obviamente o recôndito familiar. A primeira é "caluniadores" *(diaboloi,* literalmente "diabos"), traduzida também por "mentirosos" (BJ). Eles são culpados do pecado de falar maldades contra os outros, especialmente na sua ausência. Eles são também "sem domínio de si" *(akrateis),* ou "incontinentes" (ERC), isto é, carentes de autocontrole; "cruéis" *(anèmeroij* ou "indomáveis"; e "inimigos do bem" *(aphigalathoij* ou "sem amor para com os bons" (ERC). Finalmente, eles são "traidores" (palavra usada em Lucas 6:16 para o traidor Judas), "atrevidos" (inteiramente obstinados em palavras e ações) e "enfatuados" ou "orgulhosos" (ERC), conotando "auto-importância", "arrogância".[56] De forma que voltamos ao mal básico, com o qual esta terrível lista começou: o orgulho.

[56] Simpson, p. 144.

Todo este comportamento errado no que se refere às relações humanas, esta atitude de desobediência, ingratidão, desrespeito, desumanidade para com os pais, juntamente com esta falta de autocontrole, de lealdade, de prudência e de humildade, isso é a inevitável conseqüência de um egocentrismo sem Deus. Comentando sobre o significado de *philautos* ("egoísta"), o Rev. Trench refere-se a um certo teólogo puritano que "compara o homem egoísta ao ouriço, o qual, tornando-se uma bola, mostra somente espinhos aguçados aos que o vêem, ao mesmo tempo que guarda para si mesmo, interiormente, todo o pelo macio e quente".[57] Aquele que é "presunçoso", "soberbo" e "orgulhoso", com certeza jamais se sacrificará em prol dos outros. O mandamento de Deus, como é com clareza declarado em sua lei moral, é que amemos a Deus em primeiro lugar (com todo nosso coração, com toda a nossa alma, com toda a nossa mente, e com todas as nossas forças); em segundo lugar, devemos amar ao nosso próximo; e, por último, a nós mesmos. Se invertermos a ordem, pondo o terceiro em primeiro lugar, isto é, o "ego" antes de tudo e Deus no fim, o nosso próximo no meio certamente sofrerá.

Assim, a raiz do problema em "tempos difíceis" é que os homens são "egoístas em extremo" (CIN), "amigos de si próprios" *(philautoí),* um "termo aristotélico . . . para um amor próprio desordenado".[58] Somente o evangelho oferece uma solução para este problema, porque somente o evangelho promete um novo nascimento, uma nova criação, o que implica numa mudança radical de egoísta para altruísta, uma verdadeira reorientação da mente e da conduta, tornando-nos fundamentalmente centrados em Deus, ao invés de egocêntricos. Assim, pois, estando Deus em primeiro lugar e o ego em último, amamos o mundo que Deus ama, e procuramos dar e servir como ele o faz.

b. A observância religiosa (v.5)

E talvez surpreendente a descoberta de que pessoas como estas, que não cumprem os princípios gerais aceitos pela sociedade civilizada, e que são indiferentes à lei de Deus, possam também ser religiosas. Mas é verdade. Na história da humanidade, ainda que isso seja algo vergonhoso de se confessar, a religião e a moralidade têm estado mais distantes entre si do que juntas. A Escritura nos testifica esse fato de forma inconteste. Os grandes profetas éticos dos séculos VII e VIII antes de Cristo se investiram contra Israel e Judá nesse ponto. Amós foi o primeiro, expondo a anomalia existente no reinado de Jeroboão II: um grande incremento na religião e na injustiça, simultaneamente. Os israelitas, disse Amós, "se deitam ao pé de qualquer altar sobre roupas empenhadas, e na casa do seu Deus bebem o vinho dos que foram multados (subentende-se: injustamente)" (Am 2: 8). Em outras palavras, no próprio desempenho de suas atribuições religiosas faziam uso de roupas e vinho, dos quais não tinham o direito moral de usufruir, A imoralidade, verdadeiramente, invadira as suas práticas religiosas.

Isaías deplorou a mesma coisa em Judá. Através dele, Deus enviou a seu povo o seguinte recado:

"As vossas luas novas, e as vossas solenidades, a minha alma as aborrece; já me são pesadas; estou cansado de as sofrer. Pelo que, quando estendeis as vossas mãos, escondo de vós os meus olhos; sim, quando multiplicais as vossas orações, não as ouço, porque as vossas mãos estão cheias de sangue Lavai-vos, purificai-vos, tirai a maldade de vossos atos de diante dos meus olhos: cessai de fazer o mal, aprendei a fazer o bem; atendei à justiça, repreendei ao opressor; defendei o direito do órfão; pleiteai a causa das viúvas" (Is 1:14-17).

O Senhor Jesus teve que proferir uma denúncia parecida com esta contra os fariseus, o povo ultra-religioso de seus dias: "limpais o exterior do copo e do prato, mas estes por dentro estão cheios de rapina e intemperanças" (Mt 23: 25). Ou seja, eram meticulosos em proteger a pureza cerimonial de seus utensílios, contudo o que

[57] *Sinônimos do Novo Testamento* de Trench, R.C., 1854, 9ª ed 1880 XCIII, p. 329.
[58] Simpson, p. 143.

comiam e bebiam com os seus limpos utensílios tinha sido adquirido com suja ganância e com desonestidade.

A mesma epidemia ainda grassava entre as pessoas que Paulo está descrevendo. Elas preservavam exteriormente uma "forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder" (v.5). Evidentemente elas participavam do culto da igreja. Cantavam os hinos, diziam o "amém" às orações, e deitavam dinheiro na bandeja das ofertas. Tinham aparência e palavras notoriamente piedosas. Mas era *forma* sem *poder,* aparência externa sem realidade interna, religião sem moral, fé sem obras.

A verdadeira religião combina forma e poder. Não se trata de uma forma externa, sem poder; nem, por outro lado, o poder moral é enfatizado a ponto de desprezar ou dispensar formas externas corretas. A verdadeira religião combina esses dois aspectos. Promove uma adoração que é essencialmente "espiritual", que nasce do coração, mas que se expressa em cultos públicos na comunidade, com conseqüências no comportamento moral. De outra forma, não é somente sem valor, mas é verdadeiramente uma abominação ao Senhor. Não é de se admirar que Paulo acrescente: "foge também destes". Não que Timóteo devesse evitar todo contacto com os pecadores, porque Jesus mesmo fora "amigo dos publicanos e pecadores", e se fosse para Timóteo evitar associação com eles, teria então que sair do mundo (cf. 1 Co 5: 9-12). Paulo se refere porém aos que estão dentro da igreja, já que está descrevendo "uma espécie de cristianismo pagão";[59] e Timóteo deveria manter distância dos tais, a quem se poderia chamar de "pecadores religiosos". Na verdade, poder-se-ia ir adiante. Quem vive pública e notoriamente no mal, deveria ser disciplinado e, se permanecer no erro, expulso da igreja (cf. 1 Co 5:5-13).

c. O zelo proselitista (vs. 6-9)

É realmente espantoso que as pessoas que Paulo vem descrevendo, cheias de malícia e de amor próprio, totalmente afastadas de Deus, não somente eram pessoas religiosas, mas também ativas propagadoras da religião. Tal era a situação!

O zelo proselitista dessas pessoas parece estar retratado como uma operação militar. O verbo traduzido por "cativar" *(aichmalotizõ)* significa, propriamente, "fazer prisioneiro de guerra", contudo o seu significado pode ter sido amenizado com o sentido de "levar, iludir, desencaminhar". Em todo o caso, o método daquelas pessoas não era direto e aberto, mas furtivo, secreto, manhoso. Agiam como larápios. Entrando, sem dúvida, pela porta dos fundos e não pela principal, esses mascates da heresia introduziam-se em casas particulares. Escolhendo uma hora em que os homens estavam ausentes (provavelmente no trabalho), eles concentravam a sua atenção em "mulherinhas". Este expediente, comenta o Rev. Ellicott, era "tão velho quanto a queda do homem"[60], pois a serpente enganou Eva primeiro. Assim também agiam os gnósticos, e esta tem sido a tática costumeira dos caixeiros-viajantes religiosos desde então, inclusive das Testemunhas de Jeová em nossos dias.

Paulo refere-se às mulheres tomadas como vítimas com a palavra *gynaikaria,* "mulherinhas", um termo de desprezo para as mulheres ociosas, tolas e sem firmeza. A fraqueza delas tinha dois aspectos. Em primeiro lugar, eram moralmente fracas, "carregadas de pecados, afetadas por várias paixões". Os seus pecados eram-lhes, ao mesmo tempo, um fardo e uma tirania; e os falsos mestres, infiltrando-se nas casas delas, tocavam nos sentimentos de culpa e de fraqueza que elas tinham. Além disso, em segundo lugar, elas eram intelectualmente fracas, instáveis, crédulas e ingênuas. Eram do tipo de mulheres que "aprendem sempre" mas que também "jamais podem chegar ao conhecimento da verdade". Incapazes assim de alcançar qualquer convicção firme, assemelhavam-se a pequenos barcos jogados para cá e para lá pela tormenta (cf. Ef 4: 14). Em tal estado de confusão mental, é fácil dar ouvidos a qualquer mestre, até mesmo a um trapaceiro. "Não era o amor à verdade que as

[59] Ellicott, p. 144.
[60] Ellicott, p. 146.

impelia a aprender, mas somente um mórbido amor às novidades".[61] Essas mulheres, fracas de caráter e de intelecto, são uma presa fácil para os vendedores religiosos ambulantes.

Como exemplo de mestres falsos, agora Paulo menciona "Janes e Jambres" que foram (de acordo com a tradição judaica) dois mágicos importantes na corte de Faraó. Os seus nomes não são mencionados nos textos do Velho Testamento, contudo um dos Targuns insere esses nomes em Êxodo 7: 11, onde se lê: "Faráo, porém, mandou vir os sábios e encantadores, e eles, os sábios do Egito, fizeram também o mesmo com as suas ciências ocultas". O que se pode concluir do que Paulo escreve aqui é algo extremamente importante, mas a percepção não é fácil. Ele traça um paralelo histórico entre Janes e Jambres (que se opuseram a Moisés séculos antes) e "estes" (os falsos mestres de seus dias), que também se opunham à verdade. Janes e Jambres eram mágicos; os falsos mestres também eram "perversos" e "impostores" (v.13). É possível que eles tenham também praticado a magia, pois quando os efésios "que haviam praticado artes mágicas" se converteram, "reunindo os seus livros, os queimaram diante de todos" (At 19: 18-19). O que é digno de nota quanto a esta analogia, porém, não é somente que os falsos mestres da Ásia são comparados aos mágicos egípcios, mas sim que Paulo, dessa forma, compara-se a si mesmo com Moisés! E Moisés foi a maior figura do Antigo Testamento. Nunca mais se levantou em Israel profeta algum como Moisés, conforme nos diz o texto bíblico, tanto com respeito ao conhecimento de Deus ("com quem o Senhor houvesse tratado face a face"), como nos sinais e prodígios que ele fez para autenticar a revelação de Deus (Dt 34: 10-11). "Vê", disse o Senhor a Moisés, "que te constituí como deus sobre o Faraó ... Tu falarás tudo o que te ordenar" (Êx 7: 1-2). Assim, por quarenta anos, Moisés falou a palavra de Deus e deu as leis de Deus ao povo.

Mas agora Paulo tem a ousadia de comparar-se a Moisés. Assim como Janes e Jambres se opuseram a Moisés, assim também os falsos mestres da Ásia vinham se opondo à verdade. A que verdade? Ora, à verdade ensinada por Paulo e confiada por Paulo a Timóteo (1: 14), a fé apostólica, o sagrado depósito, que Timóteo deveria guardar e transmitir. Dessa maneira o apóstolo Paulo, naturalmente e sem qualquer aparente hesitação, coloca-se no nível de Moisés, na situação de alguém que também ensinava a verdade divina. Moisés ensinou a lei; Paulo pregava o evangelho. Em ambos os casos, no ensino do profeta Moisés e na pregação do apóstolo Paulo, a verdade de Deus é que estava sofrendo oposição e rejeição por parte dos homens.

Por isso Paulo os rejeita por serem homens "corrompidos na mente", a despeito da pretensão *gnõsis* (conhecimento) desses homens, e da sua condição de "réprobos" *(adokimoi,* "provado e achado em falta") quanto a fé. Além disso, Paulo está certo de que tais homens "não irão avante", mas sim "irão de mal a pior" (v.13). Esses falsos ensinos poderiam temporariamente espalhar-se, corroendo "como câncer" (2: 17). Mas tal sucesso seria limitado e passageiro. Como Paulo podia estar tão certo disso? Porque "a sua insensatez será a todos evidente, como também aconteceu *(egeneto,* no tempo aoristo) com a daqueles" (Janes e Jambres).

Em nossos dias ficamos às vezes angustiados (com razão, é claro), por causa dos falsos mestres, que se opõem à verdade e perturbam a igreja, e especialmente por causa dos métodos astutos e enganosos desses mercadores religiosos clandestinos. Mas não temamos, mesmo que algumas pessoas fracas sejam envolvidas, mesmo que a mentira se torne moda. É que há algo espúrio na heresia que salta aos olhos, e também há uma clara evidência de verdade no que é verdadeiro. Pode ser que o erro se alastre e fique popular por algum tempo, mas "não irão avante". Por fim terá de vir à luz e a verdade será certamente restabelecida. Esta é uma lição muito clara na história da Igreja. Numerosas heresias têm surgido, e muitas deram a impressão de que iam triunfar. Mas hoje não têm qualquer outro valor senão o de peça de museu. Deus preservou a sua verdade na Igreja.

Ao chegarmos aqui no fim do primeiro parágrafo do capítulo 3, devemos ver com

[61] Ellicott, p. 146.

clareza o que esses "tempos difíceis" significam, como ocorrem espasmodicamente nos "últimos dias" em que vivemos, e como surgem. É porque na parte do campo de Deus (o mundo) em que ele semeou trigo, aí o diabo semeou joio.[62] Mudando a imagem, o diabo tem a sua "quinta coluna", os seus agentes secretos, realmente, dentro da igreja. Ou, como o Artigo XXVI da Igreja Anglicana expõe: "na igreja visível o mal sempre se mistura com o bem, e por vezes o mal tem autoridade superior na ministração da Palavra e dos sacramentos . . ." Sim, dentro da igreja, no meio da visível sociedade de crentes professos, há homens de caráter e de conduta imorais, de religiosidade puramente exterior, de mentes corruptas e de fé fingida. Amam mais a si mesmos, ao dinheiro e aos prazeres, do que a Deus e a seus semelhantes. Retêm a forma de religião, mas negam o seu poder. Opõem-se à verdade e procuram ganhar os fracos para os seus erros perniciosos. São perversos moral, religiosa e intelectualmente.

Este é um fiel retrato da assim chamada "sociedade permissiva", que cordialmente tolera qualquer desvio dos padrões cristãos de justiça e verdade; este tal espírito já se infiltrou na igreja.

Timóteo, porém, não deve contagiar-se, nem deixar-se levar por esta maré, mas sim resistir corajosamente à onda prevalecente.

3. Permanecendo firme na fé (vs. 10-15)

Tu, porém, tens seguido de perto o meu ensino, procedimento, propósito, fé, longanimidade, amor, perseverança, [11]*as minhas perseguições e os meus sofrimentos, quais me aconteceram em Antioquia, Icônio e Listra, - que variadas perseguições tenho suportado! De todas, entretanto, me livrou o Senhor.* [12]*Ora, todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos.* [13]Mas *os homens perversos e impostores irão de mal a pior, enganando e sendo enganados.* [14]*Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste, e de que foste inteirado, sabendo de quem o aprendeste. que desde a infância sabes as sagradas letras que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus.*

Nome parágrafo Paulo dirige-se duas vezes a Timóteo com dois pequenos monossílabos gregos *su de.* Eles aparecem no início dos vs. 10 e 14 (como o *si oun* de 2: 1) e são traduzidos por "TU, PORÉM . . .". Em evidente contraste à situação daquela época de declínio dos costumes morais, de religião inautêntica, de propaga-ção de falsas doutrinas, Timóteo é chamado a ser diferente e, se necessário, a permanecer sozinho.

Cada cristão é chamado a ser diferente do mundo. "Que o mundo que nos rodeia não vos comprima nos seus próprios moldes" (Rm 12:2, CIN). As pressões sobre nós para que nos conformemos com este mundo são, de fato, enormes; não somente com respeito ao desafio feito diretamente aos princípios tradicionais de nossa fé e conduta, mas também (e mais ainda) com respeito à atmosfera insidiosa e penetrante do secularismo que chega a se infiltrar até mesmo na igreja. Muitos cedem, não raro sem saber o que estão fazendo. Mas a cada passo a palavra de Deus nos alerta a permanecermos inabaláveis. Não devemos ser como um "caniço agitado pelo vento", que se dobra sobre si mesmo em qualquer direção que o vento soprar; pelo contrário, devemos ser como a rocha firme, que não se abala nem mesmo com uma torrente que desce pela montanha abaixo.

A dupla exortação do apóstolo a Timóteo, feita nos versículos 10 e 14, pode ser parafraseada da seguinte forma: "Tu, porém, a despeito de toda a doutrina falsa existente, tens seguido a *minha* doutrina e o *meu* modo de viver, e também o *meu* propósito, a *minha* fé, a *minha* paciência, o *meu* amor, a *minha* persistência e as *minhas* perseguições e os *meus* sofrimentos ... Os homens iníquos e charlatães, enganando a outros e a si próprios sendo enganados, ainda irão de mal a pior. Tu, porém, não deves ir além ou aquém, nem desviar-se para qualquer outra direção diferente do meu ensino (porque isso seria um retrocesso, não um avanço). Pelo

[62] Cf. a parábola de Jesus em Mateus 13:24-30; 36-43.

contrário, fica firme, permanece naquilo que aprendeste, naquilo em que creste, porque bem sabes de quem o aprendeste. . ."

Paulo primeiramente lembra a Timóteo o seu procedimento até este ponto: "tu, porém, tens seguido (ou observado) de perto o meu ensino (v.10). Depois ele o exorta a continuar no mesmo caminho: "permanece naquilo que aprendeste" (v.14). Assim, os vs. 10 a 13 descrevem o *passado* fiel de Timóteo a Paulo, e os vs. 14 a 17 recomendam-lhe, com insistência, a permanecer fiel no *futuro.*

Os dois verbos principais resumem o propósito deste parágrafo: "Tu me tens seguido fielmente até agora (v.10); continua, pois, a agir assim (v. 14).

a. O passado (vs. 10-13)

A posição de Timóteo é descrita em termos de ter "seguido" a Paulo. O verbo *parakoloutheo* pode ser usado numa forma literária com o sentido de ir atrás de uma pessoa, para onde quer que ela vá, seguindo as suas pegadas. No Novo Testamento, contudo, este verbo não tem tal sentido. O seu emprego, em forma figurativa, tanto pode referir-se a um "seguir" intelectual, como quando dizemos "consegui acompanhar o seu raciocínio" quando alguém nos explica alguma coisa, como também pode referir-se a uma entrega total da mente e da vida, como no caso de um "discípulo" ou um "seguidor de fulano de tal". Os dois sentidos deste verbo podem ser então ententidos como "seguir o raciocínio, compreender, aceitar a idéia", e "seguir fielmente, sem contestar". Lucas usa esse verbo mais ou menos com o primeiro sentido, quando relata a Teófilo as suas minuciosas investigações históricas. Ele investigou, seguiu os fatos minuciosamente, desde o princípio (Lc 1: 3). Paulo, porém, parece usar esse verbo no outro sentido, mais comprometedor, em suas cartas a Timóteo. Na primeira carta ele insistira com Timóteo para que se alimentasse "da boa doutrina que tens seguido" (4: 6), isto é, abraçado. Assim, certamente, o verbo tem o mesmo significado aqui na segunda carta. Paulo está fazendo Timóteo lembrar-se não somente de que ele "conheceu plenamente" ou "observou" a doutrina e a conduta do apóstolo, como se fosse um mero estudante imparcial ou um observador desinteressado, mas também de que ele se tomou um dedicado discípulo seu. Sem dúvida no início ele teve dificuldades para entender o sentido da instrução dada por Paulo, mas foi em frente. Ele se apossou do ensino, creu nele, absorveu-o e viveu de acordo com o mesmo. Do mesmo modo começou, sem dúvida, por observar o modo de vida do apóstolo, mas depois passou a imitá-lo. Por saber ser um apóstolo e seguidor de Cristo, Paulo não hesitou em convidar outros a segui-lo: "Sede meus imitadores", escreveu, "assim como também sou de Cristo" (1 Co 11: 1; cf. 1 Ts 1: 6). Ele até mesmo se pôs como padrão, pelo qual a verdade poderia ser distinguida da falsidade: "Irmãos, sede imitadores meus e observai os que andam segundo o modelo que tendes em nós" (Fp 3: 17). Assim, pois, tanto na fé como na prática, no "ensino" e no "procedimento" (v.10) Timóteo tornou-se um fiel seguidor de Paulo. Ele o seguiu passo a passo.

O contraste com o primeiro parágrafo deste capítulo é óbvio. Os homens lá descritos seguiam as suas próprias inclinações (amavam a si mesmos, o dinheiro e os prazeres). Timóteo, por outro Indo, seguia um padrão totalmente oposto, isto é, o ensino e o exemplo de Paulo, apóstolo de Cristo. Assim, Paulo prossegue mostrando as características de sua vida, em contraste com aquelas dos amantes de si mesmos, a que já se referira nos versículos 2 a 5. As palavras enfáticas são os pronomes pessoais e os adjetivos possessivos, que fazem o contraste sobressair claramente: "Pois os homens serão egoístas . . . *Eles* serão e farão isso e aquilo. *Tu,* porém, Timóteo, *tu* (bem à parte *deles),* seguiste a *mim,* o *meu* ensino, a *minha* conduta etc."

Mas por que será que Paulo nos dá, nos vs. 10 e 11, este seu catálogo de virtudes e sofrimentos? Não está ele incorrendo numa pequena falta de modéstia, ou até mesmo em orgulho, pondo-se em evidência, como se vê aqui? Talvez seja compreensível que ele mencione a "sua doutrina", mas por que tocar trombeta para si mesmo, a respeito de sua própria fé e seu amor, das suas intenções e conduta, dos próprios sofrimentos e da resistência com que os suportou? Não é um tanto

inconveniente ostentar-se desse jeito?

Não. Paulo não está se vangloriando. Ele tem melhores razões do que o exibicionismo para chamar a atenção para si mesmo. Ele menciona primeiro a sua doutrina, e então prossegue fornecendo duas evidências bem claras da genuinidade da sua doutrina: a vida que vivia e os sofrimentos que suportava. Na verdade, estas são boas provas (conquanto não infalíveis) da sinceridade de uma pessoa, e mesmo da verdade ou falsidade de seus princípios. Está ele realmente tão convicto da sua posição, a ponto de praticar o que prega, e a se achar preparado para sofrer por ela? Suas crenças fizeram dele um homem melhor, mesmo em face à oposição? Paulo podia responder afirmativamente a estas duas perguntas! Os falsos mestres viviam vidas de auto-indulgência, e seria bem fora de propósito esperar deles disposição para sofrer por seus pontos de vista; eles eram, em outras palavras, muito fracos para isto. O apóstolo Paulo, contudo, vivia uma vida de acordo com a sua posição, uma vida de justiça, de controle próprio, de fé e de amor, e permaneceu inabalável quanto a seus princípios, mesmo em meio a muitas graves perseguições.

Vejamos primeiramente o seu comportamento. Timóteo tinha observado e tentado imitar o "modo de viver" *(agögë,* conduta, tipo de vida) de Paulo, a sua "aspiração na vida" (as ambições espiritantes), o seu "amor" (para com Deus e o homem, em oposição (que aqui parece incluir a sua fidelidade), a sua "paciência" *(mahypomonè,* tolerância ou longanimidade em relação às pessoas irritantes), o seu "amor" (para com Deus e o homem, em oposição ao amor a si mesmo, ao dinheiro e ao prazer, dos falsos mestres), e a sua "perseverança" *(hypomoriè,* a capacidade de suportar pacientemente situações penosas, distinta de *makrothymia,* a capacidade de suportar pessoas ofensivas). De fato, sendo *hypomoriè* (perseverança) no Novo Testamento normalmente a filha da nossa "esperança" crista (nossa expectativa da volta do Senhor e da glória por vir), podemos descobrir nesta lista, ainda, mais um exemplo da tríade de virtudes favoritas de Paulo: "a fé, a esperança e o amor".[63]

A referência a "perseverança" ou "paciência" conduz naturalmente às "perseguições" e "aflições" que Paulo tivera que suportar. Ele menciona particularmente três cidades da Galácia: Antioquia, Icônio e listra, porque Timóteo era cidadão de Listra e talvez tenha presenciado a ocasião em que o apóstolo foi apedrejado pela plebe hostil, arrastado para fora da cidade e lançado à sargeta para morrer, tendo o Senhor livrado-o desta e de todas as outras perseguições. Talvez a coragem de Paulo, ao ser perseguido, tenha até mesmo contribuído para a conversão de Timóteo, assim como a bravura de Estêvão, no seu martírio, influiu na de Paulo. Seja lá como foi, Timóteo tinha "seguido" as perseguições de Paulo, primeiro observando-as, e depois compreendendo que deveria delas participar, porque não poderia comprometer-se com a doutrina e com a conduta de Paulo, sem também envolver-se com o sofrimento dele.[64]

No v. 12 Paulo torna claro que a sua experiência não era privilégio só seu. Ele procurou viver "piedosamente em Cristo Jesus", anuindo e servindo a Deus mais do que a si mesmo, e por isso sofreu. Timóteo fizera a mesma escolha, pois que todos os cristãos que "em Cristo Jesus" (i.é., através da união com ele), "querem viver piedosamente . . . serão perseguidos", e de fato sujeitam-se a sofrer perseguição. A piedade provoca o antagonismo do que é mundano; sempre foi assim. Assim foi com Cristo, e ele mesmo disse que assim também aconteceria conosco: "Se o mundo vos odeia, sabei que, primeiro do que a vós outros, me odiou a mim. Se vós fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; como todavia, não sois do mundo, pelo contrário dele vos escolhi, por isso o mundo vos odeia. Lembrai-vos da palavra que eu vos disse: Não é o servo maior do que seu senhor. Se me perseguiram a mim, também perseguirão a vós outros" (Jo 15: 18-20; cf. 16: 33). É importante notar a situação em que Cristo aqui avisa a seus discípulos que serão perseguidos. Ele considera o fato de que os discípulos estariam no mundo (vivendo entre as pessoas

[63] Veja 1 Co 13:13; Cl 1:4-5; 1 Ts 1: 3; 2 Ts 1:3-4;Hb 10: 22-24

[64] Veja At 13: 14 14: 23 sobre as cidades da Galácia que Paulo visitou em sua primeira viagem missionária e sobre as perseguições que lá sofreu.

distantes de Deus), ao mesmo tempo não sendo do mundo (vivendo uma vida de acordo com os padrões de Deus, em Cristo). Aqueles que estão em Cristo, mas não no mundo, não são perseguidos, porque não entram em contato e, portanto, em conflito com os seus perseguidores em potencial. Aqueles que estão no mundo, mas não em Cristo, também não são perseguidos, porque o mundo nada vê neles para os perseguir. Os primeiros escapam da perseguição recuando-se do mundo; os últimos, pela assimilação das coisas do mundo. A perseguição é inevitável somente para aqueles que estão Simultaneamente no mundo e em Cristo Jesus. Calvino comenta a esse respeito: "é inútil tentar separar Cristo da sua cruz, e é muito natural que o mundo odeie a Cristo, inclusive os seus membros".[65]

Esta inevitabilidade da perseguição é adiante explicada, no versículo 13, pelas contínuas atividades dos falsos mestres. A respeito deles Paulo é taxativo. Chama-os de "homens perversos e impostores". A segunda palavra *(goês)* significa "feiticeiro", "impostor", e na literatura cristã primitiva "trapaceiro", "embusteiro". O apóstolo não lhes atribui sinceridade; são "enganadores" (ERC). Tais homens "irão de mal a pior". O verbo *(prokoptó)* significa, propriamente, "ir adiante, progredir", mas aqui Paulo o usa ironicamente, uma vez que o único avanço que eles fazem é para trás e não para frente, "de mal a pior". Parece que Paulo não está se referindo ao sucesso deles como mestres, já que diz que "não irão avante" (v.9), mas refere-se à deterioração intelectual e moral deles. Eles irão "enganando e sendo enganados". Alfred Plummer explica bem: "eles começam seduzindo e acabam sendo enganados (freqüentemente) pelas próprias decepções; porque o engodo comumente leva ao engodo próprio".[66]

b. O futuro (vs.l4el5)

Até esta altura do parágrafo Paulo descreve a si mesmo, tendo em vista, porém, Timóteo, que o tinha tomado como guia. Timóteo é visto como um audacioso contraste em relação aos obreiros da maldade e falsos mestres, que então prevaleciam, e isto por ter "seguido" com atenção a Paulo e modelado a sua vida no ensino do apóstolo. Ele fez bem em agir dessa maneira, visto que o ensino de Paulo tinha sido amplamente confirmado por sua vida íntegra e pelas muitas perseguições corajosamente suportadas. Agora, pela segunda vez, Paulo inicia uma sentença com "Tu, porém" *(su de),* distinguindo Timóteo dos "homens perversos e impostores", que acabou de descrever. Previamente ele contrastara os objetivos das inclinações daqueles homens com a observância fiel à doutrina e ao exemplo apostólico de Timóteo. Agora Paulo aponta um novo contraste: "eles *irão . . .*" (já vimos a forma peculiar que o progresso deles toma), ao passo que Timóteo deve "*permanecer*", ou continuar, naquilo que aprendeu e creu. Intimações desse tipo não são fora do comum, nas páginas do Novo Testamento. Elas são especialmente importantes ao surgirem inovações na igreja, feitas por "radicais" com pretensões progressistas, os quais repudiam tudo o que tenha sabor de tradicional. Talvez elas nunca tenham sido tão necessárias quanto hoje, quando os homens se orgulham de inventar "um novo Cristianismo" com uma "nova teologia" e uma "nova moral", tudo isso dando sinais de uma "nova reforma". Por certo a igreja de cada geração deve procurar traduzir a fé para o seu idioma contemporâneo, fazendo com que a Palavra imutável possa se aplicar nesse mundo em mudanças. Uma tradução, porém, é a entrega da mesma mensagem; não se trata de uma nova composição. Contudo, isto é que alguns homens radicais modernos estão fazendo, anunciando conceitos de Deus e de Cristo, que Jesus e seus apóstolos nunca reconheceriam como sendo seus. Em tal situação, talvez sejamos perdoados se, emprestando as palavras do próprio Senhor, dissermos a eles: "Não há quem, após ter bebido vinho velho, queira do novo. Pois diz: o velho é que é bom!" (Lc 5:39 — BJ).

Os próprios apóstolos advertiam constantemente seus leitores quanto às "novidades" e os chamavam sempre a retornar à mensagem apostólica original. Desse

[65] Calvino, p. 327

[66] Plummer, p. 385

modo, João declara que "todo aquele que ultrapassa a doutrina de Cristo e nela não permanece, não tem Deus", e exorta o seu rebanho: "permaneça em vós o que ouvistes desde o princípio" (2 Jo 9; 1 Jo 2: 24). Aqui, de igual modo, Paulo manda Timóteo *permanecer* naquilo que aprendeu. Em todos estes versículos o verbo grego é o mesmo. Timóteo aprendera certas coisas e agora cria nelas firmemente. Certo. Mas ele ainda deve *continuar* firme nessas coisas, não permitindo que ninguém mude esta situação.

O apóstolo agora acrescenta duas razões. Sua inconfundível ordem a Timóteo para que permaneça firme, constante, nas verdades aprendidas, apóia-se em dois simples e óbvios argumentos, apresentados nos versículos 14b e 15. Timóteo deve permanecer *naquilo* que aprendeu, porque sabe de *quem* aprendeu. O ensino que recebeu era garantido por seu professor. E quem era ele? Os manuscritos gregos têm duas formas gráficas para o "de quem": uma no plural e outra no singular. A forma no plural *(pára tinõn) é* mais confirmada, e neste caso seriam professores também a sua avó Lóide e a sua mãe Eunice (as quais de fato lhe ensinaram desde a sua infância, cf. v. 1: 15; 3:15) e, ainda, o apóstolo Paulo. Comentaristas que examinaram cuidadosamente a evidência do manuscrito não vão além de dizer que esta versão é "talvez preferível"[67] ou que "é provavelmente correta".[68] Concordam que a outra alternativa (o singular *para tinos)* é também possível, referindo-se, então, ao apóstolo Paulo exclusivamente. Conquanto a maioria dos comentaristas não seja favorável à alternativa do singular, considero que a evidência interna do próprio texto é fortemente a favor desse sentido. Ou seja, no contexto imediato Paulo dá ênfase ao fato de que Timóteo tem seguido de perto o seu ensino (v.10). Os enfáticos "meus" e "minhas" dos versículos 10 e 11 salientam que a instrução apostólica de Paulo era padrão para Timóteo.

O contexto maior, de toda a carta, indica isso também. Nos dois primeiros capítulos, o apóstolo pede a Timóteo que conserve "o padrão das sãs palavras *que de mim ouviste*" (1:13) e, depois, que transmita a outros "o que de minha parte ouviste" (2:2). Parece provável, pois, que também a frase "sabendo de quem o aprendeste" (3:14) se refira ao ensino de Paulo a Timóteo. Além disso, o apóstolo está evidentemente dando *duas* razões para a constante fidelidade de Timóteo; é provável, então, que estas sejam razões distintas e não duas referências à sua educação nas escrituras desde criança.

Assim sendo, a segurança de Timóteo se firma na mesma razão pela qual deve permanecer no que aprendera: é o fato de ter aprendido de Paulo. E Timóteo conhece este Paulo que o ensinou. Paulo não somente o conduziu a Cristo (1: 2) e lhe impôs as mãos em sua ordenação (1: 6), mas é também "apóstolo de Cristo Jesus, pela vontade de Deus" (1: 1); a quem Cristo confiou o depósito do evangelho (1: 11-12); e que se comparou com Moisés no ensino da verdade (3: 8); e cuja doutrina e exemplo Timóteo vinha seguindo até então; e confirmava o seu ensino com a sua vida coerente, e com a sua coragem na perseguição. Timóteo tinha confiança em Paulo e em sua autoridade para ensinar, e nós podemos compartilhar de sua confiança. O evangelho de Paulo é ainda autenticado a nós por sua autoridade apostólica.

Timóteo, além de aprender o evangelho de Paulo e conhecer a autoridade de Paulo, "desde a infância" havia sido instruído no Antigo Testamento, presumivelmente por sua mãe e por sua avó, e estava pois extremamente familiarizado com as Escrituras. Timóteo cria que elas eram divinamente inspiradas, como Paulo está prestes a dizer. Assim, outra razão para permanecer no que aprendera de Paulo é a harmonia com essas mesmas Escrituras. Esta era a firme reivindicação de Paulo. Em juízo, perante o rei Agripa, afirmara que não estava ensinando "senão o que os profetas e Moisés disseram haver de acontecer, isto é, que o Cristo devia padecer, e, sendo o primeiro da ressurreição dos mortos, anunciaria a luz ao povo e aos gentios" (At 26: 22-23). Semelhantemente, no início da sua carta

[67] Ellicott, p. 152
[68] Barrett, p. 113

aos Romanos, descrevera o evangelho de Deus, para o qual havia sido separado, como sendo o que Deus outrora prometera "por intermédio dos seus profetas nas Sagradas Escrituras" (Rm 1:2 cf. 3: 21).

Assim, pois, as duas razões pelas quais Timóteo deveria permanecer fiel a tudo o que firmemente cria eram que ele tinha aprendido da escritura do Antigo Testamento e do apóstolo Paulo. Os mesmos dois motivos se aplicam ainda hoje. O evangelho em que cremos é o evangelho bíblico, o evangelho do Velho e do Novo Testamento, autenticado tanto pelos profetas de Deus, como pelos apóstolos de Cristo. E devemos tomar também a firme resolução de atender à exortação que Paulo deu a Timóteo, e permanecer no que temos aprendido, em vista dessa dupla autenticação.

4. A origem e o propósito da Escritura (vs. 15b-17)

E *que desde a infância sabes as sagradas letras que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus.* [16] *Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça,* [17]*a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra.*

Duas verdades fundamentais a respeito da Escritura são afirmadas aqui. A primeira concerne à sua origem (de onde ela provém) e a segunda ao seu propósito (o que ela pretende).

A primeira verdade é que "toda Escritura é inspirada por Deus"; ela é "soprada" por Deus. Alguns teólogos traduziram as primeiras palavras do versículo 16 assim: "toda Escritura inspirada é proveitosa". Tal tradução daria lugar a uma dupla limitação da Escritura.

Pois sugere que nem toda Escritura é inspirada e que, assim, nem toda Escritura seria proveitosa, mas somente aquelas partes que são inspiradas. Uma vez que a sentença grega não tem verbo principal, certamente é legítimo, gramaticalmente falando, colocar o verbo "é" depois, em vez de antes, do adjetivo "inspirada" e assim traduzir: "Toda Escritura inspirada por Deus é útil". O argumento contra esta construção, contudo, é que ela não faz justiça à pequena palavra "e" *(kai)* que vem entre os dois adjetivos "inspirada" e "útil". Este "e" indica que Paulo está afirmando duas verdades sobre a Escritura, a saber: que ela é inspirada e que ela é útil, não somente uma dessas duas coisas. Por esse motivo é correta a tradução ERAB: "toda Escritura é inspirada por Deus e útil...".

O que Paulo quer dizer com "toda Escritura"? Não me parece de todo impossível que com esta expressão ele esteja incluindo as duas fontes do conhecimento de Timóteo há pouco mencionadas, quais sejam, "aquilo que aprendeste" (de mim) e "as sagradas letras". É verdade que em nenhum lugar o apóstolo chama as suas epístolas explicitamente de "Escritura", contudo em várias ocasiões ele chega bem perto disso, e encaminha suas cartas para serem lidas nas assembléias cristãs, sem dúvida ao lado das leituras do Antigo Testamento (p. ex.: Cl 4:16; 1 Ts 5:27). Várias vezes ele afirma estar falando em nome e com a autoridade de Cristo (p. ex.: 2 Co 2: 17; 13: 3; Gl 4: 14), e chama a sua mensagem de "a palavra de Deus" (p. ex.: 1 Ts 2: 13). Uma vez ele diz que, comunicando o que Deus lhe revelara, não usa "palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas ensinadas pelo Espírito" (1 Co 2: 13). Esta é uma pretensão à inspiração; na verdade, à inspiração verbal, que é a característica distintiva de ser "Escritura". Pedro, sem dúvida, considerava as cartas de Paulo como Escrituras, porque, em se referindo a elas, ele chama o Velho Testamento de "as outras Escrituras" (2 Pe 3: 16). Além do mais, parece evidente que Paulo encarava a possibilidade de um suplemento cristão ao Velho Testamento, porque combinou uma citação de Deuteronômio (25:4) com uma palavra de Jesus registrada por Lucas (10: 7) e chamou a ambas igualmente de "Escritura" (1 Tm 5:18).

A sua definição de Escritura, de "toda Escritura", é que "ela é inspirada por Deus". A singular palavra grega *theopneustos* pode ser literalmente traduzida por "soprado por Deus"; e isso não significa que a Escritura ou os seus autores humanos tinham sido inflados por Deus, mas sim que a Escritura foi exalada por Deus. "Inspiração" é, sem dúvida, um termo conveniente para ser usado, mas "aspiração"

ou mesmo "expiração" exprimiria com maior exatidão o sentido do adjetivo grego. Não devemos pensar na Escritura como já existente quando Deus (subseqüentemente) soprou nela mas, sim, como trazida à existência pelo sopro de Deus. Aqui não há "teoria" ou explicação acerca da inspiração, visto que não é feita referência alguma aos autores humanos, que (segundo Pedro) "falaram movidos pelo Espírito Santo" (2 Pe 1: 21). Nada obstante, depreende-se de muitas passagens que a inspiração, qualquer que tenha sido o seu processo, não destrói a individualidade ou a ativa cooperação dos escritores humanos. O que se afirma aqui é simplesmente o fato da inspiração, que toda Escritura é "soprada por Deus". Ela se originou na mente de Deus e foi comunicada pela boca de Deus, pelo sopro de Deus, ou pelo seu Espírito. Ela é, pois, no verdadeiro sentido do termo, "a Palavra de Deus", porque Deus a falou. É como os profetas costumavam dizer: "a boca do Senhor o disse".

A segunda verdade abordada neste trecho refere-se a que Paulo explica o propósito da Escritura: "ela é útil ao ensino". E isso decorre precisamente do fato de ser inspirada por Deus. Somente a sua origem divina garante e explica a sua utilidade para o homem. Para mostrar o que isso significa, Paulo emprega duas expressões. A primeira encontra-se no versículo 15: "as sagradas letras", diz ele, "podem tornar-te sábio para a salvação". A Bíblia é essencialmente um manual de salvação. O seu propósito mais alto não é ensinar fatos da ciência (p. ex.: a natureza das rochas da lua), que o homem pode descobrir por sua própria investigação experimental, mas sim ensinar fatos da salvação, que nenhuma exploração espacial pode descobrir, mas que somente Deus pode revelar. A Bíblia toda explica o plano de salvação: a criação do homem à imagem do Deus; sua queda em pecado através da desobediência, e o conseqüente juízo; o permanente amor de Deus para com ele, a despeito de sua rebelião; o eterno plano de Deus para salvá-lo através do seu pacto de graça com um povo escolhido, culminando em Cristo; a vinda de Cristo, como Salvador, que morreu para levar o pecado do homem; a ressurreição de Cristo de entre os mortos; sua exaltação no céu, e o envio do Espírito Santo; e o resgate do homem, primeiro da culpa e da alienação, depois da escravidão, e finalmente da mortalidade, em sua progressiva experiência da liberdade dos filhos de Deus. Nada disso seria conhecido sem a revelação bíblica: "a Escritura contém o guia perfeito de uma vida boa e feliz".[69]

Mais precisamente, a Bíblia instrui para a salvação "pela fé em Cristo Jesus". Assim, sendo a Bíblia um livro de salvação, e salvação por meio de Cristo, a Bíblia é essencialmente cristocêntrica. O Antigo Testamento prenuncia e prefigura Cristo de muitas e diferentes maneiras; os evangelhos contam a história do seu nascimento, da sua vida, das suas palavras e obras, da sua morte e ressurreição. Atos descreve o que ele continuou fazendo e ensinando através dos apóstolos que escolhera, especialmente a propagação do evangelho e o estabelecimento da Igreja, de Jerusalém a Roma; as epístolas expõem a ilimitada glória da pessoa e da obra de Cristo, aplicando-a à vida do cristão e da Igreja; o Apocalipse, por sua vez, descreve Cristo agora no trono de Deus, prestes a vir para consumar a sua salvação e o seu julgamento. Esta compreensível apresentação de Jesus Cristo pretende despertar a nossa fé nele, de modo a sermos salvos pela fé.

Paulo agora prossegue, mostrando que a utilidade da Escritura tanto se refere à doutrina como à conduta (16b, 17). Os falsos mestres divorciavam essas duas coisas; nós devemos casá-las. A CIN deixa isso bem claro: quanto à doutrina, "a Escritura é útil para ensinar a fé e corrigir o erro"; quanto à conduta, ela é útil "para orientar a vida do homem e ensiná-lo a viver". Queremos, em nossas vidas e em nosso ministério de ensino, deixar o erro e crescer na verdade, superar o mal e crescer na santidade? Então é para a Escritura que devemos nos voltar antes de tudo, porque a Escritura é "útil" para estas coisas.

Na verdade, a Escritura é o principal meio que Deus usa para levar "o homem de Deus" à maturidade. O texto não explica quem é "o homem de Deus". Pode se referir

[69] Calvino, p. 330

a todo cristão, uma vez que essas palavras significam "o homem que pertence a Deus". Por outro lado, esse era um respeitoso título, dado no Antigo Testamento, a certos porta-vozes de Deus, como Moisés (Dt 33: 1), Davi (2 Cr 8: 14) e Elias (1 Rs 17: 18); e Paulo se dirigira a Timóteo, em sua primeira carta (6: 11), usando esta frase. Assim, pode referir-se a homens chamados a posição de responsabilidade na Igreja, especialmente a ministros, cuja tarefa é, sob a autoridade da Escritura, ensinar a fé e corrigir o erro, orientar e ensinar a viver. Em todo o caso, é somente através de um diligente estudo da Escritura que o homem de Deus pode tornar-se "perfeito e perfeitamente habilitado pura toda boa obra".

*****

Considerando tudo o que foi dito neste capítulo, podemos apreciar a relevância da mensagem de Paulo à nossa sociedade pluralista e permissiva. Os "tempos difíceis", em que estamos vivendo, são desconcertantes. Às vezes nos perguntamos se o mundo e a igreja ficaram loucos, por serem tão estranhos os seus pontos de vista e tão frouxos os seus padrões. Alguns cristãos foram arrastados de seus ancoradouros por uma onda de pecado e de erro. Outros procuram esconder-se, como se fosse a melhor esperança de sobrevivência, a única alternativa para não capitularem. Mas estes processos não são cristãos. "Tu, porém", Paulo nos diz, como o disse a Timóteo, "permanece naquilo que aprendeste, ainda que a pressão para se acomodar seja muito forte. Não importa que sejas jovem, inexperiente, tímido e fraco. Não importa se acontecer de ficares testemunhando sozinho. Até aqui seguiste o meu ensino; permanece, pois, daqui para a frente, naquilo em que vieste a crer. Conheces as credenciais bíblicas da tua fé. A Escritura é inspirara por Deus, e útil. Mesmo em meio a estes tempos difíceis, em que os homens maus e impostores vão de mal a pior, ela pode te suprir e te equipar para o teu trabalho. Que a Palavra de Deus te faça um homem de Deus. Permanece leal para com ela, e ela te conduzirá à maturidade cristã."

CAPÍTULO 4
Quarta Exortação: Prega o Evangelho!

Este capítulo contém parte das últimas palavras proferidas ou escritas pelo apóstolo Paulo. São, certamente, as últimas que foram preservadas. Foram escritas a semanas, talvez não mais do que poucos dias antes do seu martírio. De acordo com antiga tradição fidedigna, Paulo foi decapitado na Via Ápia. Por trinta anos ininterruptos trabalhara como apóstolo e evangelista itinerante. Fez, na verdade, o que ele mesmo escreve aqui: combateu o bom combate, completou a carreira e guardou a fé (v.7). Agora ele aspira por seu prêmio, "a coroa da justiça", que já lhe estava reservada no céu (v.8). Estas palavras constituem-se no legado de Paulo à Igreja. Elas estão impregnadas de uma atmosfera de grande solenidade. É impossível lê-las sem uma profunda emoção. A primeira parte do capítulo toma a forma de uma comovente incumbência. "Conjuro-te, perante Deus", assim começa. O verbo *diamartyromai* tem conotações legais e pode significar "testificar sob juramento" numa corte de justiça, ou "adjurar" uma testemunha a assim proceder. No Novo Testamento refere-se a qualquer "elocução solene e enfática". A exortação de Paulo é endereçada, em primeiro lugar, a Timóteo, seu delegado apostólico e representante em Éfeso. É aplicada, também, a cada homem chamado a um ministério evangelístico ou pastoral, ou mesmo a todos os cristãos.

Há três aspectos da exortação a serem estudados, os quais são: sua natureza (o que Paulo de fato está comissionando a Timóteo), sua base (os argumentos sobre os

quais Paulo baseia a sua exortação)e uma ilustração pessoal dela, do exemplo do próprio Paulo em Roma.

1. A natureza da exortação (v.2)

Prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina.

Omitindo o versículo 1, por um momento, e passando ao versículo 2, encontramos a essência dessa exortação em três palavras: "prega a palavra". Observamos imediatamente que a mensagem que Timóteo deve comunicar é chamada de "palavra", algo que foi proferido por alguém. Mas é *a* palavra, a palavra de Deus, que Deus mesmo proferiu. Paulo não precisa especificar melhor o que ele quer dizer, já que Timóteo saberá de imediato que se trata do corpo de doutrina, que ouvira de Paulo, e que o mesmo Paulo lhe comissiona a passar adiante a outros. É idêntica ao "depósito" do capítulo 1, e neste quarto capítulo é equivalente à "sã doutrina" (v.3), "à verdade" (v.4) e "à fé"' (v.7). São as Escrituras do Velho Testamento, inspiradas por Deus e proveitosas, que Timóteo sabe desde a sua infância, junto com o ensino do apóstolo, que Timóteo "tem seguido", "aprendido" e de que tem sido "inteirado" (3: 10-14). O mesmo comissionamento é dado à Igreja de cada época. Não temos nenhuma liberdade para inventar a nossa mensagem, mas somente para comunicar "a palavra" proferida por Deus e agora entregue à Igreja, em sagrada custódia.

Timóteo deve "pregar" esta palavra; ele deve falar o que Deus falou. Sua responsabilidade não é somente ouvir essa palavra, crer nela e obedecê-la, nem somente guardá-la de toda falsidade; nem somente sofrer por ela e permanecer nela; mas, sim, pregá-la a outros. São as boas novas de salvação para os pecadores. Assim ele deve proclamá-la como um arauto em praça pública *(kèryssö,* cf. *këryx,* "um arauto" em 1: 11). Para fazê-la conhecida, deverá levantar a sua voz para todos, sem temor.

Paulo prossegue mostrando quatro sinais que deverão caracterizar a proclamação a ser feita por Timóteo.

a. Uma proclamação urgente

O verbo *ephistëmi,* "instar", significa literalmente "assistir", e assim "estar de prontidão", "estar disponível". Aqui, contudo, parece ter o sentido não somente de alerta e zelo mas de insistência e urgência. "Nunca perca o teu sentido de urgência" (CIN). Numa forma lânguida e indiferente, certamente não se faz uma boa pregação. Toda boa pregação transmite um sentido de urgência e de importância do que está sendo pregado. O arauto cristão sabe que está tratando de assunto de vida ou morte. Anuncia a situação do pecador sob os olhos de Deus, e a ação salvadora de Deus, através da morte e ressurreição de Cristo, e o convida ao arrependimento e à fé. Como poderia tratar tais temas com fria indiferença? "Em tudo o que você fizer", escreveu Richard Baxter, "deixe transparecer a sua absoluta seriedade. . . Você não conseguirá quebrantar o coração de ninguém com gracejos, nem contando histórias agradáveis ao ouvido, nem compondo um discurso pomposo. Ninguém abandonará as coisas de que mais gosta, mediante uma solicitação sem profundidade feita por alguém que parece não falar com convicção, ou que pouco se incomode se a sua solicitação é aceita ou não".[70]

Esta urgente pregação, Paulo acrescenta, deve continuar "a tempo e fora de tempo". "Prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não." Tal regra de procedimento não deve ser tomada como desculpa para a falta de tato com as pessoas, o que muitas vezes tem caracterizado a evangelização, e que em decorrência tem dado uma má reputação ao evangelho. Não nos é dada a liberdade de entrarmos sem cerimônia na vida privada de outras pessoas ou lhes pisarmos grosseiramente nos calos. Não, as ocasiões a que Paulo se refere como sendo "quer

[70] *The Reformed Pastor,* 1656 (Epworth, 2a edição-revisada 1950), p. 145

seja oportuno, quer não", aplicam-se não tanto aos ouvintes como a quem fala. A BLH enfatiza isso: "pregue a mensagem e insista em anunciá-la, no tempo certo ou não". Assim é o verbo *ephistëmi,* em seu sentido alternativo, como é às vezes encontrado nos manuscritos. Assim, o que temos aqui não é uma base bíblica para a grosseria, mas sim um apelo bíblico contra a preguiça.

b. Uma proclamação contextual

O arauto que anuncia a Palavra deve corrigir, repreender e exortar. Isso sugere que há três diferentes maneiras de anunciar, pois que a Palavra de Deus é "útil" para uma variedade de ministérios, como Paulo já disse (3: 16). Ela fala a homens diferentes, em situações diferentes. O pregador deve lembrar-se disso e ser hábil no uso da Palavra. Ele deve usar "argumentos, repreensão e apelo", o que vem a ser quase uma classificação de três abordagens: a intelectual, a moral e a emocional. Porque muitas pessoas acham-se atormentadas por dúvidas e precisam ser repreendidas; outras, ainda, são perseguidas pelas dúvidas e precisam ser encorajadas. A Palavra de Deus faz tudo isso e muito mais. É nosso dever aplicá-la contextualmente.

c. Uma proclamação paciente

Mesmo devendo *instar* (esperando obter das pessoas rápidas decisões em resposta à Palavra), devemos ter "toda a longanimidade na espera por essa resposta". Nunca devemos nos valer do uso de técnicas humanas de pressão ou tentar forçar uma "decisão". A nossa responsabilidade é ser fiel na pregação da Palavra; os resultados da proclamação são de responsabilidade do Espírito Santo e, quanto a nós, só nos compete esperar pacientemente por sua obra. Também devemos ser pacientes em toda a nossa maneira de ser, porque "é necessário que o servo do Senhor não viva a contender, e, sim, deve ser brando para com todos, apto para instruir, paciente ; disciplinando com mansidão os que se opõem" (2: 24-25). Mesmo sendo solene o nosso comissionamento, e urgente a nossa mensagem, não se justifica uma conduta rude ou impaciente.

d, Uma proclamação inteligente

Não devemos só pregar a palavra, mas também ensiná-la, ou melhor, pregá-la "com toda a doutrina" *(këryxon. . . en pasë... didachè).* C. H. Dodd tornou clara a distinção entre *kérygma* e *didachè,* sendo a primeira a proclamação de Cristo aos descrentes, com um apelo ao arrependimento; e a segunda, a instrução ética aos convertidos. A distinção é prática e importante; contudo, como já sugerido no comentário de 1: 1, ela pode se tornar rígida e estreita. Pelo menos este versículo nos mostra que o nosso *kèrygma* deve conter muito de *didachè.* Se a nossa proclamação pretende antes de tudo convencer, repreender ou exortar, ela deve ser um ministério de doutrina.

O ministério pastoral cristão é essencialmente um ministério de ensino, e é por isso que se exige dos candidatos ortodoxia na fé e aptidão para o ensino (Tt 1: 9; 1 Tm 3: 2). Existe uma necessidade crescente, especialmente em vista do contínuo processo de urbanização e da elevação dos padrões de educação, dos ministros cristãos desenvolverem nas pululantes cidades do mundo um ministério de pregação com exposição bíblica sistemática, para "pregar a palavra. . . com toda a doutrina". Isto foi exatamente o que o próprio Paulo fez em Éfeso, como era do conhecimento de Timóteo. Por cerca de três anos ele ensinou "publicamente e pelas casas .. . todo o conselho de Deus" (At 20: 20-27; cf. 19: 8-10). Agora é a vez de Timóteo fazer o mesmo.

Tal é a instrução de Paulo a Timóteo. Ele deve pregar a Palavra anunciando a mensagem dada por Deus, mas deve fazê-lo com um sentido de urgência, deve aplicá-la ao contexto da situação presente, deve ser paciente em seu modo de ser e inteligente na sua apresentação.

2. A base da exortação (vs. 1, 3-8)

Conjuro-te, perante Deus e Cristo Jesus que há de julgar vivos e mortos, pela sua manifestação e pelo seu reino:. . . [3]Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres, segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos, [4]e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas. [5]Tu, porém, sê sóbrio em todas as cousas, suporta as aflições, faze o trabalho de evangelista, cumpre cabalmente o teu ministério. [6]Quanto a mim, estou sendo já oferecido por libação, e o tempo da minha partida é chegado. '''Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé. [8]Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a sua vinda.

Já se tornou evidente, nos capítulos anteriores desta carta, que Timóteo era tímido por natureza e que os tempos em que ele vivia e trabalhava eram (na melhor das hipóteses) desfavoráveis. Ele deve ter estremecido ao ler a solene exortação do apóstolo para continuar pregando a palavra. A tentação de recuar diante de tal responsabilidade bem que poderia acontecer. Por isso, além de dar uma ordem, Paulo inclui incentivos. Pede que Timóteo olhe a três direções: primeiro para Jesus Cristo, o juiz e rei que retorna; em segundo lugar, ao cenário contemporâneo; e, em terceiro, a ele, Paulo, o idoso prisioneiro à beira do martírio.

a. O Cristo que vem (v.1)

Paulo não está dando esta ordem em seu próprio nome ou sob sua própria autoridade, mas "perante Deus e Cristo Jesus", estando assim consciente da direção e aprovação divina. Talvez o mais forte de todos os incentivos à fidelidade seja saber que a ordem foi dada por Deus. Bastava dar a Timóteo a certeza de que ele é servo do Deus altíssimo e embaixador de Jesus Cristo, e de que o desafio que Paulo lhe faz é um desafio da parte de Deus, para que nada pudesse desviá-lo de sua tarefa.

A ênfase maior deste primeiro versículo, contudo, não recai tanto na presença de Deus, mas na volta de Cristo. É evidente que Paulo ainda crê na volta pessoal de Cristo. A respeito disso ele escrevera em suas cartas anteriores, especialmente nas destinadas à igreja em Tessalônica. Agora, mesmo sabendo que morrerá antes desse evento, ainda assim continua esperando por ele, no final do seu ministério. Paulo vive à luz desse acontecimento e descreve os cristãos como aqueles que amam a vinda de Cristo (v.8). Ele está seguro de que Cristo voltará de forma visível (a palavra é *epiphaneia* nos vs. 1 e 8), e que, quando aparecer, "há de julgar os vivos e os mortos" e consumar o "seu reino" e poder.

Estas três verdades (o aparecimento, o juízo e o reino) devem ser para nós uma expectativa tão clara e certa quanto foi para Paulo e Timóteo. Elas não deixam de exercer uma poderosa influência em nosso ministério, porque tanto os que pregam a palavra, como os que a ouvem, terão de dar contas a Cristo, quando ele aparecer.

b. O cenário prevalecente (vs. 3-5)

Notemos a palavra "pois" *(gar),* com que se inicia este parágrafo. Paulo fornece uma segunda base, sobre a qual apóia a sua exortação. Há um outro evento futuro, antes da vinda de Cristo, a saber, dias negros e difíceis. Embora pareça estar prevendo que a situação piorará, é evidente, a partir deste parágrafo e do que ele escreveu anteriormente, que para Timóteo tal tempo já começara. É a luz deste cenário prevalecente que Paulo dá outras instruções.

Como são esses tempos? Uma característica ele destaca, que as pessoas não podem suportar a verdade. Paulo expressa isso negativa e positivamente, e declara isso duas vezes: "não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças" (v.3). "E se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas" (v.4). Em outras palavras, tais pessoas não podem suportar a verdade e recusam-se a ouvi-la, buscando, então, mestres que adaptem suas fantasias especulativas, nas quais estão determinados a andar. Tudo isso tem a ver com os ouvidos daquelas pessoas, ouvidos que são mencionados duas vezes. Elas

sofrem de uma condição patológica peculiar, conhecida como "coceira nos ouvidos", ou "fome de novidades".[71] Tal expressão é uma figura de linguagem para aquele tipo de curiosidade que está ávido por saber de casos picantes e interessantes. Além disso, esta coceira é abrandada pelas mensagens dos novos mestres. Na prática, o que tais pessoas fazem é fechar os ouvidos à verdade (cf. At 7: 57) e abri-los a qualquer mestre que alivie a sua coceira, coçando-a.

Notemos que o que rejeitam é a "sã doutrina" (v.3) ou "a verdade" (v.4), e o que preferem são "as suas próprias cobiças" (v.3) ou "fábulas" (v.4). Assim, substituem a revelação divina por suas fantasias. O critério pelo qual julgam os mestres não é (como deveria ser) a Palavra de Deus, mas o seu próprio gosto subjetivo. Ainda mais, não ouvem primeiro para depois decidir se o que ouviram é verdade; primeiro decidem o que querem ouvir e depois escolhem mestres que são obrigados a manter o padrão por eles exigido.

Como Timóteo deverá reagir a isto? Quase se pode adivinhar que uma tal situação desesperadora o faria silenciar. Se os homens não podem suportar a verdade e não querem ouvi-la, seria mais prudente para ele ficar quieto? Paulo, porém, chega a uma conclusão diferente, porque pela terceira vez usa aqueles dois pequenos monossílabos *su de* "TU, PORÉM" (cf. 3: 10-14). Ele repete sua ordem a Timóteo, ordena-lhe que seja diferente, não se deixando influenciar pela moda prevalecente.

Agora seguem quatro ordens bem distintas, que parecem ser deliberadamente concebidas para a situação em que Timóteo se encontra e para o tipo de pessoas a quem ele foi chamado a ministrar.

(1) Por serem pessoas instáveis de mente e conduta, Timóteo deverá acima de tudo ser sempre "sóbrio". Literalmente *nephö* significa estar sóbrio e, figurativamente, "livre de qualquer forma de embriagues mental e espiritual" sendo, pois, "bem equilibrado, autocontrolado". Quando homens e mulheres se intoxicam com heresias inebriantes e novidades reluzentes, os ministros devem conservar-se calmos e sensatos.

(2) Mesmo que o povo não queira dar ouvidos ao seu bom ensino, Timóteo deve persistir em ensinar, predispondo-se a suportar aflições, por causa da verdade que ele se recusa a comprometer. Sempre que a fé bíblica se torna impopular, os ministros são altamente tentados a mudar aqueles elementos que promovem a maior ofensa.

(3) Timóteo deve fazer o "trabalho de um evangelista', porque o povo é desgraçadamente ignorante a respeito do verdadeiro evangelho. Não está claro se a referência é feita a um ministério especial, como se pretende nas duas únicas outras passagens do Novo Testamento onde a palavra ocorre (At 21; Ef 4: 11). A alternativa é interpretá-la como alguém que prega o evangelho e testemunha de Cristo. De qualquer forma, é como se Paulo estivesse ordenando a Timóteo: "Faze da pregação do evangelho a obra da tua vida". As boas novas não devem somente ser preservadas da distorção; elas devem ser propagadas.

(4) Mesmo que as pessoas abandonem o ministério de Timóteo em favor de mestres que lhes cocem as idéias fantasiosas, Timóteo deve cumprir o seu ministério. O mesmo verbo é usado na passagem onde Paulo e Barnabé cumpriram a obra de assistência em Jerusalém. Lucas escreve que eles voltaram de Jerusalém, cumprida a sua missão (At 12: 35). Assim também Timóteo deve perseverar, até que sua tarefa esteja cumprida.

Portanto, as quatro ordens de Paulo, ainda que diferentes nos detalhes, transmitem a mesma mensagem geral. Aqueles dias, em que era difícil conquistar ouvidos para o evangelho, não deveriam desencorajar Timóteo; nem detê-lo em seu ministério; nem induszi-lo a adaptar a sua mensagem ao gosto de seus ouvintes; nem, menos ainda, silenciá-lo de uma vez; mas antes deveriam estimulá-lo a pregar ainda mais. Conosco deve acontecer o mesmo. Quanto mais difíceis os tempos e mais surdas as pessoas, tanto mais clara e persuasiva deve ser a nossa proclamação, ou,

[71] Ellicott, p. 160.

como diz Calvino, "quanto mais os homens se tornam determinados a desprezar o ensino de Cristo, tanto mais Melosos devem ser os ministros de Deus em pugnar por ele e tanto mais ardorosos os seus esforços em preservá-lo incólume e, mais ainda, por sua diligência devem repelir os ataques de Satanás".[72]

c. O velho apóstolo (vs. 6-8)

O terceiro motivo da exortação tem a ver com um outro evento no futuro, ou seja, o seu próprio martírio. O elo entre este parágrafo e o versículo 5, que o precede, é bem claro. O argumento de Paulo poderia ser escrito da seguinte forma: "TU, PORÉM, Timóteo, tu deves cumprir o teu ministério porque *eu* já estou às portas da morte". É de vital importância que Timóteo continue e complete o seu ministério, uma vez que a tarefa de toda uma vida do apóstolo Paulo está chegando ao fim. Assim como Josué sucedeu a Moisés, Salomão sucedeu a Davi e Eliseu a Elias, assim também agora Timóteo deve suceder a Paulo.

O apóstolo usa duas vividas figuras de linguagem para descrever sua morte próxima, uma tirada da linguagem do sacrifício e outra (provavelmente) dos barcos. Em primeiro lugar, "estou sendo já oferecido por libação" ou "minha vida já está sendo colocada no altar". Ele compara a sua vida com um sacrifício e uma oferta. Tão perto ele crê estar do martírio, que fala como se o sacrifício já tivesse começado. E prossegue: "o tempo da minha partida é chegado". 'Tartida" *(analysis)* é um termo que se tornou usual para expressar "morte", mas daí não precisamos concluir, necessariamente, que sua origem metafórica tenha sido completamente esquecida. Significa "desatar", "desamarrar", podendo tanto ser usado no sentido de "levantar acampamento" (preferido por Lock,[73] por causa da expressão soldadesca, no versículo seguinte, "combati o bom combate"), como também no de "libertação" de algemas (mencionado por Simpson),[74] ou "soltar um bote de suas amarras". A última é certamente a mais pitoresca das três possibilidades. As duas imagens, pois, combinam-se razoavelmente,[75] porque o fim desta vida (derramada como libação) é o começo da outra (posta ao mar). A âncora já foi levantada, as amarras já estão soltas e o barco está prestes a fazer-se à vela, rumo a outra praia. Ainda, antes do início da grande aventura de sua nova viagem, Paulo se volta a contemplar o seu ministério de aproximadamente 30 anos. Ele o descreve (concretamente, sem jactância) com três expressões concisas.

Primeira: "combati o bom combate". As palavras poderiam igualmente ser traduzidas por "corri a grande corrida", porque *agön* denota qualquer contexto envolvendo esforço, seja uma corrida ou uma luta. Mas, já que a frase seguinte alude à corrida ou carreira que ele acabou, parece provável que Paulo esteja combinando, novamente, as metáforas do soldado e do atleta (como em 2: 3-5) ou, pelo menos, as metáforas da luta romana e das corridas.

Em seguida escreve: "completei a carreira". Alguns anos antes, falando aos anciãos da mesma igreja em Éfeso, a qual Timóteo estava agora presidindo, Paulo expressara o desejo de fazer exatamente isto. "Em nada considero a minha vida preciosa para mim mesmo, contanto que complete a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus. . ." (At 20-24). Agora Paulo está em condições de dizer que assim o fez. "O que fora um propósito, era agora um retrospecto, comenta N. J. D. White.[76] Ele podia usar o tempo perfeito do verbo nessas três expressões, tal como Jesus o fizera no cenáculo,[8] porque o seu fim estava tão à vista.

---

[72] Calvino, p. 334

[73] Lock, p. 111

[74] Simpson, p. 154.

[75] É interessante que Paulo tenha usado ambas as metáforas durante sua prisão anterior, quando também enfrentou a possibilidade de morte (Fp 2:17; 1:23).

[76] White, p. 178. [8]Jo 17:4: "Consumando a obra que me confiaste para fazer".

Terceira: "guardei a fé". Isto bem pode significar "guardei a fé no meu Mestre".[77] No contexto desta carta, contudo, que enfatiza tão fortemente a importância de guardar o depósito da verdade revelada, é mais provável que Paulo esteja afirmando sua fidelidade neste sentido. "Guardei, com toda segurança, como bom guardião ou despenseiro, o tesouro do evangelho confiado aos meus cuidados."

Assim, a obra do apóstolo e, num âmbito menor, de cada pregador ou ensinador do evangelho, é descrita como enfrentar uma luta, correr uma corrida, guardar um tesouro. Tais ações envolvem trabalho, sacrifício e até mesmo perigo. Em todas as três Paulo foi fiel até o fim.

Agora nada lhe resta, senão o prêmio, por ele chamado de "a coroa" (ou melhor, "a grinalda") da justiça, que lhe "está guardada" e que lhe será dada no dia da vitória, "naquele dia". Mesmo sem valor em si, feitas de folhas verdes, em vez de folhas de prata ou ouro, as grinaldas conquistadas pelos vencedores nos jogos gregos eram altamente apreciadas. "Muitos vilarejos daqueles dias", assim escreve o Rev. Moule, "derrubavam uma parte do seu muro branco a fim de que um seu filho, coroado com a coroa de louros ou do Olímpia, adentrasse *por um portão ainda não usado antes.*"[78] A coroa a que Paulo se refere como destinada a si ele a chama de "justiça" *(dikaiosynê).* Pelo seu linguajar característico, o sentido mais natural dessa palavra seria "justificação" mas, talvez, aqui ela tenha uma colocação um pouco diferente, estando em evidente contraste com a sentença que, a qualquer hora, um juiz humano lhe dará numa corte humana. O imperador Nero pode declará-lo culpado e condená-lo à morte, mas logo virá "uma magnífica revogação do veredicto de Nero",[79] quando "o Senhor, reto juiz", o declarar justo.

A mesma justificação por Cristo é também para "todos quantos amam a sua vinda". Isto não é, de maneira alguma, uma doutrina de justificação por boas obras. É desnecessário enfatizar a contínua convicção de Paulo, de que a salvação é um presente da graça de Deus, "não segundo as obras, mas conforme a sua determinação e graça" (1: 9). A coroa da justiça é concedida a "todos quantos amam a sua vinda", não porque esta seja uma atitude meritória a ser adotada, mas por ser uma firme evidência da justificação. O descrente, não justificado, teme a volta de Cristo (caso creia ou simplesmente pense nela). Não estando preparado para ela, temerá de vergonha perante Cristo, na sua vinda. O crente, por outro lado, tendo sido justificado, aguarda a volta de Cristo e se afeiçoou a ela. Achando-se preparado, o cristão terá confiança quando Cristo aparecer (1 Jo 2: 28). Somente aqueles que adentraram pela fé nos benefícios da primeira vinda de Cristo aguardam ansiosamente a sua segunda vinda (cf. Hb 9:28).

Este é, pois, Paulo, o velho, como ele mesmo se chamou, um ou dois anos antes, em sua carta a Filemon (v.9). Paulo combateu o bom combate, completou a carreira e guardou a fé. O seu sangue está a ponto de ser derramado, o seu pequeno barco está a ponto de fazer-se à vela. Ele está esperando ansiosamente por sua coroa. Estes fatos devem ser para Timóteo um terceiro estímulo à fidelidade.

Nosso Deus é o Deus da História. Deus está executando o seu propósito ano após ano. Um obreiro pode cair, mas a obra de Deus continua. A tocha do evangelho é transmitida de geração a geração. Ao morrerem líderes da geração anterior, é da maior urgência que se levantem aqueles da geração seguinte e com coragem tomem os seus lugares. O coração de Timóteo deve ter sido profundamente tocado por esta exortação do velho guerreiro Paulo, que o levara a Cristo.

Quem levou o leitor a Cristo[1]? Tal pessoa está envelhecendo?

Quem me levou a Cristo está agora aposentado (mas ainda ativo!). Não podemos descansar para sempre na liderança da geração que nos precedeu. Chegará o dia em que deveremos substituí-los e, nós mesmos, tomaremos a liderança. Tal dia acabava de chegar para Timóteo; a seu tempo chegará para todos nós.

---

[77] Lock, p. 111

[78] Moule, p. 145

[79] Simpson, p. 157

Assim, pois, em vista de que Cristo vem para julgar, e de que o mundo tem aversão pelo evangelho, e de que a morte do apóstolo encarcerado é iminente, a última exortação a Timóteo continha uma nota de solene urgência: "*Prega a Palavra!*"

3. Uma ilustração da exortação (vs. 9-22)

Procura vir ter comigo depressa. [10]Porque Demas, tendo amado o presente século, me abandonou e se foi para Tessalônica; Crescente foi para a Galada, Tito para a Dalmácia. [11]*Somente Lucas está comigo. Toma contigo a Marcos e traze-o, pois me é útil para o ministério.* [12] *Quanto a Tíquico, mandei-o até Éfeso.* [13]*Quando vieres, traze a capa que deixei em Trôade em casa de Corpo, bem como os livros, especialmente os pergaminhos.* [14]*Alexandre, o latoeiro, causou-me muitos males; o Senhor lhe dará a paga segundo as suas obras.* [15]*Tu, guarda-te também dele, porque resistiu fortemente às nossas palavras.* [16]*Na minha primeira defesa ninguém foi a meu favor; antes, todos me abandonaram. Que isto não lhes seja posto em conta.* [17]*Mas o Senhor me assistiu e me revestiu de forças, para que, por meu intermédio, a pregação fosse plenamente cumprida, e todos os gentios a ouvissem; e fui libertado da boca do leão.* [18]*0 Senhor me livrará também de toda obra maligna, e me levará a salvo para o seu reino celestial. A ele, glória pelos séculos dos séculos. Amém.*

[19]*Saúda a Prisca e Áqüila e à casa de Onesíforo.* [20]*Erasto ficou em Corinto. Quanto a Trófimo, deixei-o doente em Mileto.* [21] *Apressa-te a vir antes do inverno. Êubulo te envia saudações; o mesmo fazem Prudente, Lino, Cláudia e os irmãos todos.* [22]O *Senhor seja com o teu espirito. A graça seja convosco.*

Paulo faz mais do que exortar Timóteo a pregar a Palavra baseando-se somente numa teoria; ele lhe dá uma ilustração disso, partindo de seu próprio exemplo. Ele mesmo pregou a palavra, não somente durante o seu ministério, mas também muito recentemente, e com audácia, na corte quando acusado diante da Roma Imperial.

Para bem considerarmos os detalhes dessa notável proclamação, devemos antes entender as circunstâncias em que ela aconteceu.

De sua grandiosa avaliação geral do passado ("combati o bom combate") e de sua confiante antevisão do futuro ("já agora a coroa da justiça me está guardada. . ."), ele retorna em pensamento ao presente e à sua situação pessoal, pois que o grande apóstolo Paulo era também uma criatura de carne e osso, um homem com a mesma natureza e as mesmas paixões que as nossas. Mesmo concluída a sua carreira e aguardando a sua coroa, ele é ainda um frágil ser humano, com necessidades humanas comuns. Descreve a sua difícil situação na prisão, e externa, particularmente, a sua solidão.

Vários fatores contribuíram para Paulo se sentir só; ele os menciona abertamente: foi abandonado por seus amigos (9-13); sofreu a oposição de Alexandre, o latoeiro (14-15); e ninguém foi a seu favor em sua primeira defesa (16-18).

a. Abandonado por seus amigos (vs. 9-13 e 19-21)

É quase certo que Paulo não foi inteiramente abandonado por seus amigos. Isto se torna claro se, a esta altura, dermos uma olhada no final do capítulo. Paulo refere-se ali, em primeiro lugar, a seus amigos de ultramar (19) e envia-lhes uma mensagem de saudação. 'Prisca e Áqüila, seus cooperadores em Cristo Jesus" (Rm 16: 3), e com os quais esteve em Corinto (At 18: 2; 1 Co 16: 19) ainda estavam, como se depreende, em Éfeso, onde são mencionados pela última vez, de acordo com o registro de Atos 18: 26. Em relação à casa de Onesíforo ainda está separado de sua família, e em Roma.

Paulo então envia informações a respeito de dois outros amigos mútuos (v.20). Erasto, ele diz, "ficou em Corinto". Talvez seja correto tomá-lo como sendo o Erasto descrito como "o tesoureiro da cidade" de Corinto (Rm 16: 23) e com o Erasto que Paulo enviou com Timóteo à Macedônia (At 19: 22). O fato de que Paulo precisa informar a Timóteo que Erasto ficara em Corinto indica que, após o re-aprisionamento de Paulo, Erasto tenha acompanhado o prisioneiro até Corinto, quando a caminho de Roma. A outra informação se refere a Trófimo, natural de

Éfeso, e que fora um dos companheiros de Paulo, na sua terceira jornada missionária, ao menos na Grécia e em Trôade e na viagem a Jerusalém (At 20:1-5; 21: 29). Não conhecemos as circunstâncias em que Paulo o deixou doente em Mileto, o porto perto de Éfeso.

Nestes últimos versículos da carta, o apóstolo também menciona alguns cristãos de Roma, os quais mandam suas saudações a Timóteo. Três nomes são mencionados: Êubulo, Prudente e Lino (o último possivelmente seja o mesmo Lino mencionado por Irineu e Eusébio como o primeiro bispo de Roma, após o martírio de Pedro e de Paulo), e uma mulher, Cláudia, e depois "todos os irmãos". Parece plausível, uma vez que Paulo conhece alguns de seus nomes, e pode enviar saudações da parte deles a Timóteo, que eles o tenham visitado na prisão.

Não obstante, o apóstolo sente-se terrivelmente isolado e abandonado, exilado das igrejas que fundara e de seus membros, os quais conhece e ama. Mais doloroso ainda é o fato de que alguns de seu círculo fechado de companheiros de viagem, por uma ou por outra razão, o deixaram ou foram separados dele. É a comunhão com eles que lhe falta mais que tudo. Nos versículos 10 e 12, quatro deles são mencionados separadamente: Demas, Crescente, Tíquico e Tito.

A deserção de Demas é obviamente muito dolorosa a Paulo. Anteriomente ele tinha sido um de seus companheiros mais chegados ou "co-obreiros". Nos dois outros versículos do Novo Testamento onde ele é mencionado, o seu nome vem ao lado de Lucas (Cl 4: 14; Fm 24). Agora, ao invés de colocar seu amor na vinda futura de Cristo (v.8), ele começou a amar o "presente século" (literalmente "época"). Os detalhes não são divulgados. O Rev. Moule talvez tenha razão ao supor que ele foi "atacado pela covardia naquele domínio de terror".[80]

Os outros três não são censurados por afastamento. Crescente, cujo nome não aparece em qualquer outra passagem do Novo Testamento, "foi para a Galácia" (talvez aqui significando Gália), e Tito, que entrementes deve ter terminado sua tarefa em Creta, viajou para a Dalmácia, na costa oriental do Adriático. Não são dadas as razões para essas mudanças. De Tíquico, contudo, Paulo diz: "mandei-o até Éfeso" (v.12). Duas vezes descrito como "irmão amado e fiel ministro do Senhor", já tinha sido enviado em várias missões de responsabilidade anteriormente, levando cartas de Paulo aos efésios, aos colossenses e a Tito (Ef 6: 21-22; Cl 4: 7-8; Tt 3: 12). Parece que agora lhe é confiada a última de todas as cartas de Paulo, esta carta a Timóteo. Pode ser que Paulo também pretenda que ele fique em lugar de Timóteo em Éfeso, durante o tempo em que este venha visitá-lo em Roma.

Aqui, pois, estão quatro companheiros de lutas, íntimos e de confiança, dos quais Paulo sente muita falta. A ausência deles, contudo (exceto no caso de Demas), *é* legitimada pelos interesses do Senhor. Paulo prossegue: "somente Lucas está comigo" (v.11). É um tocante testemunho da lealdade do "médico amado" (Cl 4:14) e companheiro do apóstolo. Não considerando esta única exceção de Lucas, contudo, por várias razões, boas e más, Paulo está sozinho na prisão. Ele sente profundamente esta solidão. Deseja e pede três coisas: primeiro, pessoas que lhe façam companhia; segundo, uma capa que o aqueça; terceiro, livros e pergaminhos que o mantenham ocupado.

Em primeiro lugar, Paulo quer companheiros. Ordena a Timóteo: "Toma Marcos e traze-o contigo" (v.ll). Marcos tinha sido um desertor na primeira viagem missionária (At 12: 25; 13: 13; 15: 38-39). Mais tarde, porém, foi reintegrado (Cl 4: 10; Fm 24; 1 Pe 5:13) e agora poderia ser "-muito útil ao ministério".

Acima de tudo, porém, Paulo tem saudades de Timóteo. "Procura vir ter comigo depressa" (v.9). "Apressa-te a vir antes do inverno" (v.21). Se ele quer mesmo rever Timóteo e desfrutar da sua amizade, então Timóteo deve vir logo (enquanto ainda estiver vivo) e, de todo modo, antes do inverno (enquanto a navegação ainda seja possível). Assim, duas vezes ele insiste para que Timóteo faça o possível para vir. Não devemos depreciar a urgência do afetuoso desejo de Paulo em ver Timóteo. O mesmo

[80] Moule, p. 150

apóstolo, que pusera o seu amor e a sua esperança na volta de Cristo (v.8), também anela pela volta de Timóteo. "Sem cessar me lembro de ti . . . noite e dia, ansioso por ver-te, para que eu transborde de alegria" (1: 3-4), assim escreveu no início da carta. Esses dois desejos não são incompatíveis. Às vezes encontramos pessoas super-espirituais que fingem nunca sentir solidão e nem ter necessidades de amigos humanos, pois a companhia de Cristo lhes satisfaz em todas as necessidades. A amizade humana, contudo, é uma provisão amorosa de Deus. Foi o próprio Deus que disse, no início: "não é bom que o homem esteja só" (Gn 2:18). Ainda que maravilhoso, a presença de Jesus a cada novo dia e a perspectiva de sua volta no último dia não substituem as amizades humanas.

Paulo precisa de roupa quente, tanto quanto de companheirismo. Assim ele recomenda com insistência a Timóteo: "Quando vieres, traze a capa que deixei em Trôade, em casa de Carpo" (v. 13). Parece provável que *phailonès* (capa) eqüivalia ao latim *paenula,* "uma peça do vestuário exterior, de tecido grosso, em modelo circular, com uma abertura no centro para a cabeça". [81] Paulo achou que ela lhe seria bastante útil, sem dúvida, pressentindo que o inverno se vizinhava (v.21). Mas quem era Carpo e por que Paulo deixou seus pertences com ele em Trôade? Só podemos imaginar. O Rev. Moule conjectura que foi na casa de Carpo, em Trôade, que teve lugar a "memorável ceia do Senhor" (At 20: 1 e seguintes) e que de lá mesmo, anos mais tarde, Paulo foi levado preso, sem ter tido a oportunidade de trazer os seus pertences.[82]

A terceira necessidade mencionada por Paulo é a de livros, "especialmente os pergaminhos" (v.13). A diferença entre os dois é que os primeiros eram feitos de papiro, e não de pergaminho. Estes rolos de pergaminho talvez fossem escritos seus, ou sua correspondência, ou algum documento oficial, ou até mesmo seu certificado de cidadania romana. É provável que os pergaminhos fossem sem uso (talvez "cadernos de apontamentos"), mas podem ter sido "livros", e a suposição mais provável é que fossem a "versão de Paulo do Antigo Testamento para o grego, não sendo uma carga pequena, que pudesse ser carregada daqui para ali;[83] e/ou "possivelmente cópias oficiais das palavras do Senhor ou narrativas primitivas de sua vida".[84]

Estas, pois, eram as três necessidades conscientes de Paulo. Depois ele diz que, na sua primeira defesa na corte "o Senhor me assistiu e me revestiu de forças" (v.17). Sem dúvida Paulo desfrutou da companhia e força do Senhor Jesus, em seu calabouço. Todavia, o auxílio que recebeu do seu Senhor foi tanto de modo direto como indireto. Paulo não desprezou os meios. Nós também não devemos fazê-lo. Quando nosso espírito está solitário, precisamos de amigos. Quando nosso corpo está sentindo frio, precisamos de roupas. Quando nossa mente está aborrecida, precisamos de livros. Não é falta de espiritualidade admitir isso; é humano. São necessidades naturais de homens e mulheres mortais. No dizer sábio do Rev. Moule, o ser humano "nunca é desnaturalizado pela graça, nem um momento".[85] Não precisamos, pois, negar a nossa humanidade ou fragilidade, ou julgar-nos feitos de outra matéria que não o pó.

Certamente alguns cristãos, hoje, desprezam de modo geral a leitura e o estudo, e afirmam que nunca sentiram a necessidade de livros, em tempo algum, mesmo sozinhos na prisão. Deixemos que Calvino lhes responda: "Esta passagem refuta ainda mais a loucura dos fanáticos que desprezam os livros e condenam toda leitura, gloriando-se somente de seu *enthusiasmous,* suas aspirações particulares de Deus. Mas devemos observar que esta passagem aprova a leitura constante a todo homem temente a Deus, como algo de que ele pode tirar proveito".[86]

---

[81] Guthrie, p. 173.
[82] Moule, pp. 157s.
[83] Hanson, p. 102
[84] Lock.p. 118
[85] Moule, p. 152.
[86] Calvino, p. 341

Vários comentaristas aludem ao paralelo histórico entre o aprisionamento de Paulo em Roma e o de William Tyndale na Bélgica aproximadamente quinze séculos depois. Eis a descrição de Tyndale, feita por Handley Moule e pela citação de sua carta:

"Em 1535, preso pelo perseguidor em Vilvorde, na Bélgica, ele escreveu, pouco antes de seu martírio nas chamas, uma carta em latim ao Marquês de Bergen, administrador do castelo: 'Rogo de Vossa Senhoria pelo Senhor Jesus que, se eu tiver de ficar aqui durante o inverno, suplique ao comissário a fineza de mandar-me, das coisas que são minhas, e que estão com ele, um gorro de lã; sinto dolorosamente o frio em minha cabeça. Também uma capa mais quente, pois que a que tenho é muito fina. Ele tem uma camisa de lã minha, caso queira mandá-la. Mas, acima de tudo, minha Bíblia hebraica, minha Gramática e meu Vocabulário, para que eu use meu tempo nesta atividade' ".[87]

b. A oposição de Alexandre, o latoeiro (vs. 14-15)

O segundo fato que contribuiu para a provação de Paulo foi a violenta oposição feita a ele e à sua mensagem, por um homem chamado *Alexandre.* Sabemos que a profissão dele era a de "latoeiro", ou trabalhador com cobre, como Paulo descreve, mas não sabemos sua identidade. Não é provável que Alexandre, o latoeiro, tenha sido a mesma pessoa que Alexandre, o herético (1 Tm 1: 20) ou Alexandre, o orador (At 19: 33), pois que esse nome era comum. Também não sabemos quais foram "os muitos males" que fez ao apóstolo. A. T. Hanson assinala que, numa tradução literal, Alexandre "informou muitas coisas más contra mim" e que "a palavra usada para um delator tem relação com este verbo".[88] Assim, alguns comentaristas sugerem que Alexandre foi o delator responsável pela segunda detenção de Paulo. Se isto aconteceu em Trôade, talvez explique por que Timóteo, que deveria passar por Trôade, a caminho de Roma (13), é avisado: "guarda-te também dele". Mas Alexandre fez mais do que informar, "porque resistiu fortemente às nossas palavras". Podemos estar seguros de que era a preocupação de Paulo pela verdade da mensagem, e não um ressentimento pessoal ou uma vingança que o levaram a expressar sua convicção (trata-se de uma afirmação, de acordo com os melhores manuscritos, não um desejo ou uma oração) de que: "o Senhor lhe dará a paga, segundo as suas obras".

c. Ninguém a seu favor, em sua defesa (vs. 16-18)

Alguns pensaram que a "primeira defesa" de Paulo é uma referência ao seu primeiro aprisionamento e que a proclamação da palavra aos gentios (que ele menciona no versículo seguinte) se deve à sua soltura desta prisão.[89]

O contexto, porém, parece fazer referência a algum outro evento recente. Assim, a maioria dos comentários entende sua *primeira defesa* como sendo o primeiro interrogatório ou *prima actio* de seu caso, "a investigação preliminar, precedendo o julgamento definitivo".[90]

Nessas circunstâncias a lei romana deveria ter-lhe permitido contratar um advogado e convocar testemunhas. Mas, como Alfred Plummer explica, "nem um, entre todos os cristãos de Roma, ninguém queria estar a seu lado na corte, nem para falar uma palavra a seu favor, nem para aconselhá-lo quanto à conduta em seu caso, ou apoiá-lo com uma demonstração de simpatia".[91] "Na minha primeira defesa ninguém foi a meu favor; antes, todos me abandonaram." Ninguém precisava tanto de ajuda como Paulo, nessa hora em que era alvo de acusação. Não nos são conhecidas as acusações que pesavam sobre ele, mas sabemos de Tácito, de Plínio e de outros escritores da época que alegações eram feitas aos cristãos daquela época. Eles eram tidos como réus de crimes horrendos contra a sociedade civilizada. Eram acusados de

[87] Moule, pp. 158s
[88] Hanson, p. 102.
[89] Eusébio, 11.22.1-8.
[90] Guthiie, p. 175.
[91] Plummer, p. 420

ateísmo (porque se abstinham da idolatria e do culto ao imperador), de "canibalismo" (porque falavam em comer o corpo de Cristo), e até mesmo de "generalizado ódio contra a raça humana" (porque os consideravam desleais a César e talvez porque tivessem renunciado aos populares prazeres do pecado). Pode bem terem sido algumas destas acusações que estavam sendo levantadas contra Paulo. Qualquer que fosse o caso para a instauração do processo, não havia ninguém para defendê-lo, a não ser ele mesmo. Estava sem assistência e sozinho porque os amigos cristãos não queriam ou não podiam apoiá-lo.

Este momento, podemos dizer cautelosamente, foi o Getsêmani de Paulo. E claro que sua agonia foi diferente da de Cristo; contudo, como aconteceu ao seu Mestre anteriormente, Paulo teve de enfrentar sozinho a provação, pois na hora de sua maior necessidade pôde dizer "todos me desampararam", assim como está escrito acerca de Cristo: "deixando-o, todos fugiram" (Mc 14: 50). Lock continua e pergunta, observando nove similaridades verbais entre o Salmo 22 e os versículos 10 e 16-18: "estaria Paulo pronunciando este salmo, como seu Mestre, na hora em que foi desamparado?" [92] Certamente, outra vez tal como seu Mestre, Paulo orou que o pecado deles "não lhes seja posto em conta". Assim, podemos estar certos de que não há uma irreconciliável discrepância entre esta oração e a declaração a respeito de Alexandre, dois versículos acima. Os casos são bem diferentes. Alexandre, na verdade, falou com deliberada malícia contra o evangelho, enquanto que os amigos de Paulo, em Roma, deixaram completamente de falar e seu silêncio não era devido à malícia mas ao medo.

Contudo, outra vez como seu Mestre, Paulo sabia que *não* estava sozinho. Antevendo a deserção que em breve ocorreria, Jesus disse: "Eis que vem a hora, e já é chegada, em que sereis dispersos, cada um para sua casa, e me deixareis só; contudo não estou só, porque o Pai está comigo" (Jo 16:32). Do mesmo modo Paulo pôde dizer que, apesar de todos o terem desamparado, "o Senhor me assistiu e me revestiu de forças" (v.17). A presença de Cristo a seu lado, dando-lhe uma força interna (o verbo é *endynamoõ,* como em 2: 1 e Fp 4: 13), capacitou-o a pregar o evangelho a todos os gentios presentes e a conseguir o seu livramento (ao menos temporários) "da boca do leão".

Há muita especulação a respeito da identidade desse "leão". Podemos estar certos de que ele não se refere aos leões do anfiteatro, porque, sendo cidadão romano, Paulo não poderia ter tal destino. Os comentaristas gregos primitivos criam que ele se referia indiretamente a Nero, "por causa da sua natureza cruel", [93] e A. T. Hanson menciona que, de acordo com Josefo, a notícia da morte do imperador Tibério, no ano 37 d.C, "foi dada a Herodes Agripa através da forma enigmática 'o leão está morto' ". [94] Outros supõem que o leão seja Satanás (como em 1 Pe 5: 8), ou o homem que o processava na corte, ou a morte ou, de modo ainda mais vasto, o grande perigo em que seus inimigos o tinham posto (como nos Salmos 22: 21; 35: 17). Em todo caso, Paulo se afigura neste incidente como um Daniel do Novo Testamento, a quem o Senhor protege, fechando a boca do leão.

Quanto ao futuro, Paulo prossegue confiante: "o Senhor me livrará", não da morte (porque ele já está contando com ela cf. o v.6), mas "de toda a má obra" que está fora da vontade permissiva de Deus. Ele também "me levará salvo para o seu reino celestial", mesmo que Nero me despache do meu reino terrestre.

Agora estamos em condições de admirar a magnífica ilustração que o apóstolo dá a Timóteo, quanto à exortação de "pregar a palavra". Paulo está sendo acusado por causa de sua vida. Foi abandonado por seus amigos (que o deixaram em apuros, ou que foram incapazes de ajudá-lo), sofreu a oposição de seus inimigos e, em seu julgamento, não teve a assistência de nenhum advogado ou testemunha. Paulo está sozinho. Será que agora pensará em si mesmo, para variar? Certamente agora é a

[92] Lock, p. 116
[93] Eusébio, 11.22.4
[94] Hanson, p. 103

hora de demonstrar ao menos um pouco de autocompaixão! Não tem ele que se defender e pleitear a sua causa? Talvez ele tenha respondido às acusações que lhe foram feitas porque se refere ao julgamento como sua "defesa" (v.16). Contudo mesmo nesta difícil situação de perigo, diante da possibilidade de uma sentença de morte, o que mais lhe preocupa não é a sua pessoa mas sim Cristo; e procura não ser uma testemunha em sua própria defesa, mas uma testemunha de Cristo; ocupa-se não em pleitear a sua própria causa, mas a de Cristo.

Num dos mais altos tribunais do império, diante de seus juízos e, possivelmente, diante do próprio imperador, sem dúvida com um grande público presente, Paulo "pregou a palavra" ou, como ele mesmo expressa: "o Senhor me assistiu, e me revestiu de forças, para que, por meu intermédio, a pregação fosse plenamente cumprida, e todos os gentios a ouvissem". Se já houve um sermão pregado "fora do tempo", foi este!

Tudo o que ele nos diz a respeito do seu conteúdo é que "o *kèrigma* foi plenamente cumprido". Significa que aproveitou a oportunidade para expor, em sua plenitude, o evangelho, a boa notícia de Jesus Cristo encarnado, crucificado, ressuscitado, que reina e que há de vir. Por isso mesmo pôde ele clamar, como o fez, "completei a carreira" (v.7).

Alfred Plummer nos dá uma descrição dessa cena, como ele a imagina:

> "É bem possível que este evento, que o apóstolo dos gentios considera como o ato final de sua missão e de seu ministério, tenha acontecido no próprio fórum. .. Mas, de qualquer forma, foi numa corte, à qual o público teve acesso; e o público romano, naquela época, era o mais representativo do mundo. . . Naquela cidade representativa e diante daquele auditório representativo, ele pregou a Cristo; e através daqueles que o ouviram o fato se tornaria conhecido através de todo o mundo civilizado, o fato de que na cidade imperial e diante dos juizes da corte imperial, o apóstolo de Cristo proclamou a chegada do seu reino."[95]

Este, pois, deve ser o modelo para Timóteo. No passado ele seguira a Paulo na sua doutrina, na sua conduta e nos seus sofrimentos (3: 10-11); nisto ele também poderia seguir seguramente o exemplo de Paulo. Porque, ao exortar Timóteo solenemente a pregar a palavra, e pregá-la com urgência, ele mesmo não se evadiu do desafio. Ao contrário, ele reforçou a sua exortação, não somente com a vida de Cristo, com situação presente e com sua morte iminente, mas também com o brilhante exemplo que dera justamente na corte imperial, num momento de grande solidão e perigo.

d. Conclusão

Sublinhando esta carta inteira está a convicção básica que Paulo tinha de que Deus falou através de seus profetas e apóstolos, e que esta singular revelação - "a fé", "a verdade", "a palavra", "o evangelho", "a sã doutrina" — foi confiada à Igreja como um tesouro sagrado ou um "depósito".

Agora o apóstolo, que por três décadas de ativo ministério confiou fielmente a outros o que ele mesmo tinha recebido, está em seus derradeiros momentos de vida. Ele está exatamente a ponto de ser sacrificado. Com os olhos da mente parece ter tido um vislumbre da luzidia espada do carrasco. Por isso ele deseja veementemente que Timóteo, seu jovem mas fiel tenente, o substitua, continuando a partir do momento em que parar, e que passe a tocha adiante a outros.

Contudo Paulo tem plena consciência das dificuldades, tanto internas como externas. Timóteo é inexperiente, fraco e tímido. A oposição do mundo é forte e sutil e, por detrás dessas coisas, está o diabo, tentando "capturar vivos os homens," para

[95] Plummer, pp. 425s

aprisioná-los; porque o diabo odeia o evangelho e usa toda a sua força e astúcia para impedir-lhe o progresso, e isso faz ora pervertendo-o na boca dos que devem pregar, ora amedrontando-os até o silêncio através da perseguição ou do ridículo, ora persuadindo-os a ir além do evangelho, em alguma novidade fantasiosa, ora fazendo-os tão ocupados com a defesa do evangelho a ponto de não terem tempo de proclamá-lo.

Assim, pois, conhecendo o sagrado depósito que lhe fora confiado, a iminência de seu martírio, a natural fraqueza de Timóteo, a oposição do mundo e a extrema sutileza de Satanás, Paulo dá a Timóteo essas quatro exortações com relação ao evangelho: *guardá-lo* (porque é um tesouro de valor inestimável), *sofrer* por ele (por ser uma pedra de tropeço ao orgulho), *permanecer* nele (porque é a verdade de Deus) e *pregá-lo* (porque é a boa nova da salvação). Timóteo foi chamado a ser fiel em sua geração; onde estão os homens e as mulheres dispostos a serem fiéis em nossos dias? Tais pessoas são necessárias com urgência. Sem dúvida nossa preocupação será: "Mas quem é capaz de tudo isso?" Se este é o caso, precisamos considerar duas expressões bem curtas nos versículos finais da carta, os quais até agora omiti.

Primeiro, no versículo 22: "O Senhor esteja com o teu espírito. A graça seja convosco". Estas são as últimas palavras do apóstolo que foram registradas. Se até este ponto da carta ele esteve ditando (talvez a Lucas), possivelmente agora ele próprio tenha tomado a pena e escrito, como que assinando a missiva. "O Senhor esteja com o teu (no singular) espírito" é sua oração, assim como ele esteve comigo durante o meu julgamento (v. 17), e que "a graça (palavra que sintetiza toda a teologia de Paulo) seja convosco!" Desta vez o pronome é "convosco", no plural, que "demonstra que a carta de fato é destinada a uso público".[96] Foi escrita para toda a Igreja. Foi escrita para nós, hoje.

Depois, no versículo 18, lemos: "A ele glória pelos séculos dos séculos. Amém". Seria difícil achar resumo melhor do que estas duas sentenças para a vida e para a aspiração do apóstolo. Primeiro, ele recebeu a graça de Cristo. "Dele a graça, a ele a glória." Não devemos, em toda a nossa vida e em todo o nosso serviço cristão, ter outro desejo, ou outra filosofia, que não seja esta.

[96] Bairett, p. 125.